FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.884 | DOMINGO, 9 DE JANEIRO DE 2022 | R$ 7,00

Reprodução

PAREDÃO DE CÂNION DESABA SOBRE LANCHAS E MATA AO MENOS 7 EM MINAS

Imagens feitas de barco mostram momento em que pedaço de cânion em Capitólio (MG) cai sobre lanchas com turistas, deixando ao menos 7 mortos e 3 desaparecidos Cotidiano B1

Adriano Vizoni/Folhapress

AVANÇO DO MAR DEIXA AÇAÍ SALGADO

Produtor de cooperativa realiza colheita no arquipélago do Bailique, no Amapá; crise do clima faz ribeirinhos ficarem sem água e ameaça projeto pioneiro na região Ambiente B6

A pandemia em 8.jan

Dados das 20h

POPULAÇÃO VACINADA

No Brasil

Ao menos uma dose (dose única ou 1ª dose)	77,9%
1º ciclo vacinal completo (dose única ou 2ª dose)	67,6%
Dose de reforço	13,8%

Nos estados

	Ao menos uma dose	1º ciclo completo	Dose de reforço
SP	84,8%	78,9%	24,1%
PI	84,8%	74,9%	11,3%
MG	80,0%	72,5%	15,2%

ESTÁGIO DA DOENÇA

Óbitos

Média móvel: 120 ↑ 25,1 %*

Em 24 h: 103

Total: 619.981

Casos nos estados

	Média móvel (variação*)	Ritmo
MG	4.820 (+1.672,9%)	
RJ	4.233 (+2.383,8%)	
PR	3.831 (+570,5%)	

*Variação em relação a 14 dias

TSE obriga partidos a antecipar fundão eleitoral para negros

Medida também vale para mulheres; intenção da corte é impedir atraso na liberação de verba a esses candidatos

A Justiça Eleitoral aprovou uma regra que dá mais um passo na tentativa de ampliar a participação de mulheres e negros na política. A partir da disputa deste ano, os partidos terão de repassar de forma antecipada a verba de campanha relativa às cotas racial e de gênero.

A intenção é impedir atrasos na liberação dos recursos a candidatos desses grupos, como ocorreu em 2020.

A medida, que consta de resolução aprovada pelo Tribunal Superior Eleitoral, estabelece que as legendas terão de destinar o dinheiro a esses candidatos até 13 de setembro (a 19 dias do pleito), data final para apresentar a prestação de contas parcial.

Em 2020, pretos e pardos —então metade dos postulantes— haviam recebido só 40% do fundo até cerca de 15 dias antes da votação.

Um indicativo de que poderá haver mais rigor contra eventuais desvios está no fato de o TSE prever que o uso de "candidaturas femininas fictícias" implicará a cassação de diplomas ou mandatos de todos os candidatos da chapa partidária.

Para simular respeito à divisão proporcional do fundo para mulheres, partidos recorreram a laranjas, como revelou a **Folha**. Poder A7

ilustrada ilustríssima

Para historiadores, Dia do Fico, que faz 200, não foi 1º passo da Independência C4

Hollywood abraça os latinos, que são aposta para prêmios nesta temporada C6

MÔNICA BERGAMO

Cultura de Bolsonaro é conduzida por ressentidos, afirma ator Gabriel Leone C2

Esporte B7

Nicole Silveira sonha alto com skeleton nas Olimpíadas de Inverno em Pequim

ISSN 1414-5723 9 771414 572018 33884

EDITORIAIS A2

Recauchutagem ruim

Sobre a focalização do novo programa Auxílio Brasil

Conceder e fiscalizar

Sobre a administração de parques pelo setor privado

vida pública

No interior de SP, DNA já substitui papanicolau

Em Indaiatuba (a 98 km de São Paulo), o exame de papanicolau já é passado. Por uma parceria da prefeitura com a Unicamp e a Roche, postos de saúde passaram a fazer um teste de DNA mais assertivo no rastreamento do HPV, vírus responsável por câncer do colo do útero. O método também permite adiantar um diagnóstico mais grave em anos. Saúde B4

Presidente da Anvisa exige uma retratação de Bolsonaro

O presidente da Anvisa, Antonio Barra Torres, exigiu que Jair Bolsonaro prove a insinuação de que há interesse escuso da agência na vacinação de crianças contra Covid-19. Se não, que "exerça a grandeza que o seu cargo demanda e, pelo Deus que o senhor tanto cita, se retrate". Saúde B5

Cientistas veem ômicron como via para variantes

Apesar da menor letalidade da ômicron, especialistas alertam que a situação exige cautela, uma vez que o grande potencial de disseminação da variante facilita novas mutações. B5

Neuza Maria Ribeiro, 66, fez o teste DNA-HPV e teve diagnóstico positivo Zanone Fraissat/Folhapress

Pessimismo com a política atinge 71% dos executivos

Pesquisa da consultoria BTA, feita com exclusividade para a **Folha** entre os dias 1º e 10 de dezembro com 277 líderes empresariais, mostra uma preocupação com 2022 — 71% deles estão pessimistas com a cena política brasileira.

O levantamento revela ainda que 79% veem aumento do conjunto de problemas sociais. Mercado A12

Itamar Vieira Junior

Um salto de fé pela solidariedade

Como fez falta a mão que o senhor presidente poderia ter estendido à Bahia em solidariedade. Preferiu permanecer de férias onde não chovia, sem transmitir nenhuma palavra de conforto. Ilustríssima C5

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

Jean Galvão

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Recauchutagem ruim

Governo zera fila do Auxílio Brasil, mas programa peca pela falta de focalização ao mirar eleitores

Após a confusão nos últimos meses de 2021 para a criação do novo Auxílio Brasil, o governo Jair Bolsonaro (PL) finalmente anunciou ter zerado a fila de espera do programa, com a inclusão de mais 2,7 milhões de famílias elegíveis.

Agora, o total de beneficiários ultrapassa os 17 milhões, acima dos 14,6 milhões atendidos pelo Bolsa Família —recauchutado e extinto sobretudo por ser marca vinculada ao maior adversário político de Bolsonaro na eleição deste ano, o petista Luiz Inácio Lula da Silva.

Depois de pagar um valor médio de R$ 224 em novembro, o Auxílio Brasil prevê benefícios de R$ 400 às famílias até o final deste ano. Dois meses após o segundo turno, portanto, o valor deve ser drasticamente reduzido para a grande maioria, já que, antes da mudança, 13 milhões de famílias recebiam menos do que os R$ 400 mensais.

O Auxílio Brasil atingirá de modo focalizado boa parte dos eleitores que hoje não querem reeleger Bolsonaro: os mais pobres, os nordestinos e os desempregados.

Esses três grandes grupos representam até metade dos eleitores e estão entre os que pior avaliam Bolsonaro. Em relação ao presidente, eles também sinalizam mais que o triplo de intenções de voto em Lula, segundo pesquisa Datafolha.

Se a focalização mira principalmente os eleitores descontentes com Bolsonaro, ela deixou de lado uma das maiores virtudes do Bolsa Família: destinar maiores recursos às famílias mais numerosas, sobretudo aquelas com crianças. Agora, todos receberão um valor semelhante, independentemente de suas necessidades específicas.

O próprio Bolsa Família, que quase chegou a completar 20 anos, já era considerado um programa desatualizado por especialistas, que defendem a adoção de mecanismos ainda mais focalizados.

Uma das principais propostas é a atualização permanente do Cadastro Único, sistema nacional de informações para fins de inclusão em programas sociais, para que haja detalhamento maior do perfil e das necessidades dos mais pobres e de trabalhadores informais.

Por meio do Cadastro Único, sabe-se hoje quantas famílias fazem parte desses grupos, mas não há registros nominais que permitam identificar onde vivem, em que trabalham e suas necessidades.

A atualização cadastral proposta seria feita a custo baixo, sem a necessidade de expansão no gasto social, usando-se a rede existente de Cras e Creas, centros de assistência social presentes em mais de 95% dos municípios brasileiros.

Sofisticar a focalização na área social, dentro do limite orçamentário, deve ser uma das tarefas primordiais do próximo governo. Quanto ao atual, é torcer para que não piore ainda mais o que já existe.

Conceder e fiscalizar

Mau exemplo de exploração de parque nacional mostra que gestão privada requer supervisão

Em tempos de penúria orçamentária, a concessão de parques públicos à iniciativa privada constitui, em princípio, um meio promissor de dar algum alívio ao orçamento e, de modo concomitante, garantir que esses locais sigam recebendo melhorias e investimentos necessários à sua manutenção.

Nem sempre as coisas correm da maneira esperada, porém, como mostra a difícil situação do Parque Nacional do Itatiaia, o mais antigo do Brasil, criado em 1937.

Administrado desde o início de 2019 pela empresa Hope Recursos Humanos, essa unidade de conservação localizada na serra da Mantiqueira entre os estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais não recebeu, até o momento, quase nenhuma das benfeitorias estipuladas em contrato.

Segundo o Instituto Chico Mendes de Preservação da Biodiversidade —a outra parte do acordo, que estipula investimentos da ordem de R$ 17 milhões por 25 anos—, cerca de dois anos após vencer a licitação, a empresa alegou problemas financeiros decorrentes da pandemia de Covid-19 e hoje encontra-se em processo de recuperação judicial.

Dado o histórico da companhia, tal desfecho, embora lamentável, não chega a surpreender. Desde a realização do certame, houve críticas à escolha da Hope, que não dispunha de qualquer experiência na gestão de parques e fora investigada no âmbito da Lava Jato.

O caso demonstra a necessidade não apenas de maior cuidado no processo licitatório como também de uma fiscalização constante sobre as empresas concessionárias, a fim de detectar com celeridade falhas na execução contratual e exigir seu cumprimento.

São lições que deveriam ser levadas em consideração pelo estado de São Paulo, que recentemente lançou um edital para que o setor privado explore pelos próximos 30 anos três parques da capital.

O governo João Doria (PSDB) estima que as concessões dos parques da Água Branca, Candido Portinari e Villa-Lobos venham a resultar em investimentos mínimos de R$ 61,6 milhões.

Se os contratos forem feitos com inteligência, transparência e contrapartidas claras, é possível que, por meio desse modelo, os paulistanos possam desfrutar de espaços mais bem equipados e conservados, a exemplo do observado no parque Tenente Brigadeiro Faria Lima, na zona norte da cidade, há dois anos sob gestão privada.

Metáforas para a vida

Hélio Schwartsman

Como o cérebro pensa? Para o linguista George Lakoff, ele o faz através de metáforas ou "frames" (enquadramentos). Podemos chamar um grupo armado que lute por uma causa de "terroristas" ou de "guerreiros da liberdade" —e isso faz toda a diferença. É que neurônios que disparam juntos acabam se ligando em rede e, quando isso ocorre, sempre que um dos elementos é evocado, ele aciona o outro.

Se chamo os combatentes de terroristas, eu os ligo indelevelmente aos sentimentos de medo e angústia deflagrados pelo neurônio do terror. Inversamente, se os descrevo como campeões da liberdade, pinto-os com as cores positivas associadas a essa ideia.

Marqueteiros habilidosos não têm dificuldades para contrabandear coisas para nossos cérebros. Associar cigarro a esportes radicais e cerveja a mulher bonita são dois exemplos clássicos. Mas o jogo dos "frames" não serve só para manipular. Ele também pode ser usado para nos fazer ver novas soluções para problemas velhos ou, ao menos, para nos darmos conta de que muitas convicções se assentam em bases frágeis.

Um bom exemplo é o da prisão após a decisão de segunda instância. Se a enquadrarmos como um debate essencialista sobre direitos, produzimos uma acalorada disputa sobre presunção de inocência, trânsito em julgado e cláusulas pétreas. Mas há outros modos de abordar o problema. Podemos, como propôs o ex-ministro do STF Cezar Peluso, vê-lo como uma discussão sobre detalhes do sistema recursal brasileiro.

Se alterarmos os artigos 102 e 105 da Constituição, fazendo com que os recursos extraordinário e especial deixem de ser recursos e se tornem ações revisionais, todas as decisões de segunda instância da Justiça em todos os ramos se tornam transitadas em julgado, conservando-se a possibilidade de revisão pelas cortes superiores. O problema segue existindo, mas ganha uma dimensão menos emocional, que permite tratamento mais técnico.

helio@uol.com.br

Um doutor contra a vacina

Bruno Boghossian

A contragosto, Marcelo Queiroga anunciou a vacinação de crianças contra a Covid. O ministro, no entanto, disse que ainda não há previsão de doses para todo o público de 5 a 11 anos de idade. Segundo ele, a compra desses imunizantes vai depender da demanda. "Nós não sabemos ainda qual será a taxa de adesão dos pais a essa vacinação", declarou.

Numa campanha peculiar, o governo Bolsonaro trabalha para achatar esse índice e vacinar o menor número possível de crianças. Depois de propor obstáculos como a exigência de receita médica, o presidente e o ministro da Saúde lançaram uma política oficial de comunicação para desestimular a aplicação de doses.

Na quinta-feira (6), Bolsonaro dedicou um quarto de sua transmissão ao vivo nas redes sociais para alardear riscos da imunização de crianças. As doses pediátricas da Pfizer já foram consideradas seguras pela área técnica do Ministério da Saúde, mas o presidente fez propaganda contra a vacina que o próprio governo vai oferecer nos postos de saúde.

Não foi só uma "posição de internet", como Eduardo Pazuello descreveu as bravatas negacionistas do chefe. Bolsonaro disse ter determinado a Queiroga a divulgação de alertas sobre a vacinação e os possíveis efeitos adversos dos imunizantes, considerados raríssimos. "Vai ser obrigado a falar para os pais que queiram vacinar seus filhos", afirmou.

O ministro gosta de ostentar sua impressão digital na distribuição de milhões de doses de vacina contra a Covid, mas endossa as suspeitas difundidas pelo presidente. Na última semana, Queiroga disse que "um dos momentos mais difíceis" que enfrentou no cargo foi a morte de uma gestante "em função de um efeito adverso de vacinas".

Em quase dez meses na função, o doutor testemunhou os piores momentos da pandemia no Brasil. No dia em que ele tomou posse, o país registrou mais de 3.000 mortes. Desde então, outras 320 mil pessoas morreram. Neste mês, Queiroga ultrapassa os 303 dias em que Pazuello ocupou a cadeira de ministro.

O nome daquele disco

Ruy Castro

No fim do ano, botei para tocar "Amoroso", disco de João Gilberto, de 1977. É aquele em que ele se debruçou sobre "Wave" e "Retrato em Branco e Preto", resgatou dois outros jobins menos lembrados, "Triste" e "Caminhos Cruzados", e se deliciou com "Tim-Tim por Tim-Tim" e "Disse Alguém", de seu letrista favorito Haroldo Barbosa. É também aquele em que revelou ao mundo a italiana "Estate" e deu um salto mortal com "'S Wonderful" e "Besame Mucho". O disco não tem uma faixa chamada "Amoroso".

Este é apenas o título do álbum. Ao ler a ficha técnica, perguntei-me de quem teria sido a ideia. "Amoroso" é uma palavra em português, e o disco, gravado em Nova York, foi feito pela Warner para o mercado americano. Produtores, músicos, técnicos, todos americanos. João Gilberto, o único brasileiro. Terá sido dele o título? Pode ser e, se foi, palmas para a Warner. Acho pobre dar a um disco como título o simples nome do artista ou de uma das faixas. Gosto de títulos que induzem o ouvinte a pensar sobre o que vai ouvir. Exemplos:

Em 1959, a Odeon lançou um LP de Norma Bengell intitulado "Oh!", com vários ós antes do agá. Era justo —Norma, então famosa como vedete, parecia estar nua na foto. Em 1962, a Philips chamou um LP do Tamba Trio de "Avanço", como se ele estivesse à frente do que então se fazia —e estava mesmo. E, em 1973, a Odeon ousou produzir uma capa com o rosto do artista encoberto e o título "Quem é quem", para só no verso revelar quem era —João Donato, ainda pouco conhecido.

Três grandes discos de jazz foram lançados em 1959 pela Columbia: "Kind of Blue", com Miles Davis, "Time Out", com Dave Brubeck, e "Lady in Satin", com Billie Holiday. Três belos títulos e nenhum se referia a uma faixa. Quem os criou? A Columbia teria alguém só para bolar títulos? Não duvido.

Ouvi dizer que, hoje, com o streaming, ninguém mais pensa em álbuns, quanto mais em títulos. Será verdade?

Ferradura, modo de usar

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor entre outros, de "A Sociedade Incivil" e "Pensar Nagô". Escreve aos domingos

A propósito da crença em ficções, vale contar que o físico alemão Werner Heisenberg, visitando o interior da Noruega na companhia do colega Niels Bohr, perguntou a um camponês se acreditava que a ferradura pregada na porta da sua casa traria sorte. A resposta: "Acreditar, não, mas ela está aí porque dá sorte".

Esta anedota de sábios pode ser um ponto de partida para entender como se leva a sério uma fabulação. A questão tem pertinência em meio à onda de mentiras aparentemente "credíveis" no espaço público nacional.

Ninguém ignora que o fake nos discursos sociais induz órgãos oficiais e nichos de povo a ações perversas. Mas o problema não se limita à disseminação de inverdades, antes sinaliza para o fenômeno inquietante do acolhimento coletivo a mentiras. Como no caso da ferradura, não se trata de crença nem de opção por uma verdade, e sim de adesão emocional a uma voz. Isso ocorre inclusive nos níveis cultos da falsa "consciência esclarecida", onde se sabe o que acontece, mas se justificam, por cinismo intelectual, atos e votos.

Na prática se trata de determinar os limites da força "constatativa" das palavras. Esse termo é familiar a quem distingue uma frase do tipo "a Terra é redonda" de outra como "prometo fazer o que disse". A primeira é uma constatação, pode ser verificada. A segunda é "performativa", ou seja, é preciso confiar em quem falou para que tenha efeito. O discurso cotidiano pauta-se menos por medidas lógicas de verdade e mais pela confiança que se deposita no falante.

Ao dizer que a ferradura dá sorte, o camponês da historinha está aceitando (mais do que crendo) a voz de uma tradição. A força do sentido está no meio vital, no comum. Se o meio se desloca para o espaço urbano, o resultado é parecido. Para aderir, o indivíduo não precisa realmente acreditar num discurso, desde que haja força performativa. Por exemplo, status quo, etnocídio e privilégios de renda têm esse tipo de peso no extremismo conservador.

Existe outro lado, progressista ou humanista, em geral impedido de reconhecer os limites do discurso pela ilusão letrada de que o elevado nível constatativo de sua fala poderia esclarecer a consciência dos outros. Não pode: a fala é só um trampolim. Não só para os velhos desencantados com palavras gastas mas também para os jovens empoderados pelas redes, a convicção tende a vir menos do foro íntimo e mais do exterior, da própria emoção do ato, igualada à crença. Há, porém, um grande risco: na atual democracia das emoções insensatas, pode revelar-se de extrema dificuldade a distinção entre uma ferradura votiva e a aberração humana disposta a calçá-la.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Reforma trabalhista é injustamente atacada

Se é programa partidário, melhor não ter nenhum

Michel Temer
Advogado, político (MDB-SP) e ex-presidente da República (2016-18)

A campanha eleitoral não pode pautar-se pelo total desapego à verdade. O que pode bem se esperar de um próximo presidente se a sua opção primeira consiste em pregar o retrocesso histórico e o anacronismo de ideias vencidas pelo tempo?

O Brasil está cansado de demagogia, por mais diversa ideologicamente que seja a sua proveniência. Em meu governo, em curto espaço de tempo, empreendeu-se uma substancial modernização do país, com especial destaque para a reforma trabalhista, agora injustamente atacada. Se isto é programa partidário, melhor não ter nenhum.

Embora prematuramente, iniciase a campanha eleitoral. E não se a faz com propostas objetivas para o país. O que se divulga neste início eleitoral são gestos pautados pela demagogia daqueles que não perceberam os benefícios de várias medidas tomadas no governo que mediou de maio de 2016 a 31 de dezembro de 2018. Dentre elas, a reforma trabalhista. Este artigo só é escrito tendo em vista a notícia de uma das candidaturas segundo a qual o seu "programa" é eliminar a referida reforma ao fundamento de que ela não deu nenhum resultado prático. É preocupante que a falta de compromisso com a verdade possa estar norteando tal candidatura.

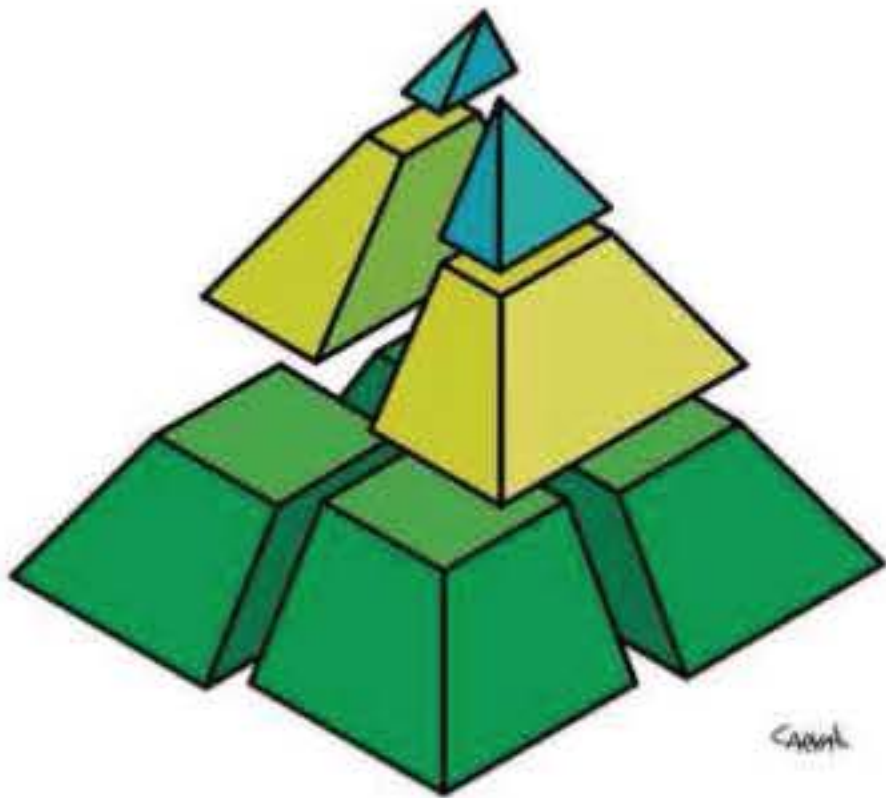
Começo pela alegação de que a reforma teria tirado direitos dos trabalhadores. E revelo, desde já, a falsidade da informação, o que é preferível do que dizer da absoluta ignorância no tocante ao sistema normativo brasileiro. É que os direitos dos trabalhadores estão definidos no art. 7º da Constituição Federal, e a reforma trabalhista foi veiculada por norma infraconstitucional, não podendo, portanto, alterar aqueles direitos expressados na Carta Magna.

Assim, nenhum direito foi atingido. Mais ainda: a formatação do projeto se deu depois do então ministro do Trabalho, Ronaldo Nogueira, percorrer durante meses seguidos todas as associações de classe dos empregados e dos empregadores, o que permitiu que o projeto resultasse desse intenso diálogo entre as forças produtivas da nação: os empregados e os empregadores.

Tanto foi assim que o acordo firmado entre o governo e aquelas categorias foi objeto de uma solenidade no momento do seu encaminhamento ao Congresso Nacional, quando discursaram representantes de ambos os segmentos profissionais. Anote-se que, promulgada a reforma trabalhista, não houve nenhuma greve de trabalhadores. Ao contrário, houve entendimento. E os resultados logo apareceram.

Relembro que, ao assumirmos o governo, o PIB era negativo em mais de 4% nos anos de 2015 e 2016. Mais de 3 milhões de trabalhadores haviam perdido seus empregos como consequência direta desse período de recessão, produzido por uma nefasta política econômica. Os eixos da reforma trabalhista foram, em primeiro lugar, a harmonia nas relações de trabalho, diminuindo a brutal litigiosidade que nela se formara ao longo do tempo. Assegurou direitos, gerou empregos e propiciou segurança jurídica. A própria figura do trabalho intermitente permitiu uma flexibilização das relações trabalhistas, geradora de postos de trabalho. Depois da modernização das leis trabalhistas chegamos ao patamar de um número positivo, sendo certo que em 2018 fechamos com saldo de 529.500 novos empregos, segundo dados do Caged. Foi o melhor resultado desde 2013. Fomos guiados pelos princípios de que a liberdade de escolha, a autonomia decisória e o diálogo devem estar na base das relações trabalhistas, sem a tutela estatal.

Foram medidas dessa natureza, ao lado do teto para os gastos públicos e do trabalho pela reforma da Previdência, que geraram credibilidade fiscal e econômica no país, com a taxa Selic caindo de 14,25% para 6,5%, e a inflação reduzida de dois dígitos para 2,75%.

Ressalto que o combate ao desemprego depende de emprego, e este só se verifica se houver empregador. Não podemos alimentar a disputa permanente entre esses setores fundamentais para a economia nacional. Daí porque falta racionalidade à afirmação de que a modernização trabalhista trouxe prejuízos ao trabalhador e à economia. E se é falso não pode ficar sem resposta.

Carvall

O que esperar das federações partidárias?

Formato poderá moldar o futuro político do país

Marcela Machado
Doutora em ciência política, é professora do Departamento de Gestão de Políticas Públicas (GPP) da Universidade de Brasília (UnB) e membro do Observatório do Congresso (OC/UnB)

As federações partidárias são a grande aposta das eleições de 2022. Instituída pelo Congresso e regulamentada recentemente pelo Tribunal Superior Eleitoral, a possibilidade da união de dois ou mais partidos para atuarem como uma só legenda promete dar sobrevida a siglas pequenas (em sua grande maioria, ideológicas) —uma alternativa para que consigam driblar a cláusula de desempenho e garantam, especialmente, acesso ao fundo partidário e ao tempo de propaganda eleitoral gratuita no rádio e na televisão.

Diferentemente das coligações proporcionais, nas quais os partidos se uniam como uma grande agremiação com fins meramente eleitorais e sem compromisso algum após a campanha, o instituto das federações propõe uma dinâmica de fidelidade a longo prazo —mínimo de quatro anos—, para além das eleições, tendo inclusive personalidade jurídica própria, distinta das legendas que a compõem. As federações, diferentemente das extintas coligações proporcionais, devem ser seguidas nos níveis federal, estadual e municipal, aos moldes da verticalização partidária, que teve vigência efêmera e serviu para mostrar que os interesses dos partidos suplantam a dinâmica ideológica.

Duas preocupações principais advinham do texto aprovado pelo Parlamento: a obediência às cotas de gênero na nominata da federação e a distribuição dos recursos oriundos do Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC), principalmente às candidaturas de mulheres e negros, experiência problemática das eleições de 2020 em razão da discricionariedade da aplicação da regra por cada partido, após distribuídos os recursos pelo órgão nacional.

Antecipando uma possível dubiedade na interpretação das regras (ou fraudes à legislação), o TSE imputou a cada partido federado o dever de cumprir, individualmente, o percentual que lhe cabe às cotas na nominata, além da lista da federação. Quanto aos recursos que virão para cada partido, ainda que em federação, caberá a cada um destiná-los aos membros de sua sigla, sob o risco de ter suas contas desaprovadas por aplicação irregular caso ocorra a transferência de recursos para legendas da mesma federação.

Os incentivos financeiros, interpretados ao pé da regra, parecem desanimadores. Mas, no agregado, os partidos federados lidarão com um elevado montante de recursos para viabilizar, especialmente, a mobilização eleitoral deste ano.

Existe uma dinâmica que é impossível de ser prevista por qualquer legislação: as negociações em torno das federações. Os novos blocões de longa duração prometem ser um ensaio às fusões partidárias, visando o enxugamento do quadro partidário nacional, intenção velada de quase toda proposta de reforma eleitoral.

O PT, por exemplo, já sinalizou a intenção de se unir em uma federação de esquerda com PSB, PC do B, PSOL e PV. O Cidadania deve se federalizar com a Rede, mas, se não conseguir bancadas expressivas, caminhará para o fim. A próxima janela partidária será de muitas surpresas, principalmente entre os partidos que possuem donos, como o PL e o Progressistas —se não houver uma coordenação superior, virará uma briga de foice. Devemos lembrar que quatro anos é uma eternidade na política. As federações poderão moldar o futuro político do país.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

ASSUNTO COMO VOCÊ, LEITOR DA FOLHA, CUIDA DA SUA SAÚDE?

Acordo e durmo cedo, pratico remo seis vezes por semana, evito alimentos processados e não fumo. Bebo, porém fico às vezes um mês sem bebida alcoólica. Uso pouco sal e muito pouco açúcar.
Ilka Galante, 56 (Rio de Janeiro, RJ)

★

Corro 5 km de segunda a sexta e faço musculação; e alimentação, sem exageros.
Marcos Barbosa, 50 (São Paulo, SP)

★

Faço 30 minutos de bicicleta ergométrica de segunda a sexta-feira. Ou seja, 150 minutos semanais de exercício, que é o que recomenda a Sociedade Mundial de Ortopedia. Também troco o elevador pelas escadas até o 8º andar e quando não está chovendo vou a pé para o centro. E, como ninguém é de ferro, bebo minha cervejinha apenas às sextas, sábados e domingos, com moderação.
Pedro Valentim, 52 (Bauru, SP)

★

Fazendo atividades diárias; intercalando musculação com corrida.
Karlo Faria Nunes, 49 (São Paulo, SP)

★

Com quatro horas de pilates por semana e consultas médicas regulares.
José Eugenio Souza de Bueno Gizzi, 67 (Curitiba, PR)

★

Há alguns anos mudei minha alimentação: diminuí doces, embutidos, carne vermelha e alimentos processados; excluí frituras e alimentos gordurosos. Faço pilates e caminhadas diárias e exames regularmente. Para a saúde mental, canto, danço, reúno amigos, viajo, leio e faço terapia. E, sempre que possível, namoro bastante, pois um carinho faz um bem danado para a saúde física e mental.
Rita de Cássia Vereda, 62 (Guarulhos, SP)

★

Fazendo academia, pescando, passeando, lendo.
Pedro Tadeu Oliveira da Silva, 64 (Brasília, DF)

★

Boa alimentação, exercícios e exames anuais.
Beatriz Pinheiro Sales, 58 (Brasília, DF)

★

Não fumo há 30 anos, bebo pouco, evito açúcar e farinhas brancas em geral, procuro fazer caminhadas frequentes, faço pilates três vezes na semana e faço um trabalho voluntário que me dá prazer.
Luzia F. O. Friaça, 64 (Belo Horizonte, MG)

★

Principalmente com uma alimentação saudável e caseira.
Terezinha Ribeiro Alvim, 66 (Belo Horizonte, MG)

★

Estou fazendo academia e tentando comer melhor.
Leila Santos Lima, 45 (São Paulo, SP)

★

Estou em quarentena. Só saio de casa com protetor dos olhos e duas máscaras (levando uma reserva). Não fico em lugares fechados e estou sempre com um aspersor com álcool. Já tomei três doses das vacinas, mas estou preocupado com a irresponsabilidade dos prefeitos. Aqui no Rio, por exemplo, não poderia ter havido a queima de fogos, que aglomerou centenas de pessoas.
Marco Aurélio Marcondes, 71 (Rio de Janeiro, RJ)

★

Corro 5 km todos os dias, faço musculação quatro vezes por semana, não fumo, bebo álcool moderadamente e sou vegetariano desde janeiro de 2016.
Carlos Alberto, 62 (São José dos Campos, SP)

★

Ultimamente estou apenas me policiando para não pegar Covid —e caminhando.
Antonio Carlos Júnior, 37 (Andirá, PR)

★

Tenho uma alimentação com variedade de frutas e verduras. Faço breves caminhadas diárias e pilates duas vezes por semana. Durmo ao menos seis horas por noite. Leio e reflito sobre a nossa realidade atual, evitando o excesso de desesperança. Mas o maior desafio é a satisfação espiritual e manter a mente serena.
Regina Guise de Almeida, 61 (São Paulo, SP)

★

Faço caminhadas diárias de cinco quilômetros todos os sete dias da semana, além de hidroginástica cinco vezes por semana.
Denilce Guenka, 54 (Santo André, SP)

★

Faço caminhada três vezes por semana para ter uma atividade aeróbica e faço pilates para fortalecimento e alongamento. Pratico aikido duas vezes por semana e iaido uma vez por semana. Tento ter uma alimentação balanceada, não tomo refrigerante e não fumo.
Alcides Volpato Carneiro de Castro e Silva, 55 (Belo Horizonte, MG)

★

Com atividade física e alimentação balanceada.
Rodrigo Pinheiro (Belo Horizonte, MG)

Temas mais comentados pelos leitores no site

De 1º a 7jan - Total de comentários: 14.818

639	Bolsonaro desembarca em SP e comitiva segue para hospital (Poder) 3.jan
405	Bolsonaristas cobram STF sobre ataques ao presidente após internação (Painel) 3.jan
300	Brasil tem vergonha das origens portuguesas, diz autor de livro sobre estranhamento entre países (Mundo) 1º.jan

OUTROS ASSUNTOS

Quilombola

Agradeço a Bianca Santana pelo registro da vitória quilombola de Alcântara e, por tabela, de todos os brasileiros ("Alcântara é quilombola", Opinião, 6/1). Quando nossas leis ou nosso Senado não funcionam, é bom saber que podemos apelar para um Senado verdadeiramente democrático e que funciona, o norte-americano no caso. Sigam vigilantes e registrem suas vitórias.
Sebastião Galinari (São Paulo, SP)

Imposto

Todo mês sou obrigado a pagar R$ 700 de IR para o governo de meu salário (inferior a R$ 5.000). Absurdo isso. E como ficam aluguel, água, força, combustível, comida, escola, IPVA, IPTU? Por que o governo não taxa as grandes fortunas em 25% e só pega pobre pra Cristo?
Lauro Edgard Sampaio (Campinas, SP)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

MERCADO (7.JAN., PÁG. A14) As exportações do agronegócio somaram US$ 120,4 bilhões em 2021, não 2020, como publicado no texto "Agronegócio perde participação nas exportações em 2021".

poder

PAINEL | Guilherme Seto (interino)

painel@grupofolha.com.br

Jogo de cena

Lideranças do MDB e do PT dizem que Gilberto Kassab, presidente do PSD, está fazendo jogo duro ao declarar que a sigla levará até o final sua candidatura presidencial porque ele mesmo quer ser o vice de Lula (PT). Em entrevistas, o ex-ministro de Dilma Rousseff (PT) e de Michel Temer (MDB) tem dito que não apoiará o ex-presidente ou qualquer outro concorrente no primeiro turno. Kassab afirma ao Painel que não haverá mudança de rota e que o PSD terá, sim, candidato próprio.

AVISADO Em 21 de dezembro, Kassab disse à **Folha** que já informou a Lula que não o apoiará no 1º turno e reafirmou sua escolha pelo presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (MG).

VERGONHA A líderes partidários que têm perguntado sobre o tema, Kassab tem dito, inclusive, que seria desmoralizador para ele e para o partido se ele desse uma guinada depois de negativas tão categóricas a aliados e em entrevistas.

BALANÇA Em meio à frustração com a aproximação de Lula (PT) e Geraldo Alckmin, lideranças do PSOL dizem ter se animado com a discussão que o PT tem feito internamente e publicamente a respeito da revogação da reforma trabalhista no Brasil, como mostrou o Painel.

IDENTIDADE O PSOL tende a apoiar Lula em 2022, mas enfatiza que o programa de governo do PT precisa mostrar compromisso com bandeiras da sigla de Guilherme Boulos.

PLANO "É fundamental revogar a reforma. Ela é um desastre, não gerou empregos e precarizou o trabalho. A Espanha mostrou que é possível, e é importante que a revogação esteja no programa de reconstrução nacional", diz Boulos.

PODE... O empresário Flávio Chadud tenta no Supremo Tribunal Federal anular um acordo de delação premiada que citava o governador do Rio de Janeiro Cláudio Castro (PL). Marcus Vinícius da Silva foi preso na Operação Catarata e delatou à Procuradoria-Geral da República o que sabia sobre desvios na Fundação Leão XIII.

...PARAR Chadud também mantinha contratos com a fundação, foi preso, mas não assinou delação. Ele diz que houve quebra de confidencialidade no caso de Silva, uma vez que o Ministério Público citou o acordo numa denúncia enquanto ele ainda era negociado.

OLHA ELE O caso deverá ser decidido pelo ministro Gilmar Mendes, do STF.

PAGUE... O STF (Supremo Tribunal Federal) segura desde abril o julgamento de ação que pede para a corte determinar que o reajuste no aluguel de imóveis deve ser calculado a partir do IPCA, que fechou 2021 em 10,74%, em vez do IGP-M, que ficou em 17,78%.

...O ALUGUEL Diversos processos pelo país estão relacionados ao tema e a falta de uma palavra final do tribunal tem gerado insegurança jurídica, uma vez que os juízes têm dado decisões em sentidos opostos.

COM ELES No STF, há duas ações que tratam da questão: uma sob relatoria de Luís Barroso e outra que está no gabinete de Alexandre de Moraes.

TRATOR Com retrospecto de aprovação célere de projetos espinhosos nos primeiros oito meses de mandato, Ricardo Nunes (MDB) definiu que os projetos urbanísticos serão a prioridade para 2022 na Câmara Municipal.

LISTA "O mercado está aquecido e a cidade está travada", diz ao Painel. Além do Plano Diretor, Nunes destaca os projetos Arco Pinheiros, Jurubatuba, Vila Leopoldina e Central.

FECHADO "Será um ano inteiramente dedicado a isso. Prioridade zero", diz Milton Leite (DEM), presidente da Câmara.

ANESTESIA Após pedido de um grupo de médicos, o juiz José Cordeiro Rocha, da 14ª vara de Fazenda Pública, suspendeu em caráter liminar o processo seletivo do programa de residência médica da USP.

SUSPEITA A Faculdade de Medicina da USP afirmou ter identificado indícios de fraude na segunda fase do processo e decidiu que a anularia e levaria em conta somente a primeira.

ETAPAS O magistrado afirmou na decisão que as regras não podem ser alteradas no decorrer do processo e que a mudança retirou dos candidatos que não tiveram nota elevada na primeira fase a possibilidade de melhora da classificação.

TIROTEIO

> A lambança é reflexo de um sujeito que ficou 30 anos no parlamento fingindo fazer política setorial para militares e policiais

De Kim Kataguiri (DEM-SP), deputado, sobre crise com servidores criada por Jair Bolsonaro (PL) ao prometer aumento somente para policiais

com Fabio Serapião e Matheus Teixeira

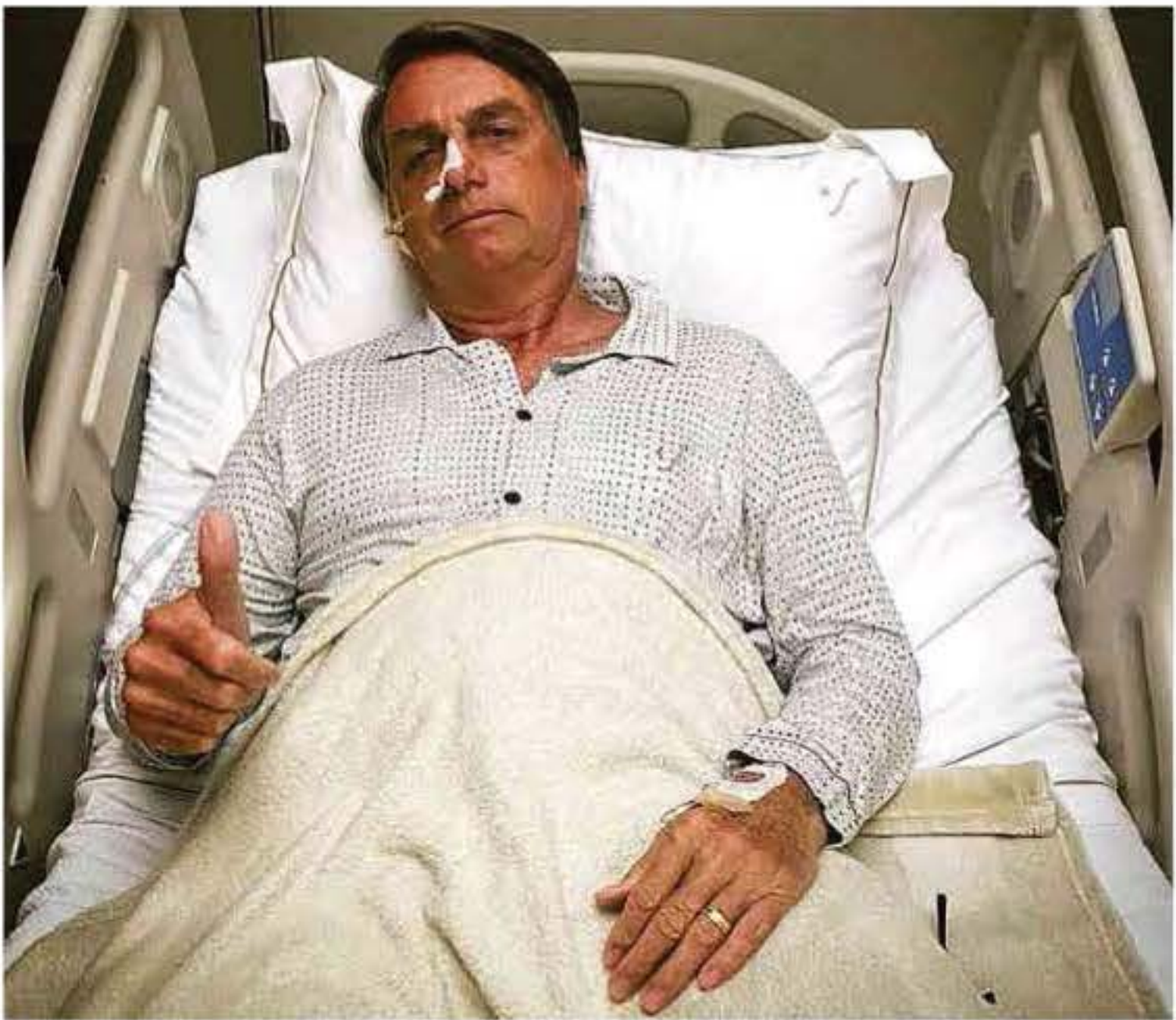
GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
358.659 exemplares (novembro de 2021)

O presidente Jair Bolsonaro durante a hospitalização, na segunda-feira (3) Reprodução Twitter @jairbolsonaro

Internação de Bolsonaro vira laboratório eleitoral de embate sobre facada

Presidente e apoiadores esperam que nova investigação sobre o atentado de 2018 alimente a campanha, e esquerda critica atitudes

Carolina Linhares

SÃO PAULO A internação do presidente Jair Bolsonaro (PL) devido a uma obstrução intestinal relacionada à facada sofrida em 2018 adiantou os embates sobre o tema que tendem a ser resgatados durante a campanha eleitoral.

Bolsonaro, seus familiares e apoiadores publicaram fotos do mandatário de cama no hospital, pediram orações e lembraram que o presidente foi vítima de uma tentativa de homicídio praticada por um ex-filiado do PSOL.

Ao receber alta, na quarta-feira (5), Bolsonaro voltou a insistir na tese de que o autor da facada, Adélio Bispo de Oliveira, não agiu sozinho e que a investigação sobre o atentado, reaberta em novembro passado, irá apontar mandantes da esquerda.

Para bolsonaristas ouvidos pela **Folha**, a facada será um tema inescapável na campanha, ainda que não seja central. Isso porque são esperadas novas revelações da apuração da Polícia Federal ao longo do ano e porque a saúde e a segurança de Bolsonaro serão alvo de preocupação nesse período de agendas intensas.

Com o intestino fragilizado pelas cirurgias, a possibilidade de uma nova internação de Bolsonaro no ano eleitoral é admitida pelo médico Antônio Luiz Macedo, responsável pelo presidente. Dieta regrada e mastigação correta poderiam evitar novas dores.

"Vai ser difícil seguir isso, eu não consigo me controlar", disse o presidente após alta de hospital em São Paulo.

O TRF-1 (Tribunal Regional Federal da 1ª Região) determinou a reabertura do caso após pedido do advogado Frederick Wassef, que representa Bolsonaro. A expectativa é que a análise de dados bancários e do celular do advogado Zanone de Oliveira Júnior, um dos defensores de Adélio, leve a supostos cabeças — embora duas investigações anteriores da PF tenham apontado que o autor da facada agiu sozinho.

A **Folha** revelou que a PF escolheu um delegado que já investigou o PCC (Primeiro Comando da Capital) para assumir o inquérito. Falta o acórdão da decisão do TRF-1 ser publicado para que as medidas ganhem celeridade.

"Adélio Bispo não é louco e não agiu sozinho", diz à **Folha** Wassef. "A morte de Bolsonaro foi encomendada pela esquerda", segue.

A esquerda, disse Bolsonaro em entrevista à imprensa no hospital, é agressiva e tem "tentado eliminar seus adversários não interessa como".

Adélio foi filiado ao PSOL de Uberaba (MG) de 2007 a 2014, mas nunca militou. Ele foi considerado doente mental pela Justiça e, por isso, inimputável.

O senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), filho do presidente, afirma que a facada é a prova de que Bolsonaro não propaga discurso de ódio, como acusa a oposição, mas é vítima dele. Em entrevista à CNN, o senador falou que seu pai "quase deu a vida por aquilo que acreditava".

Na outra ponta, políticos de esquerda também fizeram circular nas redes suas reações e versões sobre a facada. Bolsonaro foi criticado por se vitimizar. Sua internação no primeiro dia útil do ano, após férias em Santa Catarina e quando deveria voltar ao trabalho em Brasília, foi alvo de chacota.

Os xingamentos de "vagabundo" e a percepção de que Bolsonaro usava sua condição de saúde de forma política foram reforçados pela revelação de que o problema fora causado por um camarão não mastigado e pela escolha do presidente de, no mesmo dia em que deixou o hospital, ir a um jogo de futebol beneficente de cantores sertanejos.

Bolsonaro e os filhos também passaram a ser questionados sobre a condição de saúde ser usada como desculpa para faltar a debates, já que a facada impossibilitou, em 2018, a participação nos enfrentamentos diretos com adversários. Flávio respondeu à CNN que seu pai não foge de debates.

"Uma dor de barriga conveniente, e o desprezo de Bolsonaro pelo Nordeste some do noticiário", tuitou o ex-prefeito Fernando Haddad (PT), lembrando que a internação aconteceu durante o desgaste de Bolsonaro por ter mantido suas férias na praia em meio às enchentes na Bahia.

Em julho do ano passado, quando se internou pelo mesmo motivo, Bolsonaro estava tragado por acusações de que o governo cobrara propina na compra de vacinas.

Na época, como mostrou a **Folha**, a questão médica acabou aumentando a popularidade digital do presidente.

Para parte da esquerda, no entanto, a facada não é apenas uma sequela usada como arma eleitoral, mas uma armação — a tese sem lastro em provas também voltou ao debate na semana passada.

Ao ser questionado sobre eventuais benefícios ou prejuízos que a facada pode lhe proporcionar na eleição de 2022, Bolsonaro se voltou contra a narrativa da "fakeada".

"Querer politizar uma tentativa de homicídio? As imagens mostram a faca entrando e o brilho dela, inclusive, quando sai. Falar que é uma faca fake? [...] Querer levar para a politização, falar que estou me vitimizando? Está de brincadeira comigo."

Para o aliado de Bolsonaro e deputado estadual Gil Diniz (sem partido-SP), que é próximo da família e esteve em Juiz de Fora (MG) no dia do ataque, "a tentativa de homicídio por um ex-militante do PSOL é clara e notória, é um fato político".

"Não é que a gente vá usar isso como bandeira de campanha, mas é natural que se lembre que um militante de esquerda tentou assassiná-lo. Não é para capitalizar politicamente", disse.

"Tenho certeza de que jamais ele se internaria sem uma causa. Ele é muito forte e sincero. É só quando chega no limite da dor e da saúde de para ele usar esse recur-

Continua na pág. A5

A SEMANA DO PRESIDENTE

Domingo (2) De férias em Santa Catarina, Bolsonaro sente dores abdominais após engolir camarão sem mastigar no almoço

Segunda (3) O presidente chega a São Paulo e é internado no Hospital Vila Nova Star por volta das 3h da madrugada

Terça (4) De madrugada, o médico Antônio Luiz Macedo, que estava de férias, retorna ao Brasil em voo fretado para atender Bolsonaro. Ele descarta cirurgia

Quarta (5) Bolsonaro recebe alta e deixa o hospital rumo a Brasília por volta das 10h30. No mesmo dia, às 20h, vai ao interior de Goiás para jogo beneficente promovido por cantores sertanejos

Continuação da pág. A4
so", completou.

Assim como o entorno do presidente, Gil entende que uma nova obstrução intestinal pode acontecer a qualquer momento. Também pontua que incentivos, nas redes sociais, à morte de Bolsonaro podem culminar em novas tentativas de assassinato.

Como mostrou a **Folha**, a internação mobilizou aliados, resgatou a memória da facada e uniu ministros e apoiadores em uma corrente de oração —Bolsonaro voltou a ser pintado como mártir.

No Telegram, as publicações sobre a internação e a alta contabilizaram, respectivamente, mais de 2.300 e mais de 3.200 comentários, a maioria de solidariedade.

Gil não vê saldo eleitoral positivo. "Ele quase foi assassinado, não acho que ele lucra politicamente com isso", diz.

O deputado federal Bibo Nunes (PSL-RS), que deverá fazer campanha para Bolsonaro, diz que "se vitimizar não é o perfil do presidente".

"Não vejo como uma pessoa no hospital ganha voto por pena e compaixão. Quem usa a internação politicamente é a oposição, que deseja a morte dele. Eu jamais desejaria a morte do Lula", afirma, citando o provável candidato petista e principal rival de Bolsonaro em 2022.

Nunes pondera, porém, que a investigação retomada tem potencial para alavancar a reeleição. "Se isso vier para a discussão da campanha, só vai beneficiar Bolsonaro. Durante este ano, vamos saber quem foram os mentores da facada e, certamente, eles estarão disputando a eleição", diz.

O empresário Otávio Fakhoury, presidente do PTB em São Paulo, também aposta que a apuração vai trazer fatos novos e que o tema será explorado na campanha: "Quem que passou por isso e não falaria disso?".

O aliado de Bolsonaro considera que a campanha de 2022 será mais difícil do que a anterior, com menos espaço para apelo emocional.

"A facada reforçou a imagem de um candidato antissistema. Isso naquela época. Agora, como presidente, por mais que as pessoas tenham esse lado emocional com a facada, muitos vão analisá-lo pelo mandato dele, como gestor, não como outsider", resume.

Políticos de esquerda consultados pela **Folha** acreditam que Bolsonaro usará a facada para tentar obter votos e fugir dos debates, mas que essa fórmula não funcionará.

"Bolsonaro devia ter vergonha na cara de fazer qualquer insinuação em relação à esquerda. O azar dele e de seu projeto de poder é que teoria conspiratória e criação de fantasma não coloca comida na mesa, não dá emprego, não controla pandemia, não põe vacina no braço das crianças", diz o deputado federal Alexandre Padilha (PT-SP).

"Como médico, sempre serei solidário à internação de qualquer pessoa, mas eu fico muito indignado ao ver Bolsonaro, ao sair do hospital, em vez de ir para a Bahia socorrer as vítimas das enchentes, ter ido a Goiás participar de churrasco e jogo de futebol", afirma.

"Quando ele sai do hospital para ir a um jogo festivo, ele demonstra desprezo até com a solidariedade e preocupação dos brasileiros", concorda o deputado federal Orlando Silva (PC do B-SP).

Colaborou Joelmir Tavares, de São Paulo

Ombudsman

O colunista está em férias

Presidente nega pressão sobre Exército por vacinação

Temor de mais uma crise com o mandatário fez Força cogitar nota

Marianna Holanda

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro disse neste sábado (8) não ter exigido à Defesa mudança nas diretrizes estabelecidas pelo Exército para condicionar o retorno de militares ao trabalho presencial à vacinação contra Covid-19.

O chefe do Executivo, egresso das Forças Armadas, é crítico às vacinas e diz não ter se vacinado. O temor de mais uma crise com ele fez o Exército cogitar um esclarecimento público sobre as diretrizes estabelecidas pelo comandante da Força, general Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira.

"Não, [tem] exigência nenhuma. Não tem mudança. Pode esclarecer. Hoje tomei café com o comandante do Exército. Se ele quiser esclarecer, tudo bem, se ele não quiser, tá resolvido, não tenho que dar satisfação para ninguém de um ato como isso daí. É uma questão de interpretação", afirmou Bolsonaro.

O mandatário falou a jornalistas em frente à casa do advogado-geral da União, Bruno Bianco, onde o ministro dava uma festa para comemorar seu aniversário de 40 anos.

A orientação do comandante sobre a imunização está num documento finalizado na última segunda-feira (3), com diretrizes para prevenção e combate à pandemia.

Oliveira listou 52 diretrizes a serem seguidas por órgãos de direção e comandos militares de área. A vacinação contra a Covid-19 é tratada numa única diretriz, a de número 22.

O texto propõe "avaliar o retorno às atividades presenciais dos militares e dos servidores, desde que respeitado o período de 15 dias após imunização contra a Covid-19 (uma ou duas doses, dependendo do imunizante adotado)".

O comandante, porém, faz uma ressalva: "Os casos omissos sobre cobertura vacinal deverão ser submetidos à apreciação do DGP, para adoção de procedimentos específicos". Não há um detalhamento sobre o que pode ser tratado como caso omisso ou sobre procedimentos a serem adotados.

A **Folha** mostrou em reportagem publicada no último dia 24 que Exército, Aeronáutica e Marinha permitem que militares da ativa deixem de se vacinar contra a Covid-19, embora haja obrigatoriedade estabelecida para imunização contra febre amarela, tétano, hepatite B e outras doenças.

A desobrigação se estende a missões militares dentro e fora do país e a inspeções de saúde.

No Exército, o entendimento é que não há uma lei que obrigue a vacinação contra a Covid-19 e que existe incentivo à imunização por parte de comandantes de tropas.

O responsável por materializar a dispensa da obrigação de vacinação foi o general Fernando Azevedo e Silva, demitido do Ministério da Defesa por Bolsonaro em 2020.

O gabinete de Azevedo atualizou o calendário de vacinação militar em 4 de novembro de 2020.

A portaria estabelece a obrigatoriedade tanto de vacinas específicas quanto de periodicidade de imunização. Esses imunizantes são necessários para matrícula em cursos no sistema de ensino das Forças Armadas e para aptidão ao serviço ativo a partir das inspeções de saúde. Covid-19 ficou fora da lista.

O presidente também comentou neste sábado a respeito da reforma ministerial prevista para o final de março, quando os ministros deixarem seus cargos para concorrer nas eleições. O prazo de desincompatibilização é abril.

"Vou fazer aí no final de março. Doze [ministros] devem sair, mas acho que dificilmente saem antes da hora. Vou querer que saiam um dia antes do limite máximo. Já começamos a pensar em nomes, alguns já estão mais do que certos", disse Bolsonaro.

O mandatário, contudo, disse que não iria citar eventuais sucessores da Esplanada. "Não quero falar agora [dos nomes de substitutos], porque vai começar uma ciumeira: por que ele e não eu? E ciúme de homem é pior do que mulher."

> Não, [tem] exigência nenhuma. Não tem mudança. Pode esclarecer. Hoje tomei café com o comandante do Exército. Se ele quiser esclarecer, tudo bem, se ele não quiser, tá resolvido, não tenho que dar satisfação para ninguém de um ato como isso daí. É uma questão de interpretação
>
> **Jair Bolsonaro**
> neste sábado (8)

As obstruções não param

Desviar resultado da CPI é permitir crimes contra a população

Janio de Freitas
Jornalista

A obstrução mental de Jair Bolsonaro não o impede, como a outra, de expelir suas produções repulsivas. Foi assim que, abalado ainda por uma das obstruções —a que o pôs em pânico e em prantos pelo medo de estar morrendo— retomou as falas incisivas contra a vacinação preventiva da Covid em crianças e suas consequências, já avançada mundo afora. A razão que outra vez liberou sua voracidade homicida só pode estar no apagamento aplicado às conclusões da CPI da Covid.

A proteção assegurada desse modo a Bolsonaro por Augusto Aras, procurador-geral da República, contém, no entanto, duas contradições. Uma, óbvia, está na finalidade de (também) obstrução da Justiça por parte de quem deve combater esse recurso criminoso. A segunda vem de Bolsonaro contra Bolsonaro: suas falas antivacinação infantil confirmam de viva voz as conclusões sobre sua perversidade intencional, as determinações aos vassalos Pazuello e Queiroga, a indução de tratamento impróprio. E, sinal definitivo logo ao início, a dispensa e depois, como agora, a protelação da compra de vacinas.

Por si só, esse novo capítulo da obra homicida de Bolsonaro seria suficiente para ações no Tribunal Internacional, na Corte de Direitos Humanos da OEA quando Luis Almagro for retirado de lá e na Comissão de Direitos Humanos da ONU. Mesmo que o Judiciário brasileiro venha a deixá-lo em paz com seus atos mortíferos, a cada é dia mais improvável que Bolsonaro e asseclas passem por inocentes, e livres de problemas, no exterior.

Mas tal probabilidade não decorre, como substituta, da atitude de Augusto Aras. Nesta surgiu o ponto de partida da pregação e da inoperância governamental comprometidas na situação de crianças indefesas, dezenas de milhões, ao adoecimento e demais riscos por falta do principal preventivo. Nem as esperáveis represálias internacionais atenuam o dever do Supremo de encarar a conduta de Aras com o rigor requerido pela gravidade.

Para não instaurar de imediato o inquérito subsequente à CPI, Aras pretextou a necessidade de investigações preliminares. Era, porém, o que já estava em suas mãos, nas conclusões da CPI, e aí levadas até muito adiante. O Supremo não endossou o desvio. Nem por isso a tramitação do caso tomou o rumo e o ritmo próprios de qualquer caso. E nesse mais prementes, por se voltar para quase 630 mil mortes, além das incontáveis subnotificações.

Silenciar ou desviar o extraordinário resultado da CPI consiste não só em impunidade, mas também em permissividade para a continuação de crimes contra a população. É o que fazem Bolsonaro, o ex-médico Marcelo Queiroga e o engavetador-mor Augusto Aras, três aventureiros do cinismo e da exploração criminal do Estado e dos poderes de governo.

Os prazos fixados pelo Supremo, para certas medidas de Bolsonaro e do Ministério da Saúde, foram um começo. Não o necessário em respeito às instituições ultrajadas por práticas criminosas, como provado pela CPI. E em igual respeito aos pais e mães, filhos, netos e avós, cientistas, médicos e enfermeiros, escritores e músicos, trabalhadores de todos os trabalhos, atingidos pela mortandade a que foi juntado, sim, um genocídio —ainda não cessado e agora dirigindo-se a crianças.

É puro ouro

O general Augusto Heleno, do Gabinete de Segurança Institucional, anulou suas sete autorizações para garimpo de ouro em áreas preservadas do Amazonas e onde vivem dezenas de povos indígenas. Assim justificou o recuo: "Considerando as novas informações técnicas e jurídicas, apresentadas diretamente ao GSI", e segue.

A justificativa é falsa —velha característica das justificativas de Augusto Heleno.

Nada gerou informação nova sobre a área. Ou Augusto Heleno presenteou as concessões apesar do que sabia a respeito da área e dos privilegiados, ou as fez sem saber mais do que os interesses a serem agraciados. Nas duas hipóteses, cometeu prevaricação. Mais uma delinquência.

A anulação se deu, meio às pressas, em vista da decisão de Lucas Furtado, um procurador da República de olhos abertos: investigar no Tribunal de Contas as concessões a grupos já embargados pelo Ibama e a chefes de garimpo ilegal com dragas fluviais.

Investigar o motivo dessas concessões, e de mais 74 feitas antes por Augusto Heleno, aborreceria organizações originárias de São Paulo e Rio, mas seria muito interessante. Na política, na Justiça e na caserna.

DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. **Celso Rocha de Barros** | TER. Joel P da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Painel dado de presente a Bolsonaro (acima); estátua de madeira entregue em setembro (ao lado) e camisa recebida de Donald Trump, em 2019 (abaixo) Fotos Pedro Ladeira/Folhapress

Presidência da República

Presidente já ganhou pelo menos 7,5 mil presentes

De livro de Eduardo Suplicy a camisa de Trump, lista inclui painel no Planalto

Marianna Holanda e Mateus Vargas

BRASÍLIA No cercadinho do Palácio da Alvorada, um eleitor do presidente Jair Bolsonaro (PL) disse que queria entregar um licor de jenipapo. Outra deu uma gravata e pediu para o chefe do Executivo usá-la se reeleito.

Os itens se somam aos mais de 7.500 presentes que Bolsonaro já recebeu desde que subiu a rampa do Planalto em janeiro de 2019.

A lista é variada, inclui de livro do vereador petista de São Paulo Eduardo Suplicy até uma camiseta de futebol da seleção dos EUA dada pelo ex-presidente Donald Trump.

A gravata da apoiadora se tornou uma das quase 70 recebidas pelo mandatário, segundo dados obtidos pela Folha por meio da LAI (Lei de Acesso à Informação).

O Planalto também guarda presentes oferecidos por chefes de Estado, como uma maquete do templo Taj Mahal, avaliada em R$ 60 mil, além de alimentos, gravuras e livros entregues por apoiadores.

Bolsonaro ganhou ainda uma estátua de madeira de 200 kg, que reproduz sua imagem e virou meme na internet, e pintura de 10 metros de largura, instalada na entrada do Palácio do Planalto, cujo título é o lema da campanha de 2018: "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos".

O site do Planalto apresenta alguns desses itens, com destaques aos agrados dados por aliados.

Bolsonaro ainda ganhou de Trump o uniforme do time de futebol D.C United, com o nome do brasileiro. Avaliada em R$ 771, a camisa foi entregue durante encontro na Casa Branca, em março de 2019.

Já o ex-premiê de Israel Benjamin Netanyahu deu um quadro com selos postais que mostram Bolsonaro e as bandeiras dos dois países.

Os dados divulgados via LAI são de itens recebidos por Bolsonaro até junho de 2021. Em média, o presidente recebeu mais de oito presentes por dia.

A lista mais ampla mostra que Bolsonaro ganhou o livro "Renda de Cidadania", de Suplicy. Em dezembro de 2020, como mostrou a coluna Mônica Bergamo, o vereador petista mandou o livro sobre a importância de instituir uma renda básica universal ao presidente e ao ministro Paulo Guedes (Economia).

Bolsonaro ganhou ainda 263 camisas de times de futebol, 244 bonés, 90 medalhas e 68 gravatas. O acervo do presidente também registra 1.659 livros, sendo 83 Bíblias —uma delas doada pela Polícia Militar de São Paulo—, 5 obras com versões pró-ditadura militar sobre o golpe de 1964 e duas edições de "Lula e a Ideologia de Marx".

Não há livros de Olavo de Carvalho nos dados desse período. Tido como guru do bolsonarismo, o escritor se afastou do presidente durante o mandato, mas recentemente disse que votaria nele por falta de alternativas.

As primeiras obras que Bolsonaro recebeu foram duas edições de "O Brasil no Mundo", do ex-presidente Michel Temer (MDB), catalogadas no dia 2 de janeiro de 2019 no acervo do Planalto.

O presidente também ganhou 498 presentes perecíveis, como alimentos, mas não há detalhes sobre quais são. Muitos são doados por apoiadores no cercadinho do Palácio da Alvorada. O licor de jenipapo entra nessa categoria.

Em 2020, Bolsonaro foi presenteado pela Embaixada de Israel com um colete à prova de balas. No ano seguinte, recebeu um projétil de um popular, segundo os dados entregues pelo governo.

O presidente também levou uma panela elétrica de um apoiador. De outro, um massageador para os pés.

Mesmo desestimulando medidas de combate à Covid-19, o presidente foi presenteado com 185 máscaras de proteção e um frasco de álcool em gel.

No dia 13 de dezembro, o presidente disse, no Planalto, "aqui é proibido máscara". Segundo relatos de auxiliares, ele dá a ordem a quem entra em seu gabinete com o item.

Objetos recebidos de troca de presentes entre chefes de Estado e de governo são considerados patrimônio da União. Já bens consumíveis, como comida, não entram nesse rol.

"Ao fim da gestão, cabe à Presidência providenciar a mudança do ex-presidente e o envio do acervo. Neste caso, o ex-mandatário passa a ser o responsável pelo acervo e a ter a obrigação de preservá-lo", afirma o site do Planalto.

Há presentes considerados de "natureza personalíssima", doados por cidadãos, entidades ou empresas, além daqueles de consumo direto, como roupas, alimentos e perfumes, que também ficam com o presidente após o mandato.

A reportagem pediu acesso ao Palácio do Planalto ao acervo do atual mandatário, mas não obteve resposta.

A réplica de Bolsonaro, de madeira, foi entregue por um apoiador no dia 6 de setembro, no momento em que o presidente escalava o discurso golpista para os atos no Dia da Independência. A peça chegou a ser colocada no segundo andar do Planalto, mas foi retirada.

Já o painel com o slogan de campanha do presidente tem destaque na entrada do Planalto. Em um vídeo gravado ao lado do autor da pintura, Heinz von Haken Budweg, e publicado nas redes sociais, Bolsonaro diz: "Nós vamos deixar em um local aberto ao público, até para mostrar que isso, sim, é uma arte de verdade".

"Isso é obra de arte, pessoal, tá ok?", completou, junto do artista alemão naturalizado brasileiro.

Nas paredes de sua sala no terceiro andar do Palácio do Planalto, o chefe do Executivo também tem um quadro com uma foto de quando fez um gol na Vila Belmiro, em dezembro de 2020.

Pequenas estátuas de militares, uma menorá (castiçal judaico) e uma estátua de Nossa Senhora também estão entre os objetos expostos no gabinete. Há ainda um quadro do casamento dele e da primeira-dama, Michelle.

Em pedidos de LAI, o Planalto não apresenta dados sobre os acervos de ex-presidentes. Afirma que eles ficam responsáveis pelos presentes após os mandatos.

O acervo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) virou alvo de investigações da Operação Lava Jato, já arquivada. A acusação era de que a construtora OAS pagou R$ 1,3 milhão para manter os itens em um depósito em troca de vantagens.

A defesa do petista apontou, em 2016, que havia 369 mil cartas, 9.965 livros e 15.896 discursos armazenados em nove contêineres. Além de milhares de bonés, bandeiras e camisetas.

Os advogados de Lula dizem que a OAS fez uma doação como "apoio institucional", para preservar um material de interesse público.

Outra parte do acervo de Lula estava em um cofre no Banco do Brasil, que também foi alvo de buscas da Lava Jato. Em 2017, o TCU (Tribunal de Contas da União) reclassificou 434 presentes como patrimônio da União, que foram enviados para Brasília.

Em fevereiro de 2017, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) prestou depoimento ao ex-juiz Sergio Moro, agora pré-candidato a presidente da República. O tucano falou como testemunha de defesa de Lula.

"Mesmo que tenha valor, vai vender para quem? Aliás, nem pode", disse. "Tem de manter", afirmou FHC sobre os acervos dos ex-presidentes.

TSE obriga antecipação de fundo para negros e mulheres

Intenção é evitar o atraso que ocorreu no repasse durante a eleição de 2020

Ranier Bragon

BRASÍLIA A Justiça Eleitoral aprovou uma regra que dá mais um passo na tentativa de ampliar a participação de mulheres e negros na política. A partir da disputa deste ano, os partidos terão que repassar de forma antecipada a verba de campanha relativa às cotas racial e de gênero.

A medida, que consta de resolução aprovada pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) em dezembro, estabelece que as legendas terão que destinar o dinheiro a esses candidatos até 13 de setembro, a 19 dias da disputa e data final para que as campanhas apresentem a prestação de contas parcial.

O objetivo do tribunal foi o de tentar evitar uma situação que se mostrou comum em 2020, quando a cota racial entrou em vigor por decisão da própria Justiça Eleitoral.

Na ocasião, conforme revelou reportagem da **Folha**, os partidos atrasaram o repasse da verba das cotas.

Apesar de pretos e pardos somarem 50% do total de candidatos na ocasião, eles haviam sido destinatários de cerca de 40% da verba dos fundos eleitoral e partidário até cerca de 15 dias antes da disputa municipal.

Os autodeclarados brancos reuniam 60% do dinheiro, apesar de representarem 48% dos candidatos. Homens também ficaram, até esse período, com 73% dos recursos.

Relator da decisão no TSE, o ministro Edson Fachin escreveu em seu voto que "a fixação de uma data limite para o repasse desses recursos públicos traz efetividade e concretude à proposta normativa de igualar as condições de disputa eleitoral dessas candidatas e desses candidatos, agasalhando compreensão material do princípio da isonomia, que deve ser preservado por este Tribunal Superior Eleitoral".

As políticas afirmativas nas eleições tiveram início no fim dos anos 1990. Em 1998 começou a valer a cota de gênero, introduzida pela Lei das Eleições, de 1997, que obrigou os partidos a lançarem ao menos 25% de mulheres na disputa proporcional (naquele ano, à Câmara dos Deputados e às Assembleias estaduais).

Dois anos depois, a cota de gênero subiu para 30%.

Apesar disso, os partidos não eram obrigados a distribuir de forma equânime as verbas de campanha. Somente em 2018 o STF (Supremo Tribunal Federal) definiu que as legendas tinham que repassar a verba de campanha às mulheres proporcionalmente ao número de candidatas — ou seja, ao menos 30%.

Isso levou algumas siglas a recorrerem ao expediente das candidaturas laranjas, entre elas o PSL, como revelou a **Folha**. O esquema consistia no lançamento de candidaturas femininas de fachada, com o único intuito de simular o cumprimento da cota.

A verba destinada oficialmente a essas mulheres, que não tinham indicativo real de terem feito campanha, acabava desviada para outros candidatos ou outros fins.

Na disputa municipal de 2020, o STF estendeu a política, estabelecendo a divisão das verbas na proporção de candidatos brancos e negros lançados pelos partidos.

"Fico muito feliz com o esforço do TSE de tentar dar efetividade à medida de caráter de justiça e igualdade do ponto de partida. Assim, a sociedade e as candidaturas terão parâmetros mais concretos de controle da atuação dos partidos, evitando o esvaziamento dessa política pública", afirmou Irapuã Santana, doutor em direito processual pela Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e procurador de Mauá (SP).

Para Romero Rocha, um dos coordenadores do Igualdade 23 (núcleo afro do Cidadania), o repasse deveria ocorrer bem antes do dia 13 de setembro, mas a decisão do TSE já representa um caminho.

"Antes não tinha nem essa previsão para ter esse recurso. O tempo está curto, vamos trabalhar para aumentar esse tempo, e vamos trabalhando até o dia que a gente não precise mais disso, até que chegue o tempo ideal que não precise ter essa distinção."

De acordo com ele, é preciso compreender, porém, a decisão dos partidos de selecionar os candidatos que irão receber mais recursos.

"Tem gente que não tem base, nunca fez base, nunca trabalhou no município, nunca fez nada, aí quer se lançar candidato e quer que o partido lhe dê R$ 500 mil. Isso não vai acontecer nunca. Isso é dinheiro jogado no lixo. Isso é dinheiro público."

Após a decisão do STF de proibir em 2015 que empresas financiassem candidatos, as campanhas passaram a ser bancadas, majoritariamente, por verbas públicas. E elas vêm crescendo em ritmo acelerado. Neste ano, somarão R$ 6 bilhões, juntando o fundo eleitoral (R$ 5 bilhões) e o partidário (R$ 1 bilhão).

Cabe aos partidos decidir quem vai receber a verba e quando irá receber, respeitadas as cotas racial e de gênero. Eventuais descumprimentos são passíveis de punição na análise da prestação de contas de candidatos e legendas.

Um indicativo de que pode haver mais rigor contra eventuais desvios está no fato de que o TSE também fez prever expressamente em suas resoluções das eleições que uso de "candidaturas femininas fictícias" acarretará a cassação de diplomas ou mandatos de todos os candidatos da chapa partidária, "independentemente de prova de sua participação, ciência ou anuência."

Punições desse tipo — a cassação de toda a chapa partidária — já vêm sendo aplicadas por tribunais do país, embora ainda não haja uniformidade nas decisões.

O tribunal também aprovou a adoção de uma linguagem inclusiva de gênero em suas resoluções. Em vez de se referir, por exemplo, a "candidatos", os documentos usam agora a expressão "candidatas e candidatos".

As decisões tomadas pelo TSE na aprovação das resoluções da eleição de outubro somam-se a outra medida pró-cotas, essa adotada pelo Congresso no ano passado.

Deputados e senadores aprovaram mudança na lei para estabelecer que o voto dado em mulheres e negros irá contar em dobro no cálculo de divisão das verbas públicas às legendas.

As políticas afirmativas no âmbito eleitoral visam a tentar corrigir um cenário em que mulheres e negros, embora sejam maioria na sociedade, são minorias na política, em especial nos cargos de maior relevância.

O Congresso chegou a ensaiar em 2021 a aprovação de cota de cadeiras no Legislativo para mulheres — que se somaria à cota de candidaturas e de verbas de campanha —, mas a medida não prosperou.

O TSE aprovou em dezembro todas as resoluções relativas às eleições de outubro, em que serão escolhidos presidente da República, governadores, deputados federais, estaduais e um terço do Senado.

Entre as novidades desta eleição está a possibilidade de as siglas se unirem em federações. Diferentemente das coligações, que estão proibidas para a disputa de cargos proporcionais (deputados), as legendas que se unirem em federações têm que atuar de forma conjunta pelos quatro anos seguinte.

Alguns partidos negociam essa união, em especial siglas de esquerda. O objetivo é se fortalecer para a eleição para a Câmara dos Deputados, em que o total de votos dados a todos os candidatos da sigla ou da federação pesa na divisão das cadeiras.

Outro ponto observado nas resoluções do TSE é a tentativa de, após as experiências de 2018 e 2020, endurecer as regras contra fake news, embora ainda haja muita discrepância na análise de casos específicos pelos tribunais.

Há previsão de pena de prisão para quem divulgar notícias falsas com intuito eleitoral ou contra o sistema de votação. O disparo em massa de mensagens para pessoas que não se inscreveram para recebê-las está proibido.

Outra novidade diz respeito às candidaturas coletivas. Elas continuam sem previsão legal, mas a candidata ou candidato poderá fazer menção ao grupo no nome que usará na urna eletrônica.

Por fim, o TSE decidiu que em outubro o fuso horário para a votação será um só em todo o país, o de Brasília, das 8h às 17h. Com isso, eleitores do Acre, por exemplo, terão que ir às urnas das 6h às 15h. Isso irá acabar com a espera para a divulgação dos primeiros números da apuração.

> "Assim, a sociedade e as candidaturas terão parâmetros mais concretos de controle da atuação dos partidos, evitando o esvaziamento dessa política pública
>
> **Irapuã Santana**
> doutor em direito processual pela Uerj

Manifestação de mulheres dentro do plenário da Câmara dos Deputados, em 2015 Pedro Ladeira - 16.jun.15/Folhapress

Calendário eleitoral

- **3.mar** **Troca-troca** — Início da janela em que deputados poderão, **até 1º.abr**, trocar de partido sem risco de perder o mandato por infidelidade
- **2.abr** **Federações** — Data até a qual elas devem ter obtido registro de seus estatutos no TSE
  Desincompatibilização — Essa é também a data limite para que presidente, governadores e prefeitos que pretendam concorrer a outros cargos renunciem aos atuais mandatos
- **20.jul** **Convenções partidárias** — Oficialização do nome dos candidatos, **até 5.ago**
- **16.ago** **Período eleitoral** — Início oficial, o que inclui a permissão de comícios, carreata, panfletagem, uso de carros de som e propaganda eleitoral na internet
- **26.ago** **Propaganda na TV e no rádio** — **Até 29.set**
- **9.set** **Prestação de contas parcial** — Por candidatos e partidos, **até 13.set**
- **29.set** **Debates** — Último dia para a realização no rádio e na televisão
- **2.out** **Primeiro turno** — **Das 8h às 17h, no horário de Brasília** (fuso que será usado em todo o país, sem exceção)
- **7.out** **Propaganda na TV e no rádio** — **Até 28.out**
- **28.out** **Debates** — Último dia para a realização no rádio e na televisão
- **30.out** **Segundo turno** — **Das 8h às 17h, no horário de Brasília** (fuso que será usado em todo o país, sem exceção)
- **19.dez** **Diplomação dos eleitos** — Data final
- **1º.jan** **Posse do presidente e governadores eleitos**
- **1º.fev** **Posse dos senadores e deputados eleitos**

Algumas das principais novidades das eleições 2022

Como era		Como fica
	Cotas	
Mulheres devem receber ao menos 30% das verbas Negros, a verba proporcional aos candidatos negros (desde 2020)		As verbas relativas às cotas têm que ser entregues pelos partidos aos candidatos até 13.set (19 dias antes da eleição) para evitar a prática comum de relegar esse repasse aos dias finais da campanha
	Federações partidárias	
Não havia essa possibilidade		Partidos podem se unir em federações, sendo obrigados a atuar de forma conjunta nos quatro anos da legislatura
	Horário de votação	
Das 8h às 17h, respeitando o fuso horário de cada estado		Das 8h às 17h, no horário de Brasília. No Acre, por exemplo, a votação terá que ocorrer das 6h às 15h
	Coligações	
Partidos podiam se coligar livremente, sem obrigação nenhuma de ficarem unidos após a eleição		Estão proibidas para a disputa à Câmara dos Deputados e Assembleias Legislativas. Continuam valendo para a disputa à presidência e aos governos dos estados
	Candidaturas laranjas	
Não havia menção específica		Resolução prevê, expressamente, que uso de "candidaturas femininas fictícias" acarretará na cassação de diplomas ou mandatos de todos os candidatos da chapa partidária, "independentemente de prova de sua participação, ciência ou anuência"
	Fake News	
Depois de 2018, Congresso e Justiça buscaram implantar regras para tentar coibir a prática		Há uma tentativa de endurecimento das regras, embora ainda haja muita discrepância na análise de casos específicos pelos tribunais. Há previsão de pena de prisão para quem divulgar notícias falsas com intuito eleitoral ou contra o sistema de votação. O disparo em massa de mensagens para pessoas que não se inscreveram para recebê-las está proibido
	Candidaturas coletivas	
Não há previsão legal para elas		Continua sem previsão legal, mas a candidata ou candidato poderá fazer menção ao grupo no nome que usará na urna
	Linguagem inclusiva de gênero	
Não havia		As resoluções do TSE passam a adotá-la. Em vez de, por exemplo, "candidatos", usa-se "candidatas e candidatos"

Juliana Freire

O lava-jatismo contamina a eleição

O ex-governador Márcio França é seu alvo mais recente

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

Márcio França, que governou São Paulo em 2018 e é candidato ao cargo, foi a última vítima do lava-jatismo, a variante espetaculosa e instrumental das iniciativas que combatem a corrupção na administração pública.

A Polícia Civil de São Paulo, autorizada pela Justiça, cumpriu mandados de busca e apreensão em 34 endereços de pelo menos seis cidades do estado. Alguns deles estavam "ligados" a França. O que significa "ligado" não se sabe.

A investigação, que corre em segredo de Justiça, seguiu a regra básica do lava-jatismo, com vazamentos dosados e temperados com uma cifra: os acusados estavam metidos em operações que lesaram a Viúva em cerca de R$ 500 milhões, numa estimativa de dezembro, feita pela Corregedoria Geral da Administração. (Isso tudo nos dias em que se lembrou o primeiro aniversário da invasão do Capitólio, em Washington. De lá para cá, o Federal Bureau of Investigation prendeu centenas de pessoas sem espetáculo algum.)

A blitz foi um prolongamento da Operação Raio-X, iniciada em 2020. Ela investiga roubalheiras de organizações sociais metidas na rede de saúde, com suas conexões políticas.

Serviço bem-feito, ela operou sem espetáculos, cumpriu 327 mandados de busca, prendeu 64 pessoas, levou o Ministério Público a denunciar mais de 70 e permitiu a condenação de pelo menos 15 pessoas, uma delas a 104 anos de prisão. Tudo isso sem espetáculo, monitorando os investigados que destruíam documentos.

Até os esparadrapos dos hospitais sabem como funcionam, em vários estados, algumas dessas organizações sociais, às vezes com nomes de santos. No Rio, o ex-governador Wilson Witzel levantou o tema, mas teve pouca atenção. O lava-jatismo poluiu a Operação Raio-X valendo-se de uma velha receita. Pega-se uma roubalheira documentada, cria-se o enredo da busca e apreensão, divulga-se uma cifra, e nesse guisado entra o nome de um político.

No caso, entrou na roda Márcio França. Como governador, dias antes de deixar o cargo, ele aliviou o acusado que mais tarde veio a receber a condenação centenária. Para a polícia, surgiram "indícios veementes de um forte vínculo entre os dois".

Em dezembro a polícia apresentou à Justiça um documento reservado de 212 páginas pedindo os mandados de busca. França é o principal personagem em mais de 50 dessas páginas. Cabe à Justiça decidir o valor dessas acusações. Fora daí, é lava-jatismo.

Desde abril do ano passado o Ministério Público paulista investiga, sem teatro, um irmão do governador. Ele tem empresas na rede de prestação de serviços de saúde e foi grampeado em diálogos impróprios, "estarrecedores", na palavra da polícia. Esse foi o jogo jogado de uma operação bem-sucedida.

O lava-jatismo é a doença senil do combate à corrupção e contaminou as atividades da República de Curitiba. Ela conseguiu 174 condenações, detonou o maior esquema de corrupção já descoberto na República. Foi manchada pela instrumentalização política e pela espetacularização de suas atividades.

Graças às investigações da Operação Raio-X, na primeira quinzena de dezembro a Justiça de Penápolis (SP) condenou 12 pessoas, entre elas o ex-secretário de Saúde do município a 21 anos de cadeia.

Serviço bem-feito não precisa de coreografia. Num ano de eleições será forte a tentação para instrumentalizar ações policiais. Elas acabam viciando a boa causa.

França com o cajado

Em 2018, quando governava São Paulo, o doutor Márcio França ensinou:

"As pessoas têm que entender que a farda deles [PMs] é sagrada, é a extensão da bandeira do estado de São Paulo. Se você ofender a farda, ofender a integralidade do policial, você está correndo risco de vida. É assim que tem que ser".

Passado o tempo, encrencado com a Polícia Civil, França talvez tenha percebido que, com o cajado na mão, exagerou ao falar em "risco de vida".

Johnson sabia tudo

Lyndon Johnson, presidente dos Estados Unidos de 1963 a 1969, foi um dos políticos mais espertos de seu tempo. Aqui vai uma de suas histórias preferidas:

Numa pequena cidade do Texas, o candidato a prefeito procura um amigo, diretor do jornal, e, às vésperas da eleição, pede-lhe que publique a notícia de que seu rival foi visto mantendo relações sexuais com um animal.

Ele vai desmentir, diz o dono do jornal.

É exatamente isso que eu quero, responde o candidato.

O médico avisou

O médico Antônio Luiz Macedo recomendou ao paciente Jair Bolsonaro que caminhe mais e mastigue melhor. A ver.

Em setembro de 1982, o cardiologista americano que acompanhava a saúde do presidente João Figueiredo escreveu-lhe: "O senhor pode estar cavando sua sepultura com o talher".

Figueiredo não tomou jeito e dez meses depois estava no centro cirúrgico de Cleveland, onde lhe puseram uma ponte de safena e uma mamária.

Ele só foi para a sepultura em 1999, aos 81 anos.

Eremildo, o idiota

Eremildo é um idiota e odeia vacinas. Ele vai a Brasília para sugerir ao Ministério da Saúde que faça mais uma consulta pública. Nela tentará descobrir quem acredita no que o doutor Marcelo Queiroga diz.

Bolsonaro e a morte

Em julho de 2020, quando a Covid havia matado 30 mil pessoas, João Moreira Salles escreveu um artigo intitulado "A morte e a morte", no qual lidava com a relação de Jair Bolsonaro com o fim da vida alheia:

"O luto lhe é estranho. Publicamente, sua reação ao sofrimento alheio assume apenas duas formas: júbilo ou indiferença. É preciso reparar nisso para compreendê-lo".

Quem não reparou que reparasse. A esta altura os leitores das folhas de chá das pesquisas eleitorais perceberam que a falta de empatia com a morte (dos outros) é a pedra mais pesada na mochila de sua rejeição.

Numa conta de padaria, estima-se que cada morto pela pandemia irradiou sofrimento para cem pessoas. Admitindo-se que metade desse bloco seja de eleitores, seriam 31 milhões de votos.

Boas notícias

Com tanta notícia ruim rodando por aí, passam despercebidas as boas.

Segundo o IBGE, entre 2019 e 2020, a pobreza brasileira caiu, na média, 1,8 ponto percentual. Cinco estados tiveram melhor desempenho:

Em Sergipe, governado por Belivaldo Chagas Silva (PSD), a queda foi de 8,9 pontos. No Pará, de Helder Barbalho (MDB), a queda foi de 8,8 pontos. No Piauí, com Wellington Dias (PT), 6,7 pontos, e no Maranhão, de Flávio Dino (PSB), 5,6.

(2021 veio para estragar.)

Canibais de salto

A autofagia petista voltou a atacar, e de salto alto. Há duas semanas facções companheiras discutem a relevância de Dilma Rousseff na campanha eleitoral.

Há fortes argumentos para afastá-la dos holofotes, mas não é gentil diminuí-la, até porque ele leva sua vida em Porto Alegre sem incomodar os outros.

Folha estreia Vida Pública e dá ênfase a ações de governos para a população

Núcleo editorial é parceria entre o jornal e o Instituto República.org, que atua com gestão de pessoas

VIDA PÚBLICA

SÃO PAULO Com a missão de avaliar e de difundir práticas públicas aplicadas em todo o país, por diferentes gestões e para públicos diversos, a **Folha**, em parceria com o Instituto República.org, estreia um novo núcleo editorial, o Vida Pública.

A iniciativa, que trará reportagens que acompanham os desdobramentos de ações voltadas a toda sociedade em áreas distintas como saúde, educação, direitos humanos e cultura, por exemplo, seguirá todos os princípios que norteiam as práticas diárias do jornal.

O espírito crítico, a pluralidade e o apartidarismo, pontos basilares da **Folha**, devem permear as publicações, que irão dialogar com as demais áreas editoriais do jornal. O núcleo será comandado pelo jornalista Jairo Marques.

"As parcerias editoriais com a Redação, como esta com a República.org, sempre garantem ao jornalismo da **Folha** total autonomia para apurar, editar e publicar os conteúdos", afirma Sérgio Dávila, diretor de Redação.

As reportagens também irão apresentar ao leitor iniciativas governamentais de qualidade e agentes públicos que se destacam por suas ações levando transformação e impacto positivo para a população.

"Governos importam, especialmente numa sociedade estatocêntrica como a brasileira. Temos que falar mais e melhor sobre governos e reconhecer constantemente profissionais públicos de excelência, para motivar e engajar mais e mais servidores nessa luta que é trabalhar por todas as pessoas de maneira responsável, responsiva e efetiva", diz Guilherme Coelho, fundador do instituto.

Ainda segundo ele, "a República.org existe pra reconhecer excelência no setor público, e deixar que essas pessoas animem outras e transformem o Estado brasileiro com políticas mais presentes, competentes e efetivas".

O acompanhamento das práticas públicas, tanto na visão da **Folha** como na da República.org, fortalece a defesa da democracia.

Nas palavras do diretor de Redação, "a avaliação das políticas públicas e da administração pública conforme evidências e parâmetros objetivos, o que inclui questionamentos sobre diversidade e representatividade, contribui para o avanço da democracia numa sociedade plural como a brasileira".

Já Francisco Gaetani, presidente do conselho do instituto, declara que "não há democracia desenvolvida que não possua um serviço público forte, profissional, competente e que proteja os cidadãos do autoritarismo e dos desmandos arbitrários".

Ainda sobre o tema, Gaetani declara que "há uma série de problemas que não têm como ser resolvidos sem ser pelo poder publico. Questões como desigualdade social, mudança climática, pandemias, colapsos econômicos, regulação da competição. Em vez de focar um Estado intratável, debilitando-o de modo a fazê-lo descartável, o República.org aposta em um Estado recuperável pelo investimento no seu maior capital: seus servidores públicos."

As notícias de Vida Pública, que vão incluir reportagens, perfis, entrevistas, explorações gráficas entre outras, terão periodicidade semanal e estarão disponíveis em todas as plataformas do jornal.

Guilherme Coelho celebrou a relevância da parceria entre o jornal e o instituto e reforçou a independência editorial das publicações.

"É uma honra para a República.org trabalhar com a maior marca do jornalismo latino-americano. E mérito é dos servidores públicos. A **Folha** entende que governos importam e que muitas pessoas trabalhando em governo merecem que suas histórias —suas vidas públicas— sejam contadas. A República.org aplaude a iniciativa da **Folha**, sua completa independência editorial, e ficaremos felizes em ler sobre o Brasil público."

Em breve, outras iniciativas da parceria **Folha** e República.org vão ser anunciadas.

Leia na pág. B4 reportagem do novo núcleo editorial

> “ Governos importam, especialmente numa sociedade estatocêntrica como a brasileira. Temos que falar mais e melhor sobre governos e reconhecer constantemente profissionais públicos de excelência, para motivar e engajar mais e mais servidores
>
> **Guilherme Coelho**
> fundador do Instituto República.org, parceiro no núcleo Vida Pública

STJ barra acesso de servidor sem vacina ao TRF-3

SÃO PAULO O presidente do STJ (Superior Tribunal de Justiça), ministro Humberto Martins, negou pedido de liminar a um servidor que pretendia entrar no TRF-3 (Tribunal Regional Federal), com sede em São Paulo, sem comprovar vacinação.

A decisão foi expedida na segunda-feira (3), mesmo dia em que o STJ divulgou que Martins teve diagnóstico de Covid e cumpriria isolamento em casa.

O STJ afirma que o magistrado decidiu com base no princípio da precaução — garantia contra riscos potenciais que não podem ser ainda identificados— e a fim de resguardar a saúde e a vida da população.

A decisão foi proferida em habeas corpus ajuizado contra portaria editada pelo TRF-3 em dezembro, que passou a exigir o comprovante de vacinação contra a Covid-19 —ou teste negativo para o vírus, realizado nas últimas 72 horas— para ingresso e permanência no prédio do tribunal.

O servidor alegou que o ato normativo desrespeita sua liberdade de locomoção e o livre exercício de sua atividade profissional.

Em nota, o STJ afirmou que Humberto Martins passa bem, e não registra sintomas de Covid-19. **Frederico Vasconcelos**

Putin tenta encurralar Ocidente com seu xeque-mate na Ucrânia

Entenda o que levou crise na Europa a colocar russos e americanos frente a frente

Igor Gielow

SÃO PAULO Quando as delegações diplomáticas da Rússia e dos Estados Unidos sentarem-se à mesa em Genebra, nesta segunda-feira (10), duas décadas de política de Vladimir Putin estarão em jogo.

O presidente da Rússia, que assumiu sobre as ruínas dos dez anos de crise após o fim da União Soviética, trabalhou um plano geopolítico claro.

Críticos o acusam de buscar restaurar o império comunista, mas suas preocupações são as mesmas de governantes do maior país do mundo desde tempos imperiais: aumentar a distância entre seu território e os adversários, perdida quando a união caiu, em 1991.

Há outros pontos, como a proteção de russos étnicos que ficaram para trás e a manutenção da popularidade, que tem na ideia de uma Rússia forte um de seus pilares. O adversário, claro, é a Otan, liderada pelos vencedores da Guerra Fria, os EUA.

Passadas três décadas, o Ocidente se vê encurralado pelos russos na Ucrânia, uma crise que Putin tenta resolver com um xeque-mate —ou um ippon, para ficar no judô que o líder aprecia.

A seguir, a **Folha** tentará resumir em um questionário o caminho que trouxe os dois países com os maiores arsenais nucleares do mundo frente a frente, novamente.

*

O que está acontecendo na Ucrânia agora? No começo de novembro, Putin deslocou mais de 100 mil soldados e equipamentos para áreas próximas, relativamente, da Ucrânia. O vizinho, os EUA e a Otan o acusaram de planejar uma invasão militar.

Mas o que existe lá que interessa a Putin? Em 2014, o governo pró-Rússia de Kiev foi derrubado (golpe ou revolução, depende de quem conta). Putin percebeu que a Otan e a União Europeia poderiam absorver o vizinho e agiu, promovendo a anexação da Crimeia, um território étnico russo que havia sido cedido à Ucrânia nos tempos soviéticos, em 1954. E fomentou uma guerra civil de separatistas pró-Kremlin na região do Donbass, no leste da Ucrânia, que está no centro da confusão agora.

A ONU disse o quê? Ela não reconhece a Crimeia russa.

Alguém reconhece? Apenas oito aliados do Kremlin. Mas, na prática, a anexação é vista como um fato consumado.

E as áreas autônomas? Aqui a coisa complica. Primeiro, porque elas não são tão homogêneas etnicamente, segundo, porque Putin não jogou todo seu peso militar para apoiar de forma decisiva os rebeldes.

Mas isso não o interessava? Anexar o Donbass seria muito mais complexo e caro, além de ter evidente custo militar. A prioridade de Putin é outra: evitar que a Ucrânia, ou qualquer outro país ex-soviético, entre na Otan e, de forma talvez mais secundária, na União Europeia.

Por quê? Historicamente, os russos têm o seu flanco mais vulnerável no Leste Europeu. Por isso, tanto o Império Russo quanto a União Soviética ou dominavam ou tinham aliados na região. O ocaso soviético fez com que parte desses países fosse absorvida na esfera ocidental, e em 2004 a expansão chegou a três repúblicas que eram da união: Estônia, Letônia e Lituânia. Isso foi a gota d'água para Putin, no poder desde o fim de 1999.

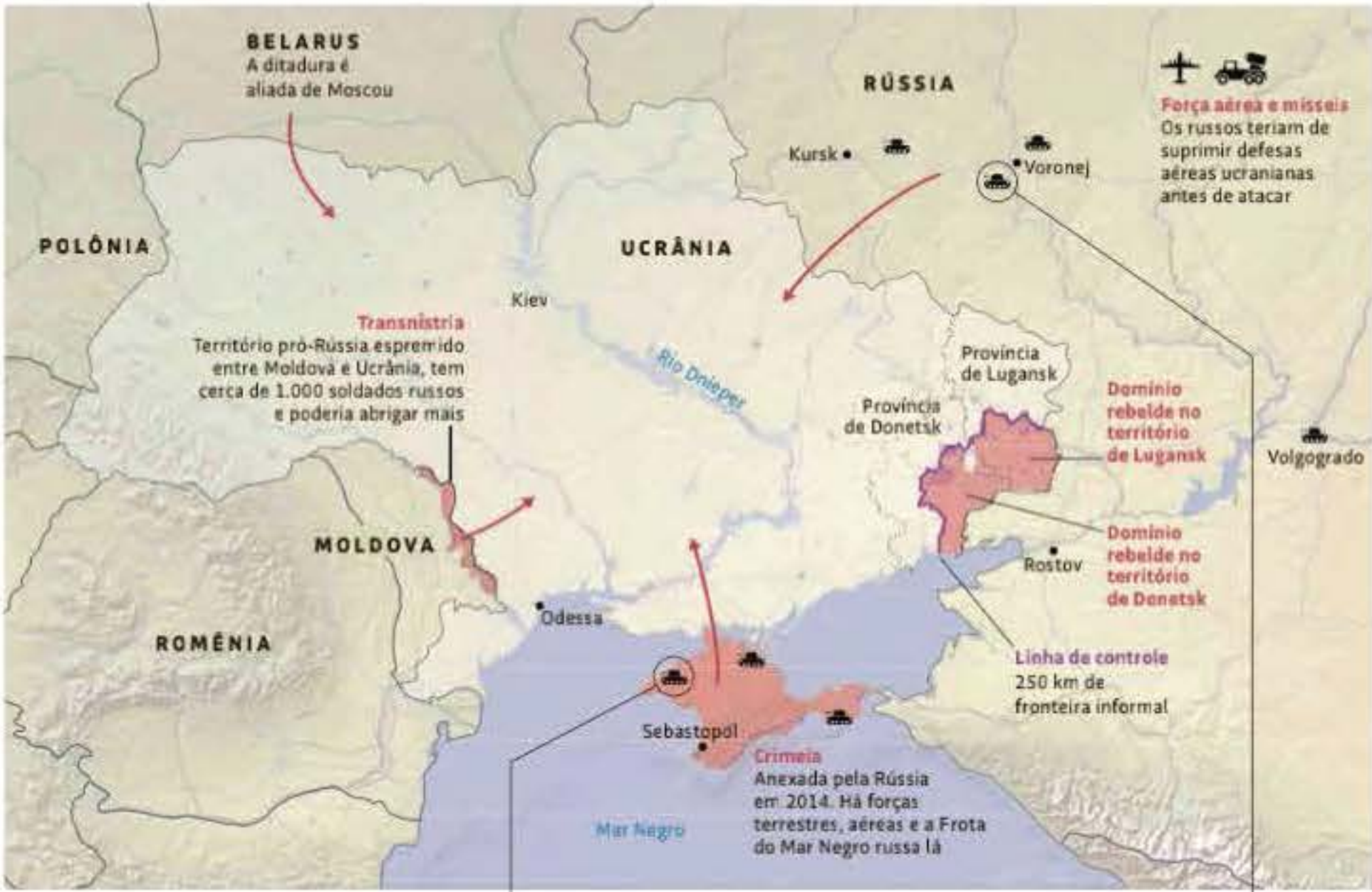
+ CRISE UNE AINDA MAIS PUTIN A XI

A crise na Ucrânia, que já deixou 14 mil mortos desde 2014, aproximou ainda mais a Rússia da China, que deu apoio a Putin e disse que ambos os países se precisam se defender juntos do Ocidente. É uma tendência que já estava colocada, mas que pode ter efeitos no futuro próximo, segundo indicou o próprio líder Xi Jinping.

Mas isso não seria uma questão dos países? Sim, pelo direito internacional e pela lógica ocidental. Politicamente, contudo, os EUA se comportaram como vencedores pouco magnânimos da Guerra Fria, avançando a leste e perdendo a oportunidade de atrair a Rússia para uma parceria mais estável com seus aliados europeus.

E então Putin agiu. Ele primeiro travou uma guerra em 2008 na Geórgia, um país pequeno numa região explosiva, o Cáucaso, que é uma das rotas históricas de invasões e guerras —no caso, contra a Turquia. Nos dias de hoje, o problema lá é a infiltração de radicais islâmicos, como as duas guerras que Moscou lutou na Tchetchênia, que faz parte de seu território, demonstraram. No caso georgiano, o então presidente do país tinha uma atitude agressiva e foi visto como imprudente ao provocar os russos, dando a desculpa para que eles atacassem em nome da minoria étnica que povoa duas áreas do país. Resultado, hoje a Geórgia não controla 20% de seu território, o que na prática impede que ela se una à Otan.

Continua na pág. A10

Frentes de ataque possíveis

18.out.2021
Imagem de satélite mostra instalações militares russas em Novoozerne, na Crimeia

Maxar Technologies/Reuters

21.dez.2021
Imagem de satélite mostra campo de treinamento em Pogonovo, na Rússia

Maxar Technologies/Reuters

A evolução das fronteiras

Séc. 9
Fundação do Rus de Kiev, reino formado por nórdicos que dominaram do Báltico ao mar Negro

Séc. 10
Conversão do reino ao cristianismo, unindo regiões hoje russas, ucranianas e belarussas

Séc. 13-18
Progressiva dominação estrangeira, por mongóis, russos e europeus

Séc. 18
Ucrânia no Império Russo

Séc. 20
União Soviética engloba a Ucrânia até 1991, quando o país se declara independente

Séc. 21
Governos pró-Rússia e pró-Ocidente se alternam até 2014, quando o presidente aliado ao Kremlin é derrubado

2014
Putin reabsorve a Crimeia, de maioria étnica russa, e fomenta guerra civil no Donbass. Rebeldes estabelecem duas "repúblicas populares" autônomas

2015
Segunda tentativa de cessar-fogo se segura de forma precária, com o grosso das 14 mil mortes até aqui já tendo ocorrido

2019
Protestos pressionam ditadura da Belarus, que cede mais controle político ao aliado Putin para promover repressão

2019
Otan e EUA incrementam exercícios no mar Negro e fornecimento de armas para a Ucrânia

2021
Joe Biden assume falando grosso com Putin. Russos pressionam com tropas nas fronteiras por acordo final na região e são ameaçados com sanções. Gasoduto Nord Stream 2 é finalizado, mas ainda não aprovado

Putin tenta encurralar Ocidente com seu xeque-mate na Ucrânia

Continuação da pág. A9

Que é exatamente o que Putin queria. Sim, e é o motivo pelo qual ele é visto como um vilão no Ocidente, pelo uso de força bruta. O passo seguinte foi a Ucrânia, em 2014.

E as sanções ocidentais, tiveram efeito? Há uma pressão sobre a Rússia, mas especialistas se dividem sobre o real impacto, porque a resultante das sanções foi um incremento no mercado interno, o maior descolamento do sistema financeiro internacional e certa diversificação da economia, ainda dependente da exportação de hidrocarbonetos.

E a Europa segue comprando gás russo. O gasoduto Nord Stream 2, completado no ano passado, permitirá à Rússia, quando a Alemanha liberar, retirar boa parte do trânsito do gás natural que vende aos europeus por meio de velhas linhas que passam pela Ucrânia. Assim, Kiev pode perder boa parte dos US$ 2 bilhões anuais que aufere em taxas. Hoje, 40% do gás que a Europa consome vem de Putin, e os EUA lutam para inviabilizar o gasoduto porque consideram que os europeus fazem jogo duplo.

Por que a Ucrânia não entrou na Otan e na UE? Pelo mesmo motivo da Geórgia: as regras dos clubes não permitem países com conflitos territoriais ativos. Isso torna conveniente o discurso ocidental, já que ninguém quer pagar para ver em um confronto direto com a Rússia. Assim, Kiev recebe apoio e algum armamento da Otan, mas não se espera tropas em sua defesa.

E o que acontece agora? Putin quer ver implementados os Acordos de Minsk 2, de 2015, que congelaram a guerra civil no Donbass. Só que eles preveem um grau de autonomia às áreas russas que Kiev não aceita. Ao deslocar suas tropas, insinua que pode usar a força como em 2014, o que alguns acham ser blefe.

Por quê? Porque o Exército ucraniano não pode derrotar o russo, mas causar um bom estrago. E uma invasão implicaria anexação de áreas, o que custa bilhões de que Putin não dispõe. Isso fora o risco de a Otan mudar de ideia e defender Kiev, o que arriscaria uma escalada, talvez nuclear. Não por acaso, as cinco potências atômicas se comprometeram a nunca iniciar uma guerra com essas armas.

O que será negociado? Russos e americanos devem discutir nesta semana os termos apresentados por Putin para pacificar a região. Ele "trucou", pedindo compromisso do fim da expansão da Otan e retirada de forças da aliança de membros que entraram após 1997, ou seja, o bloco que era comunista. Isso não será aceito, mas poderá haver concessões pontuais e o reinício de negociações sobre a Ucrânia, o que já será vendido em Moscou como uma vitória.

Se não der certo, pode haver guerra? Não é o cenário mais provável, mas o risco é real.

E a crise no Cazaquistão, como se encaixa nisso? Há duas teorias sobre o fato de protestos legítimos contra aumento de combustível terem virado uma quase revolução, com gente armada nas ruas. Primeiro, que foi fomentada pelo Ocidente para enfraquecer Putin. Segundo, que foi obra do Kremlin para, resolvida rapidamente, colocá-lo em posição de força. Seja o que for, ou nada disso, a chance de Putin sair fortalecido do episódio, como pacificador da Ásia Central, é bem grande.

Nova Guerra Fria pode ser ponto de inflexão em prol da segurança global

EUA, China e Rússia têm evitado atos que levem a rompimento do instável equilíbrio existente

OPINIÃO

Sergio Duarte

Embaixador, foi alto representante das Nações Unidas para Assuntos de Desarmamento. É presidente das Conferências Pugwash sobre Ciência e Assuntos Mundiais

Desde o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, até a dissolução da União Soviética, em 1989, o mundo se tornou refém do enfrentamento ideológico a que se chamou Guerra Fria e que por vezes ameaçou derivar para um conflito nuclear catastrófico.

A hostilidade e a desconfiança mútuas entre Estados Unidos e URSS provocaram uma acirrada competição em busca de influência política, além de uma corrida armamentista que prossegue até hoje. Pode-se dizer que a Guerra Fria original não terminou —só se modificou, com a crescente rivalidade entre Pequim e Washington a partir da década de 1970.

Há mais diferenças do que semelhanças entre as situações acima descritas. O antagonismo EUA-URSS se baseava em profunda e irreconciliável dicotomia ideológica. Ambos buscavam supremacia militar e apoio político e econômico em um mundo bipolar que já não existe no ambiente globalizado de hoje.

O Pacto de Varsóvia desapareceu, e a Otan se metamorfoseou, avançando para o leste. As atuais divergências entre EUA e Rússia são preponderantemente políticas e com a China, econômicas.

O poderio bélico atual da Rússia e dos EUA pode ser considerado equivalente, enquanto o da emergente potência asiática é quantitativa e qualitativamente inferior. Os americanos possuem um total de 5.550 ogivas nucleares, das quais 1.700 em posição de tiro, enquanto a Rússia tem 6.257 ogivas, com 1.600 prontas para disparo. Estima-se que a China disponha de cerca de 300 a 4.001.

A Guerra Fria da segunda metade do século 20 se exprimia na acumulação de megatons, enquanto os três atuais participantes parecem privilegiar a preservação de uma ordem internacional controlável que ofereça —ao menos por enquanto— mais vantagens do que riscos. Não faltam provocações e atritos, mas cada qual tem sabido evitar atitudes que possam levar ao rompimento do instável equilíbrio existente.

Embora sejam ainda a nação mais poderosa do globo, os EUA parecem haver compreendido ser impossível atuar de maneira hegemônica no cenário mundial, como ocorreu no final do século 20. Um entendimento viável e duradouro com China e Rússia será essencial para o tratamento de questões regionais e globais de crucial importância, como a eventual desnuclearização da península coreana, a nova realidade no Afeganistão e os perigos de proliferação nuclear no Oriente Médio e alhures.

O êxito na negociação e adoção de normas e padrões internacionais de conduta que fortaleçam a paz e a segurança, porém, dependem necessariamente do esforço coletivo. Desconfiança e hostilidade entre os protagonistas levarão fatalmente a um mundo mais perigoso e menos capaz de promover a busca de soluções comuns para problemas comuns.

[...]

A Guerra Fria da segunda metade do século 20 se exprimia na acumulação de megatons, enquanto os três atuais participantes parecem privilegiar a preservação de uma ordem internacional controlável que ofereça —ao menos por enquanto— mais vantagens do que riscos

Essa tarefa requer visão, moderação e acima de tudo comportamento racional por parte dos líderes mundiais, assim como estímulo e cooperação dos demais países e da sociedade civil, evitando atritos desnecessários, priorizando interesses convergentes e levando em consideração os objetivos e aspirações maiores da comunidade internacional.

A evolução da nova Guerra Fria poderá gerar um ponto de inflexão em prol do reforço da segurança de toda a humanidade. Nesse contexto, um novo paradigma de segurança mundial terá de ser não discriminatório, a fim de proporcionar garantias para todos, não apenas a uns poucos países armados.

Cazaquistão prende ex-chefe de inteligência do país

ALMATI | REUTERS E AFP Em meio à crise no Cazaquistão, com milhares de manifestantes detidos e dezenas de mortos, o ex-chefe da inteligência do país foi preso sob suspeita de traição, informou a mídia estatal neste sábado (8).

Karim Masimov chefiava o Comitê de Segurança Nacional até ser demitido pelo presidente Kassim-Jomart Tokaiev na última quarta-feira (5), quando protestos violentos, inicialmente motivados pela alta no preço do combustível GLP (gás liquefeito de petróleo), multiplicaram-se pelas ruas da ex-república soviética.

Trata-se de uma das primeiras prisões de figuras políticas de expressão do país da Ásia Central realizadas desde o início da crise. Além de chefe da inteligência, Masimov atuou como premiê por dois mandatos nas últimas duas décadas e foi aliado do ditador Nursultan Nazarbaiev, conhecido como o "pai da nação".

O gabinete de Tokaiev também anunciou que ele informou ao presidente russo, Vladimir Putin, que a situação no país estava se estabilizando, mas que focos do que chamou de ataques terroristas persistiam e deveriam ser combatidos com total determinação.

A Rússia tem assumido papel central no conflito, visto por Moscou como uma oportunidade para ampliar sua influência na região. Cerca de 2.500 soldados —a maioria enviada por Putin— começaram a desembarcar no Cazaquistão na sexta para ajudar as forças do governo a reprimir manifestantes.

Frente ao cenário, o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, criticou o apoio russo ao governo cazaque e disse que o país pode ter dificuldade em se livrar das tropas russas. "Uma lição da história recente é que, uma vez que os russos estão em sua casa, é muito difícil fazer com que eles saiam."

Os russos logo responderam. A chancelaria do país classificou o comentário de Blinken de "tipicamente ofensivo" e o acusou de fazer piadas sobre eventos trágicos no Cazaquistão, acrescentando que Washington deveria analisar o próprio histórico de intervenções militares em países como Iraque e Vietnã.

"Se Blinken gosta tanto de aulas de história, deveria levar em consideração que, quando os americanos estão em sua casa, pode ser difícil permanecer vivo sem ser roubado ou estuprado", provocou o Ministério das Relações Exteriores em um canal na rede Telegram.

Moscou alega que o envio de tropas ao Cazaquistão foi um pedido do governo local. A ajuda foi disparada por meio da Organização do Tratado de Segurança Coletivo, aliança militar de países ex-soviéticos criada em 1999 e que nunca tinha tido maior valia prática, mas agora organiza sua primeira missão.

Além da solicitação de ajuda, Tokaiev ordenou que as tropas de seu país atirem para matar quem participa dos atos. Na sexta, afirmou que o Estado havia sido omisso diante dos preparativos dos manifestantes, que chama de terroristas, para organizar protestos na maior cidade do país, Almati, e demais regiões. A prisão de Massimov, afirmou, indica que estão em curso ações contra os responsáveis pelo levante social.

Pelo menos 26 manifestantes e 18 policiais foram mortos, segundo o Ministério do Interior, e mais de 4.000 pessoas foram detidas, incluindo alguns estrangeiros.

Ainda que os atos nacionais tenham tido início com a bandeira do aumento do preço do combustível, o movimento escalou para outras demandas. Líderes da oposição afirmam que o Kremlin está por trás da crise, numa tentativa de recriar uma espécie de União Soviética na região.

AO MENOS 21 PESSOAS MORREM PRESAS EM CARROS DURANTE NEVASCA NO PAQUISTÃO

PTV via Reuters

Pelo menos 21 pessoas morreram em seus veículos, em um engarrafamento provocado por dezenas de milhares de visitantes que foram ver uma rara tempestade de neve na cidade de Murree. Segundo a polícia, ao menos seis delas morreram congeladas dentro de seus carros. Ainda não se sabe se as outras vítimas morreram sufocadas após inalarem gases no engarrafamento. O chefe da província de Punjab anunciou que Murree foi declarada "zona de calamidade" e pediu às pessoas para não viajarem para a cidade, onde cerca de mil veículos ainda estão presos.

Acadêmicos rechaçam tese de que brasileiros tenham lusofobia

Historiadores e cientistas políticos criticam falas de jornalista português em entrevista à Folha

Giuliana Miranda e Mayara Paixão

LISBOA E GUARULHOS Piadas e anedotas com portugueses, que vêm se tornando mais raras entre as novas gerações, ou questionamentos históricos e sociais sobre o passado colonial não devem ser rotulados como antilusitanismo ou lusofobia dos brasileiros, dizem acadêmicos do Brasil e de Portugal ouvidos pela **Folha**.

Os seis entrevistados discordam dos argumentos empregados pelo jornalista português Carlos Fino em recente entrevista ao jornal. Ele, que acaba de lançar o livro "Portugal-Brasil: Raízes do Estranhamento" (Ed. Lisbon International Press), fruto de sua tese de doutorado, afirmou que os brasileiros têm vergonha da herança portuguesa e tentam diluí-la, num antilusitanismo que está enraizado.

A historiadora Gladys Sabina Ribeiro explica que o antilusitanismo existiu no Brasil em períodos específicos da história, mas não como um sentimento nacional. Durante a época da independência, de 1820 a 1830, e nas décadas finais do século 19, o movimento esteve diretamente ligado a acirradas disputas no incipiente mercado de trabalho da época, quando a mão de obra de imigrantes portugueses era favorecida em detrimento de cidadãos brasileiros.

"[O antilusitanismo] foi um movimento de rua no qual portugueses foram alvejados porque representavam um modelo de vida que já não interessava mais", descreve Ribeiro, professora da Universidade Federal Fluminense (UFF). O primeiro governo de Getúlio Vargas, em 1930, chegou a decretar a Lei dos 2/3, norma que obrigava empresas a destinarem dois terços das vagas de trabalho para brasileiros.

Autora de livros sobre o tema, como "O Rio de Janeiro dos Fados, Minhotos e Alfacinhas: O Antilusitanismo na Primeira República" (ed. Eduff), Ribeiro tem sua obra usada como referência por Fino na tese do autor, mas discorda do que descreve como a essencialização e a generalização do antilusitanismo feitas por ele na entrevista.

O historiador Thiago Krause, professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), reforça os argumentos de Ribeiro e diz que é crescente a aproximação intelectual entre portugueses e brasileiros, demonstrativo de que a lusofobia não encontra terreno fértil em espaços como a academia.

Autor de livros e artigos sobre o período colonial, Krause explica que intelectuais já buscaram em Portugal as motivações das desigualdades brasileiras, mas por razões essencialmente econômicas, não xenófobas. "Portugal era um dos países mais pobres da Europa Central; a tentativa era entender as raízes do subdesenvolvimento brasileiro."

A defesa de que o Brasil deve ter mais símbolos que remontem à ligação com Portugal diz muito sobre a ainda escassa discussão do legado colonial feita no país europeu, pontua o antropólogo português João Leal, que leciona na Universidade Nova de Lisboa.

"O exame do passado colonial tem sido muito mais explorado em relação às ex-colônias africanas do que ao Brasil; e o tema da escravatura ainda é complicado de introduzir em Portugal."

Como exemplo, o professor menciona a estátua do padre António Vieira ao lado de três crianças indígenas, inaugurada em uma praça pública lisboeta em junho de 2017. O monumento foi alvo de críticas, muitas proferidas pelo movimento negro local, e chegou a ser vandalizado em 2020 em meio à onda de atos contra estátuas associadas ao racismo e à escravidão.

Leal, que fez trabalho de campo no Sul e no Nordeste brasileiros e atuou como professor convidado da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), diz nunca ter se deparado com lusofobia. Ele critica a atribuição da prática ao país todo: "Não existe 'o Brasil' ou 'os brasileiros', mas os Brasis e os brasileiros".

A cientista social brasileira Ana Paula Costa, pesquisadora do Instituto Português de Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa, concorda com o antropólogo.

Para ela, é um equívoco falar em antilusitanismo entre os imigrantes em Portugal —são ao menos 183.993 brasileiros vivendo no país, segundo dados oficiais. "Acho antilusitanismo uma palavra muito forte, é quase um racismo reverso. Há uma relação de poder muito desigual", afirma ela.

"Até pela questão colonial, ainda está muito presente no Brasil aquilo que nós costumamos chamar de síndrome de vira-lata, que é endeusar tudo o que vem do Norte global", continua. "Isso ainda vem da relação colonial de admirar e de colocar em um patamar superior tudo aquilo que vem da metrópole."

> Acho antilusitanismo uma palavra muito forte, é quase como se fosse um racismo reverso. Há uma relação de poder muito desigual. Até pela questão colonial, ainda está muito presente no Brasil aquilo que costumamos chamar de síndrome de vira-lata
>
> **Ana Paula Costa**
> pesquisadora do Instituto Português de Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa

Costa chama a atenção, no entanto, para um movimento crescente de contestação, entre as comunidades de imigrantes em Portugal, das narrativas tradicionais sobre o colonialismo lusitano. "Em Portugal, a história é contada de uma forma que tenta amenizar as mazelas e as violências que esse passado tem. O que tem sido feito aqui, sobretudo por brasileiros, é trazer uma outra narrativa. Isso não é um antilusitanismo, é só uma tentativa de trazer uma nova versão da história que sempre existiu, mas que não conseguia ser contada."

Professor do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), o historiador Lourenço Cardoso diz que houve um distanciamento do Brasil em relação às referências portuguesas, mas em grande parte porque a hegemonia cultural esteve concentrada nos EUA, não no país luso.

Isso, entretanto, não significa que traços da herança portuguesa não estejam enraizados e sejam reverenciados entre os brasileiros, pontua Cardoso, que estuda a branquitude. "A tão divulgada característica de que o brasileiro convive bem com o outro, raiz do mito da democracia racial, é uma herança portuguesa, bem como o complexo de vira-lata."

Ele é crítico à sugestão feita por Fino sobre a criação de um feriado para assinalar a chegada dos portugueses. "É uma proposta de mau gosto, colonial e racista. A chegada dos portugueses significou o extermínio dos povos originários e a escravização dos africanos."

O ex-ministro e ex-deputado Aldo Rebelo (sem partido), autor de um projeto de lei que no final da década de 1990 propôs punições para quem abusasse de expressões estrangeiras, diz que a relação luso-brasileira está coberta de demonstrações de afeto e simbologia. "No 7 de Setembro, por exemplo, o que nós mais lembramos é de Portugal. O líder da nossa independência era português."

Ainda que observe uma revalorização da herança portuguesa, pondera que o Brasil, em comparação com os outros países que compõem a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), emprega poucos esforços. "E isso seria um benefício inclusive geopolítico, porque é a comunidade no mundo com a qual temos mais identidade."

Portugal debate como garantir voto de eleitores confinados

LISBOA Enfrentando recorde de casos de Covid-19 a três semanas das eleições legislativas, Portugal agora debate o que fazer para garantir que eleitores em isolamento compulsório possam votar.

Projeções para o pior cenário pandêmico no país, que tem cerca de 10,3 milhões de habitantes, estimam mais de 400 mil isolados no fim de janeiro —o terceiro pleito português desde o início da crise sanitária está marcado para o próximo dia 30.

Assim, embora a Direção-Geral da Saúde tenha revisto as regras de isolamento, reduzindo os casos de obrigatoriedade e encurtando de dez para sete dias o isolamento de pacientes assintomáticos, as eleições ainda devem ocorrer com muitos confinados. Nesta semana, o país chegou a seu maior número diário de casos desde o começo da pandemia. Houve dois dias com mais de 39 mil novas infecções, e a incidência e a taxa de transmissão seguem em alta.

O premiê de Portugal, António Costa, durante anúncio de novas medidas de combate à Covid Patrícia de Melo Moreira - 6 jan 22/AFP

Com tanta gente obrigada a ficar em isolamento, Portugal busca alternativas. O governo apresentou à Procuradoria-Geral da República um pedido de parecer urgente sobre um eventual impedimento do exercício do direito ao voto dentro desse panorama da Covid-19. Embora o resultado ainda não tenha sido divulgado, diversos constitucionalistas têm se pronunciado publicamente sobre o tema, afirmando que o direito ao voto é um pilar do estado democrático de direito e que deve ser assegurado.

Graças à alta cobertura vacinal —quase 90% da população está com o esquema de imunização completo—, a cifra de mortes e internações não acompanhou o aumento de casos, ficando em patamares bem mais baixos do que no momento mais crítico para o sistema de saúde, em janeiro de 2021.

Ainda assim, especialistas em saúde pública são reticentes quanto à flexibilização de restrições para ir às urnas. Vice-presidente da Associação de Médicos de Saúde Pública, Gustavo Tato Borges afirma que ceder poderia abrir um precedente perigoso no país. "Logo teríamos pessoas pedindo para levantar o isolamento devido a um negócio importante ou à assinatura de um contrato", disse ao jornal Público.

A partir da experiência de outros países, chegou-se a cogitar a possibilidade de votos em estilo drive-thru, como já foi feito em Israel e na Holanda, ou ainda a criação de um horário especial de votação após o encerramento das urnas para o público em geral, como realizado na Catalunha.

Na quinta-feira (6), após reunião do Conselho de Ministros, o premiê António Costa, do Partido Socialista, afirmou que várias das alternativas que vêm sendo propostas não podem ser implementadas por motivos legais.

"Nossa lei eleitoral regulamenta tudo ao pormenor, até o horário [de voto], e só a Assembleia da República pode proceder à alteração da legislação. Há soluções que têm sido aventadas e que o governo não pode adotar", afirmou Costa, que mencionou especificamente a questão do alargamento do horário de votação.

O socialista destacou ainda a necessidade de haver segurança jurídica para a realização das eleições legislativas.

Por enquanto, a grande aposta do governo vem sendo o aumento da capacidade de voto antecipado. "Estamos a trabalhar com a Associação Nacional de Municípios Portugueses para ampliar ao máximo possível o número de mesas para o voto antecipado a exercer no dia 23 de janeiro."

Nas duas eleições pandêmicas anteriores —presidencial e municipais, em janeiro e setembro de 2021, respectivamente—, a alternativa foi a coleta de votos em casa ou em asilos e hospitais.

Equipes coletaram os votos de eleitores previamente inscritos, em uma hora marcada, e a organização ficou por conta das autoridades locais nos municípios. O sistema, no entanto, recebe críticas por uma limitação: de acordo com as regras em vigor, o modelo só é válido para quem teve o confinamento decretado pelas autoridades de saúde até 23 de janeiro.

> Nossa lei eleitoral regulamenta tudo ao pormenor, até o horário [de voto], e só a Assembleia da República pode proceder à alteração
>
> **António Costa**
> primeiro-ministro de Portual

Portugal tem agora eleições legislativas antecipadas após a dissolução do Parlamento determinada pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, em dezembro. O chefe de Estado optou por convocar novas eleições após o Executivo socialista não conseguir viabilizar a aprovação do Orçamento de 2022.

A pesquisa de intenção de voto mais recente, realizada em conjunto pelo jornal Expresso e a emissora SIC, indica que o Partido Socialista segue na liderança, com 38%. A principal legenda da oposição, o PSD (centro-direita), no entanto, vem subindo na preferência dos portugueses e tem agora 31% da preferência.

Giuliana Miranda

mercado

Empresários reforçam engajamento político no debate eleitoral de 2022

Grupos fazem encontros com pré-candidatos e discutem alternativas para o futuro do país

Cynthia Rosenburg

SÃO PAULO A dez meses daquela que promete ser a eleição mais conturbada desde a redemocratização, o engajamento de empresários e investidores em debates sobre a política nacional e o futuro do Brasil parece ter atingido um patamar poucas vezes visto, segundo avaliação de participantes ouvidos pela **Folha**.

O movimento teve início há cerca de um ano, ganhou corpo ao longo do segundo semestre de 2021 e deve voltar a se intensificar a partir do fim deste mês.

"Em mais de 30 anos de vida executiva, nunca vi esse meio tão mobilizado", afirma Fábio Barbosa, sócio-conselheiro da Gávea Investimentos e ex-presidente do Santander e do Real, além da Febraban. "Mostra uma preocupação e um envolvimento com o destino do país muito mais intensos do que em anos anteriores."

Organizações financiadas por representantes do setor privado interessados em contribuir para o aprimoramento da democracia e da política institucional surgiram ao longo da última década —algumas com o objetivo, inclusive, de formação de novos quadros. Entre os exemplos estão a Raps, criada por um grupo de lideranças encabeçado pelo empresário Guilherme Leal, cofundador da Natura, e a RenovaBR, do investidor Eduardo Mufarej.

No último ano, porém, o que se viu foi o surgimento de diversos grupos informais, articulados por pessoas inconformadas com a polarização política, as ameaças antidemocráticas do presidente Jair Bolsonaro (PL) e a superficialidade do debate público. São investidores, acionistas, executivos e economistas que promovem encontros presenciais reservados, reuniões por Zoom e conversas por WhatsApp para aprender mais sobre os meandros da política, conhecer possíveis candidatos e discutir questões relacionadas ao pleito de 2022.

Apesar de bastante engajados nos bastidores, a maioria dos empresários consultados pela reportagem preferiu manter o anonimato. Um acionista que participa de vários grupos de discussão afirma que o empresariado tem medo de se expressar por receio de ser perseguido pelo governo atual, que ele classifica como uma presença nefasta.

Em agosto de 2021, a escalada golpista de Bolsonaro provocou uma rara manifestação explícita de diversos nomes de peso. O manifesto "O Brasil terá eleições e seus resultados serão respeitados" foi assinado por figuras pouco habituadas a opinar publicamente sobre política, como o banqueiro Pedro Moreira Salles, o investidor Fersen Lambranho e Ana Lucia Villela, acionista da Itaúsa e fundadora do Instituto Alana.

Nos meses seguintes, vários signatários do manifesto estiveram envolvidos numa agenda intensa de encontros em torno da necessidade de articular uma candidatura de terceira via. O articulador de um grupo de debates afirma que não houve conversas apenas com Bolsonaro, porque entende que não há diálogo possível com o presidente, e nem com Luiz Inácio Lula da Silva (PT) —nesse caso, a justificativa é a recusa em dar palco ao petista.

Circularam pelos grupos interlocutores como o ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, os senadores Rodrigo Pacheco e Simone Tebet, os governadores Eduardo Leite e João Doria, o presidente do PSD, Gilberto Kassab, Ciro Gomes, Sergio Moro.

Um empresário presente em várias dessas conversas afirma que uma mensagem que o grupo buscou passar aos potenciais candidatos foi: abram mão da sua candidatura se você não estiver bem nas pesquisas e apoie alguém em melhores condições.

Neste início de ano, enquanto muitos representantes do PIB já dão como provável o embate entre Bolsonaro e Lula em outubro, várias lideranças ainda apostam na possibilidade de uma alternativa.

Esses empresários afirmam que, independentemente dos resultados das pesquisas —o mais recente levantamento do Datafolha, de 16 de dezembro, mostrou Lula com 48% das intenções de voto e Bolsonaro com 22%—, há espaço para novidades até março ou abril, prazo para as articulações entre partidos e possíveis candidatos.

O momento é de segurar a ansiedade, ler os movimentos dos partidos e discutir não os candidatos que temos ou não temos, mas as propostas que queremos ter

Horácio Lafer Piva
acionista da Klabin e ex-presidente da Fiesp

Precisamos ter a chance de fazer uma discussão mais profunda sobre o país. Enquanto há polarização, o bom debate não acontece

Pedro Passos
copresidente do conselho de administração da Natura

"Ainda temos três meses decisivos pela frente, não é hora de jogar a toalha", afirma Horacio Lafer Piva, acionista da Klabin, fabricante de papel e celulose, e ex-presidente da Fiesp, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.

"O momento é de segurar a ansiedade, ler os movimentos dos partidos e discutir não os candidatos que temos ou não temos, mas as propostas que queremos ter —destes que estão aí ou de outros."

Lafer afirma que, nos grupos de que participa, o único consenso até o momento é o do "não" a Bolsonaro. "O fato de ele estar perdendo sua base de sustentação abre espaço para alternativas."

"O jogo não está jogado", diz Fábio Barbosa. "Uma coisa é o tempo da mídia e do mercado financeiro, outro é o tempo da política e dos partidos."

Para o primeiro semestre, outra prioridade é a costura de ideias que possam influenciar o debate político pré-eleição —a exemplo do que fez o grupo do Encontro do Rio, articulado pelo apresentador Luciano Huck, que lançou 22 propostas para o Brasil em dezembro passado.

"Precisamos ter a chance de fazer uma discussão mais profunda sobre o país", afirma Pedro Passos, copresidente do conselho de administração da Natura.

"Enquanto há polarização, o bom debate não acontece."

Passos diz que, além da mobilização crescente de lideranças empresariais, houve, nos últimos anos, uma efervescência de "boas formulações sobre o Brasil". Ele cita os trabalhos de economistas como Armínio Fraga e Bernard Appy e de grupos como o CDPP, o Centro de Debates de Políticas Públicas, presidido pelo economista Persio Arida.

Um empresário que pediu anonimato afirma que, apesar de existirem pessoas preparadas e com boas ideias, falta alguém com capacidade de aglutinar essas propostas e apresentá-las de um jeito que apele ao coração do eleitor.

Nesse contexto, um grupo que vem ganhando espaço e é elogiado pela qualidade das pessoas que conseguiu reunir é o Derrubando Muros, coordenado pelo empresário e sociólogo José César Martins. Prestes a completar dois anos de existência, é formado atualmente por 96 pessoas de diversas áreas e perfis —cerca de 30% são empresários— que trabalham voluntariamente na construção de uma "agenda com ambição" para o Brasil. Em 2021, realizou mais de 40 encontros.

"Não somos um grupo técnico-científico, mas uma iniciativa cívico-política que atua na curadoria e na construção de sínteses em temas críticos para o país, assim como na distribuição desse conhecimento", diz Martins. No grupo há economistas como Armínio Fraga e André Lara Resende, especialistas em educação como Priscila Cruz, cofundadora do Todos pela Educação, e o ex-ministro Cristovam Buarque, ambientalistas e especialistas em Amazônia como Beto Veríssimo, do Imazon, Tasso Azevedo, do MapBiomas, e Ana Toni, do Instituto Clima e Sociedade.

"Nossa sociedade é da paz, mas não passiva", afirma o documento de apresentação da iniciativa. Os próximos meses mostrarão a capacidade deste e de outros grupos de influenciar o futuro do país.

71% dos executivos estão pessimistas com cena política do país

Daniele Madureira

BRASÍLIA "Não existe ilha de excelência: nenhuma empresa vai bem, de maneira consistente, se o Brasil vai mal." A avaliação da doutora em psicologia Betania Tanure, especialista em comportamento organizacional e sócia da consultoria BTA, dá o tom de como anda a visão de mundo de alguns dos principais líderes empresariais do país.

Pesquisa da BTA feita com exclusividade para a **Folha** entre os dias 1º e 10 de dezembro com 277 líderes, entre presidentes de empresas, vice-presidentes, diretores e membros do conselho de administração, aponta um aumento consistente da percepção deles acerca dos problemas sociais do país ao longo de 2021, a partir do agravamento da pandemia.

Segundo o levantamento, 79% percebem um aumento do conjunto de problemas sociais existente no Brasil —um país onde uma parte significativa da população passa fome e busca ossos para sentir algum gosto de carne, enquanto alguns poucos disputam jatinhos particulares para as viagens de férias, com fretamentos para o Caribe ao custo de R$ 900 mil.

Por consequência, o engajamento com questões sociais aumentou em 2021 para 49% dos entrevistados, um avanço que foi ainda maior entre os conselheiros de empresas (65%) e os presidentes (57%).

O engajamento, por sua vez, trouxe a reboque a preocupação com as eleições de 2022: 71% estão pessimistas com a cena política brasileira. O mesmo sentimento de desesperança envolve 48% dos executivos quando o assunto é a economia do país. Um percentual ainda maior (73%) está pessimista com a manutenção da desigualdade social em 2022.

"Espero que a gente vote em alguém que desperte a esperança. Em 2018, o brasileiro votou com base na exclusão, não por crença", diz Fábio Barbosa, diretor-presidente da Fundação Itaú, sócio da Gávea Investimentos e membro do conselho da Ambev, da Natura e da Fundação das Nações Unidas. Ele afirma ainda não ter candidato.

"Em 2022, me preocupam a inflação elevada, a volatilidade nos mercados provocada pelas eleições e o receio de uma nova onda da Covid-19", diz.

Para Barbosa, é preciso acreditar em um amanhã melhor do que o agora. "Precisamos de alguém para reunir o povo em torno de um lema positivo, como o Barack Obama fez nos Estados Unidos com o 'Yes, we can' [sim, nós podemos]. A vida fica muito difícil sem esperança", diz ele, referindo-se ao ex-presidente americano e ao seu lema nas eleições de 2008.

"Eu quero mudança, não quero o que está aí", afirma Fernando Bertolucci, 56, diretor de pesquisa e desenvolvimento da Suzano, referindo-se às eleições de 2022. Para o executivo, que também diz ainda não ter candidato, é preciso que as empresas sejam mais atuantes, "mais vocais", na construção de uma realidade melhor para o país.

"Há menos espaço para novos heróis e mais para a colaboração ativa entre as empresas e a sociedade civil", diz ele.

A desesperança com a política a curto prazo é maior do que com a economia. A pesquisa questionou os executivos a respeito das expectativas para o Brasil em 2023, ou seja, passadas as eleições. Do total da amostra, 47% se disseram pessimistas com o cenário político brasileiro em dois anos, enquanto 43% afirmaram estar otimistas com a economia brasileira no período.

Se o cenário político não empolga, os líderes se sentem muito mais confiantes quando o assunto é a capacidade do Brasil em controlar a pandemia —69% se disseram otimistas nesse sentido em 2022, enquanto essa é a expectativa de 73% para 2023.

"Teremos pela frente mais um ano desafiador, não especialmente desafiador. A nossa maior vantagem é ter a imensa maioria da população vacinada", diz Paulo Kakinoff, 47, presidente da Gol Linhas Aéreas.

"Não estou dizendo que a pandemia acabou, nem que o processo [de vacinação] não teve erros —ele poderia ter sido mais célere. Mas, em comparação a 2021, estamos mais bem preparados, mesmo com o recente avanço da ômicron", afirma o executivo, destacando o protagonismo empresarial em torno da vacinação, como o Unidos pela Vacina, lançado pela empresária Luiza Helena Trajano, presidente do conselho de administração do Magazine Luiza.

O movimento, que se apresenta como apartidário e sem interesses comerciais, reuniu empresas e profissionais liberais para criar frentes de atuação em todos os estados do país e no Distrito Federal, a fim de desobstruir gargalos no processo de vacinação. Kakinoff foi um dos que participaram da iniciativa.

"Nesse sentido, tenho uma visão benigna de 2022 e meu sentimento é de gratidão. Conseguimos mobilizar milhões de pessoas e fortalecer o SUS [Sistema Único de Saúde]", afirma o presidente da Gol. "Mas as preocupações macroeconômicas, claro, são grandes."

Em contrapartida, no que tange aos negócios, as expectativas são positivas. "Tudo o que tenha a ver com a própria capacidade empresarial de enfrentar os desafios é visto, em sua maior parte, com otimismo", diz Betania. Tanto que 34% dos entrevistados dizem que o faturamento da companhia em 2021 fechou dentro do previsto, enquanto 42% sinalizam que o resultado foi acima ou muito acima do esperado.

"O ano de 2021 foi um em que a cultura da empresa foi posta à prova e passou no teste", afirma Betania, referindo-se ao desafio de manter a equipe engajada diante da segunda onda da Covid, ao mesmo tempo que era preciso ampliar, diversificar ou digitalizar as operações.

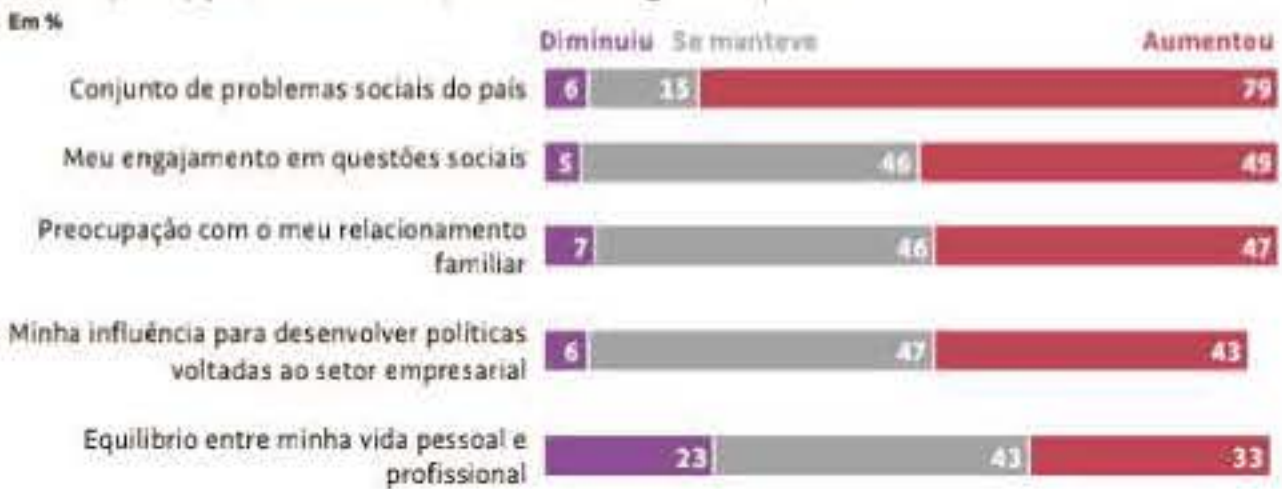
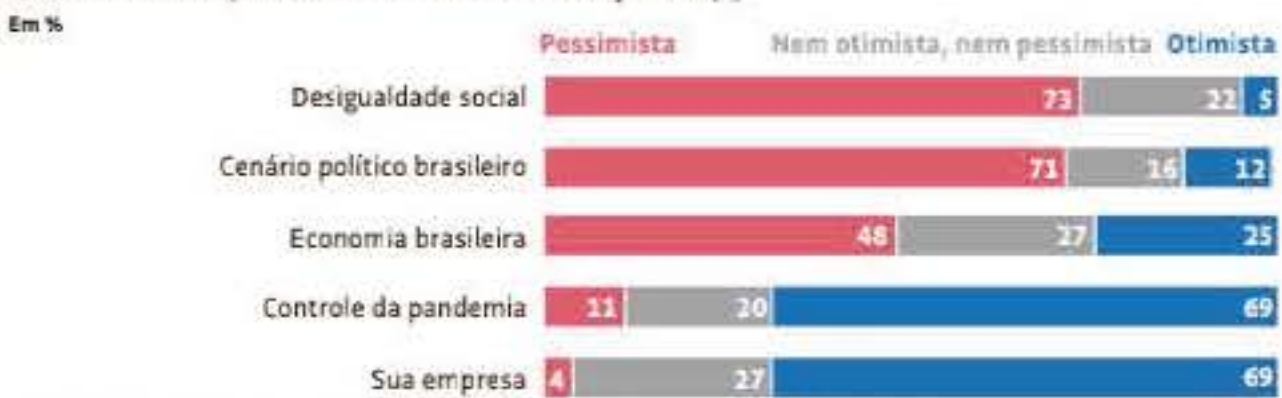
De acordo com a pesquisa, em uma escala de 0 a 10, 70% dos executivos deram nota 8 ou acima para a cultura da empresa como ferramenta fundamental para enfrentar o momento de crise. "Em 2022, será a vez de as empresas testarem o trabalho híbrido, uma realidade diferente da do remoto", diz Betania.

No levantamento, 48% dos entrevistados disseram que pretendem aumentar o sistema de trabalho híbrido em 2022, enquanto 30% devem manter, e 21%, diminuir. "Esse modelo exige uma calibragem entre as perspectivas individuais e empresariais", diz a especialista.

Veja na página A13 depoimentos concedidos à **Folha** por Fábio Barbosa, Paulo Kakinoff e Fernando Bertolucci.

Problemas sociais pioraram em 2021, dizem executivos

Levantamento ouviu 277 lideranças empresariais brasileiras, que avaliariam o ano de 2021 em comparação a 2020

Na sua percepção, como se comportaram as seguintes questões?
Em %

Quais as suas expectativas em 2022 em relação ao (à)
Em %

Fonte: Levantamento feito pela BTA - Betania Tanure Associados entre os dias 1º e 10.dez.2021

Adotamos um lema na Gol: 'Ninguém desembarca'

DEPOIMENTO

Paulo Kakinoff
Presidente da Gol Linhas Aéreas

Um dos momentos mais duros de 2021 foi ter que reduzir a malha aérea na segunda onda da Covid, depois de pensarmos que o pior já tinha passado e que o retorno seria gradual. Isso exigiu um nível de sacrifício muito importante de toda a equipe, que passou por tudo unida. Adotamos um lema: 'Ninguém desembarca'.

Tanto que, logo no início da pandemia, depois de uma reunião do conselho e da diretoria, propusemos que nenhuma das 14 mil pessoas da equipe fosse demitida. Era um compromisso sincero para mitigar os efeitos da Covid, algo que não se resumia a um cartaz na parede. Para isso, era preciso reduzir os salários de todos em até 50%, e os da diretoria, em até 70%, até dezembro de 2021. Essa decisão foi aprovada por 98% dos colaboradores.

Na primeira reunião de diretoria, eu avisei: 'Vamos atravessar um deserto cuja extensão e temperatura não conseguimos prever'.

Para lidar com as pressões de todos os lados, nos baseamos em três pilares: uma comunicação brutalmente honesta (porque a dificuldade de leitura de uma situação aumenta a insegurança); manter a confiança e o otimismo (nosso setor sempre foi treinado para enfrentar pressões e volatilidades); e ser rápido nas tomadas de decisão (três semanas antes do primeiro caso no Brasil, nós já sabíamos que o país não seria poupado).

Para mim, fica a lição de que 'o que não te mata, te fortalece'. No meu caso, a válvula de escape foi a convivência com meus filhos de 4 e 5 anos. Com essa ingenuidade deliciosa, esse mundo de leveza, doçura e carinho, eles foram a minha fonte de energia e alegria. Jamais saberão o quanto me ajudaram a enfrentar esta fase.

Paulo Kakinoff é presidente da Gol Linhas Aéreas Ronny Santos/Folhapress

A Covid foi um chamado para sair do automático

DEPOIMENTO

Fernando Bertolucci
Diretor de pesquisa e desenvolvimento da Suzano

A segunda onda de Covid veio com força e perdi dois amigos próximos, muito queridos. Nós planejávamos fazer muita coisa juntos e não deu tempo. Foi o que me deu mais a sensação de vulnerabilidade e finitude. E o chamado para sair do automático.

É preciso ter consciência de que não consigo controlar tudo. E por que vou me incomodar com o que não controlo? O grande aprendizado da pandemia é cuidar do tempo que você dedica às coisas e às pessoas. Viver bem o aqui e o agora.

Acredito que nunca houve tanta vontade de mudar. ESG [boas práticas sociais, ambientais e de governança] não são conceitos para ficarem estampados na parede ou nos relatórios. Eles precisam ser vivenciados, com o acréscimo de uma letra: C, de consciência, porque qualquer mudança começa no indivíduo. Se você trabalhar no automático, nada vai ser sustentável.

Isso leva à nova realidade das empresas, a do trabalho híbrido, que melhor acomoda as dimensões da vida. Primeiro o trabalho foi trazido para dentro de casa. Agora é hora de levar a casa para o trabalho.

É um modelo que exige mais verdade, mais transparência, mais equilíbrio. Trata-se de uma jornada de aprendizado para os dois lados, indivíduos e empresas, não é 'plug & play'. Mas será essencial para definir as organizações vencedoras, que reúnem os melhores profissionais.

Desde o final de 2020, tenho me envolvido cada vez mais com entidades filantrópicas na minha cidade, São José dos Campos (SP). É minha obrigação, por pertencer à classe mais privilegiada do país. Levo expertise para a entidade sair da emergência e se sustentar. E eu saio transformado.

O executivo Fernando Bertolucci, da Suzano Divulgação

Em 2021, voltamos a vivenciar a realidade da fome

DEPOIMENTO

Fábio Barbosa
Diretor presidente da Fundação Itaú para Educação e Cultura, sócio da Gávea Investimentos e membro do conselho da Ambev, da Natura e da Fundação das Nações Unidas

O ano de 2021 foi um horror, a questão da fome estava praticamente eliminada no país e voltamos a vivenciar essa realidade. É preciso solidariedade neste momento, ter a consciência que não se pode depender só do governo. O setor privado tem que se mobilizar. Devemos nos conscientizar que os problemas sociais não se resolvem sozinhos. Mas não adianta só tapar buraco.

Acredito que a distribuição desigual de renda deriva da distribuição desigual de educação. Meu maior engajamento é nessa seara. Tenho uma fazenda de café em Espírito Santo do Pinhal (SP). Lá mantemos uma escola para 16 crianças e jovens, até 15 anos. No município, levamos o Parceiros da Educação para auxiliar nove escolas de Ensino Fundamental, seja na formação de professores ou no apoio a alunos com aprendizagem defasada. A partir deste ano, vamos oferecer exame oftalmológico aos estudantes.

Sempre fui uma pessoa ligada a gente e ter que manter relacionamentos por vídeo foi muito ruim. Não por acaso, vi muitas pessoas abaladas psicologicamente, isso me chamou a atenção. Também me chamou a atenção ver tantos comércios sofrerem, fecharem as portas de uma hora para outra. Aquele lugar onde eu ia almoçar, de repente, deixou de existir.

Muitas vezes as empresas são criticadas por demitirem. Claro que ninguém quer isso, uma decisão drástica que afeta famílias. Mas é preciso lembrar da recomendação nos voos: em caso de despressurização, coloque a máscara primeiro em você e depois ajude quem está ao lado. Se a empresa não cuidar da sua saúde financeira, não tiver lucro, vai afundar junto. O importante é nunca entrar em pânico.

Fábio Barbosa, atual diretor presidente da Fundação Itaú para Educação e Cultura Adriano Vizoni/Folhapress

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Sylvio Lazzarini
Volta da restrição aos bares e restaurantes após ômicron é caso isolado

SÃO PAULO As iniciativas de retomada das restrições para tentar conter o avanço da Covid anunciadas nos últimos dias, como fez a prefeitura de Amparo (SP), devem ser apenas casos isolados, segundo Sylvio Lazzarini, fundador e diretor-geral dos restaurantes Varanda Grill.

"Tem um efeito psicológico, que decorre do período de férias e festas de fim de ano", diz.

Pelas previsões do empresário, a nova crise da pandemia não deve passar de 30 dias, aproximadamente.

Ele afirma que o foco para superar o vírus, agora, é a vacinação. Por isso, um grupo de restaurantes de São Paulo se uniu para lançar uma campanha a favor da dose de reforço e da imunização infantil, segundo ele. O recado será dado aos clientes logo na porta dos estabelecimentos.

Lazzarini diz que não quer politizar, mas tem sua posição firme a favor da vacina para as crianças e não tem medo de perder clientes que rejeitam o imunizante.

☆

A retomada de restrições ao funcionamento do comércio, como fez a prefeitura de Amparo, assustou o setor? Eu falo pela minha observação individual e não como setor. Tenho a impressão de que é caso isolado. A restrição após as 23h tem um efeito psicológico importante, que decorre do período de férias e festas de fim de ano. Acho que ainda é cedo para avaliarmos tudo isso, sinceramente.

Depois que a ômicron mostrou que tem um contágio tão acelerado, há outras iniciativas que podem resgatar práticas de momentos anteriores da pandemia? Nós temos aquele movimento dos Restaurantes do Bem, que fez doação de marmita.

Em novembro [do ano passado], nós já publicamos um manifesto dizendo que éramos contra o Carnaval e pedindo para que houvesse restrições no Réveillon. Como evitar liberar a avenida Paulista, como foi feito. E agora com o Carnaval [cancelado] também nos deixa mais aliviados neste ponto.

Estamos bolando uma campanha para colocarmos cartazes na porta dos restaurantes desse grupo, dizendo que somos a favor da vacinação e que 100% dos nossos funcionários foram imunizados. Vamos apoiar a dose de reforço. Nós estamos muito confiantes no programa do governo do estado de São Paulo.

Não queremos politizar a situação e sim dar apoio integral ao programa de vacinação.

Essa campanha tem relação com o governo do estado de São Paulo? Não. Nada com governo municipal, estadual, nada. É uma iniciativa nossa. É uma campanha que diz assim: os funcionários deste estabelecimento estão imunizados contra a Covid-19. Nós, praticamente, colocamos uma imposição de que tem de vacinar porque estamos lidando com o público.

O setor de restaurantes tem se queixado de falta de mão de obra por causa dos funcionários contaminados com gripe e Covid. Como vocês estão? Pelas informações do nosso grupo, como estão todos vacinados, não temos sofrido. Estamos nessa medida de vacinação desde o início do ano passado.

Estão sendo afastados, mas é pequena a participação. Acho que eu não tenho mais que cinco [funcionários afastados]. A proteção da vacina é grande. A dificuldade que a gente sofre é com relação a movimento, a recuperação do setor. Ficamos meses fechados.

O movimento caiu por causa do avanço da variante ômicron agora e do surto e gripe? Todos os anos, a partir do dia 20 de dezembro, tem uma diminuição do movimento por causa das empresas que dão férias coletivas e as férias escolares. Tem uma ligeira retração, mas é vida que segue. Nossa expectativa é que vai passar. Mais 20 ou 30 dias e está tudo ok.

Qual é a sua opinião sobre cobrar passaporte de vacina dos clientes nos restaurantes? Esse passaporte seria pedido para grandes aglomerações. Se você tem um estabelecimento que obedece as regras de distanciamento, tem medidas de prevenção. Somos a favor de medidas de prevenção e não de burocratizar.

Isso não briga com a mensagem que vocês estão querendo passar na campanha de apoio à vacina? Alguns dos estabelecimentos tinham pensado em dar desconto, por exemplo, de 10%, para quem apresentar a dose de reforço. O que nós somos favoráveis agora é a vacinação da criança, porque é agente transmissor. Não queremos fazer disso uma posição política. Isso é a discussão sobre a nossa participação. Mas, infelizmente, politizam essa discussão.

Vocês não têm receio de espantar os clientes negacionistas da vacina? Não temos. A gente sabe que, pelo menos aqui no estado de São Paulo, a participação [de não vacinados] é pequena. Temos adesão do povo paulista. Isso é tranquilizador.

O que achou da decisão da Uber de encerrar o serviço de entrega de refeições pelo Uber Eats no Brasil? Houve uma queda grande do delivery em função da queda do home office. Isso a gente sentiu, é um ponto. O segundo ponto é que a concorrência estava sendo brutal, até negativa.

Um motoboy buscava do iFood, mas, na trajetória, pegava do Uber Eats. Isso começou a espantar consumidor porque atrasa. Acho que isso vai equilibrar o mercado. É minha opinião pessoal. Acho que isso é uma ação normal de mercado.

Raio-X
Administrador de empresas, especializado em economia agrícola e administração rural (Eaesp-Fundação Getulio Vargas), autor de mais de dez livros sobre a cadeia produtiva da carne e do couro, fundou o Varanda Grill, que hoje dirige. Foi vice-presidente do SindResBar (Sindicato de Restaurantes e Bares de São Paulo)

Bolsonaro e suas entranhas políticas

Brutalidade, exibição de vergonhas e artes do espectro fascista são projeto eleitoral

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

O espetáculo, a massificação da mentira e a propaganda da morte são atitudes típicas de políticos do espectro fascista. Jair Bolsonaro não é lá diferente. Foi assim a virada de ano da extrema direita brasileirinha, ainda mais repugnante na sua decomposição avançada, mas até por isso mesmo capaz de causar mais pestes.

O país se degrada, mais gente padece de fome, doença ou desgraças como as enchentes da Bahia. A administração pública se desorganiza mais, ora em revolta contra caprichos sectários desse tipo que ocupa a cadeira de presidente, que quer agradar a policiais a fim de manter consigo falanges armadas. Há operações-padrão de auditores da Receita, o que ameaça, por exemplo, a importação de combustíveis; há ameaça de greve geral de servidores. A produção da indústria encolheu pelo sexto mês seguido, o que não se via desde a recessão de 2015. Azares do tempo podem fazer com que a safra de grãos seja menor que a do ano passado —se esperava recorde, um anteparo mínimo para a recessão que começa a aparecer no horizonte. Mas não há governo, tentativa de reação ou remédio. Ao contrário.

O capitão da morte vadiava, indiferente a sofrimentos e desordens, rindo com sua catadura selvagem e sua boca espumante. Fazia o show do tiozão grosseiro desfilando com brinquedos caros e barulhentos. Era parte da palhaçada da autenticidade, show que em breve voltaria quase à indecência teratológica dos tempos das cirurgias, durante a internação indigesta do tapado. Uma parte do espetáculo de Bolsonaro é a exposição de suas entranhas morais e quase literalmente físicas: intimidades com a mulher com quem se casou, o corpo nu cheio de tubos, as cicatrizes e, agora, sua indigestão monstruosa.

"Foi domingo. Eu não almoço, eu engulo. Foi uma peixada, tinha uns camarõezinhos também. Eu mastiguei o peixe e engoli o camarão", disse, ao explicar sua mais recente internação.

A indecência, a brutalidade e a feiura são parte da estética política do bolsonarismo. Entender por que o despudor ainda comove suas falanges e um tanto mais do eleitorado é um problema, mas desde a irrupção de Bolsonaro tal exposição faz algum efeito. A exibição do desmazelo pessoal, corporal e social, sua boca suja, seu linguajar iletrado e cafajeste, o chinelão, o leite condensado com migalhas espalhadas pela mesa, tudo faz parte da fantasmagoria da autenticidade.

O espetáculo vai além, claro. Há motociatas e comícios golpistas, assim como a nomeação de inimigos da pátria, do cardápio tradicional do espectro fascista. Há o heroísmo de fancaria de quem diz lutar contra o "sistema" e a difusão de mentiras conspiratórias que tempera esse brutesco. Há o farisaísmo, as blasfêmias e o uso do nome de Deus em vão, o que espantosamente não abala muita gente religiosa. Há a propaganda da morte, a crítica aos "tarados por vacina" e a indiferença quanto à morte de crianças. Tudo isso é tolerado, como se o salvador da pátria e da família tivesse de vir travestido de anticristão (o que também é o caso de Donald Trump).

E daí? Esse é o monstro que, daqui a outubro, tentará obter votos para a reeleição ou algum modo de sobreviver politicamente ou fora da cadeia. Esses são seus recursos. Bolsonaro não tem nada que qualquer governante no limite do universo da razão e da decência pudesse apresentar como realização. Seus instrumentos são a ameaça de morte, a baderna armada, golpe e tirania, o grotesco nauseabundo e a apelação aos sentimentos mais baixos e desumanamente lunáticos —o tipo é indiferente à morte de crianças, ressalte-se.

Foi assim o Ano-Novo de Bolsonaro. Por que acreditar que o ano eleitoral será diferente? O que mais lhe resta além da fuga? A desordem imunda.

vinicius.torres@grupofolha.com.br

Economistas dos EUA veem mais espaço para gastos públicos

Especialistas se afastam da austeridade fiscal e têm mudado visão sobre papel da distribuição de renda

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO Economistas americanos têm mudado sua visão sobre o papel dos gastos públicos e da distribuição de renda para o bem-estar do país, em um movimento que representa uma guinada no pensamento nesta área na maior economia do planeta.

Em um período de cerca de três décadas, o conceito de austeridade fiscal vem sendo substituído por nova abordagem, em que políticas governamentais são vistas como necessárias para garantir bem-estar e crescimento, combater monopólios e amenizar o impacto de mudanças climáticas e problemas sociais.

Cresce a avaliação de que o gasto público não é necessariamente um problema e o apoio a políticas governamentais que mitiguem a desigualdade de renda.

Os economistas também mostram uma visão positiva sobre temas como imigração, salário mínimo e controle de capitais, além de não estarem certos de que os Estados Unidos oferecem oportunidades suficientes para mobilidade social.

As conclusões fazem parte do artigo "Consenso entre economistas 2020", levantamento com 1.436 membros da Associação Americana de Economia feito em dezembro de 2020 e em janeiro de 2021.

O questionário online traz 46 proposições econômicas. Destas, 33 são as mesmas das pesquisas realizadas em 2000 e 2011; e 22 foram aplicadas também em 1990, ano em que o trabalho, iniciado na década de 1970, se tornou uma prática feita a cada década.

Entre os entrevistados, 67% se declaram acadêmicos, 13% estão na área de negócios, 11,5% fazem parte de órgãos públicos e 8,5% assinalaram atuar em outras áreas. Apenas 21% são mulheres.

O nível de consenso em torno de cada tema é calculado por vários critérios técnicos pelos pesquisadores Doris Geide-Stevenson (também responsável pelas pesquisas de 2000 e 2011) e Alvaro La Parra Perez, ambos da Weber State University, de Utah (EUA).

Muitos dos novos temas incluídos no questionário em 2020 alcançaram "forte consenso" entre os participantes.

Entre eles, as afirmações de que a imigração geralmente tem um impacto positivo líquido para a economia dos EUA, que a mudança climática representa um importante risco econômico para o país e que lidar com preconceitos em indivíduos e instituições pode melhorar equidade e eficiência.

Também há forte concordância de que o poder econômico corporativo se tornou muito concentrado, e aumentou o percentual dos que avaliam ser necessário aplicar medidas concorrenciais de forma vigorosa.

Há consenso "substancial", um grau abaixo do "forte", para a afirmação de que as diferenças nos resultados econômicos entre brancos e negros são em grande parte devido a normas discriminatórias.

No geral, o trabalho mostra que cresceu o número de questões nas quais há um forte consenso entre os economistas, do patamar de cerca de 10% a 15% de 1990 a 2011 para mais de 30% em 2020.

Entre os grandes consensos, estão alguns temas caros ao pensamento econômico liberal, como o apoio a políticas de câmbio flutuante e abertura comercial.

Mas houve mudanças importantes na visão sobre a questão fiscal. Para 63%, uma política de gastos adequadamente projetada pode aumentar a taxa de longo prazo de crescimento econômico, ante 52% em 2011.

Há agora forte discordância de que a gestão do ciclo econômico deve ser deixada para o banco central dos EUA (o Federal Reserve), via política monetária, e que uma política fiscal ativa deve ser evitada.

O apoio à visão de que um grande buraco orçamentário tem efeito adverso sobre a economia caiu de 86% em 1990 para 61% em 2020. Também cresceu o percentual daqueles que consideram que a redistribuição de renda é um papel legítimo do governo (de 74% em 1990 para 86%).

"Economistas agora abraçam o papel da política fiscal de uma forma não óbvia em pesquisas anteriores e são amplamente favoráveis a políticas governamentais que mitigam a desigualdade de renda", afirmam os pesquisadores.

Os dois dizem que é necessário aprofundar o trabalho para chegar a uma explicação sobre essas mudanças, mas citam como hipótese que isso pode estar relacionado a novas pesquisas e avanços na literatura econômica.

O professor André Biancarelli, diretor do Instituto de Economia da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), diz que a sondagem reflete mudança que vem ocorrendo desde a grande crise financeira de 2008 no pensamento dos economistas mais bem posicionados no debate, não só no meio acadêmico mas também na interação com a política econômica e em instituições multilaterais.

Nesse período, as grandes economias apostaram em políticas de taxas de juros muito baixas, ou até negativas, mas o estímulo monetário não foi suficiente para recuperar o crescimento.

A pandemia reforçou essa percepção, como pode ser visto em discursos do FMI (Fundo Monetário Internacional) e ações de governo nos EUA e na Europa, diz Biancarelli.

"Os governos foram recorrer ao que se tem no estado da arte da discussão econômica, e descobriu-se que os economistas mais influentes já não pensavam de uma maneira tão rígida, de que é preciso cortar gastos, preocupados só com a sustentabilidade."

"O ambiente intelectual dominante nos EUA e na Europa em relação à política fiscal já tinha mudado antes da Covid. A pandemia escancarou isso na prática."

José Francisco de Lima Gonçalves, professor do Departamento de Economia da FEA-USP (Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP), afirma que a sondagem mostra o resgate de questões escanteadas do debate econômico desde os anos 1970.

"Você sai daquele ambiente de fiscalismo dos anos 1990, do Consenso de Washington, e caminha para um questionamento desses temas, principalmente nas políticas fiscal e monetária e em questões ambientais, de concorrência e de desigualdade", afirma.

"Isso não estava na agenda dos anos 1980. Hoje, não tem como não estar. O que vejo de mais interessante nessa pesquisa é que esses temas passam a ser examinados de uma maneira mais rica. Mais humilde, pelo menos."

Biancarelli e José Francisco afirmam que não se pode falar no fim da predominância de visão econômica mais ortodoxa, classificada em geral como liberal ou neoliberal e que é necessário cuidado ao rotular a nova visão como keynesiana ou desenvolvimentista.

José Francisco, da FEA, diz ver ainda um debate interditado, principalmente no Brasil, que permita mudança mais profunda de políticas econômicas. Para ele, o ambiente global de inflação alta favorece os que defendem ênfase maior no papel da política monetária e limites para a atuação na área fiscal.

Economistas americanos mudam visão sobre gasto público e desigualdade

Em % — Concorda* / Discorda

	Concorda*	Discorda
Economia internacional		
Taxas de câmbio flexíveis e flutuantes oferecem um arranjo monetário internacional eficaz	98	2
Tarifas e cotas de importação geralmente reduzem o bem-estar econômico geral	95	5
Política fiscal		
Nível de gastos do governo em relação ao PIB dos EUA deve ser reduzido	43	57
Um grande déficit orçamentário federal tem um impacto adverso na economia	61	39
Política fiscal adequada pode aumentar o crescimento econômico de longo prazo	90	10
O Fed deve se concentrar em uma baixa taxa de inflação ao invés de outras metas	38	62
Grande déficit da balança comercial tem efeito adverso na economia	35	65
Distribuição de renda		
A distribuição de renda nos EUA deve ser mais igualitária	86	14
A redistribuição de renda é uma função legítima do governo dos EUA	86	14
Salário mínimo aumenta o desemprego entre trabalhadores jovens e não qualificados	65	35
A economia dos EUA oferece oportunidades suficientes para mobilidade social	48	52
A cobertura de seguro saúde universal aumentará o bem-estar econômico nos EUA	88	12
Clima		
As mudanças climáticas representam um grande risco para a economia dos EUA	86	14
Reduzir o poder da Agência de Proteção Ambiental melhorará a eficiência da economia	26	74

*Total ou parcialmente. Fonte: Consenso entre economistas 2020, Doris Geide-Stevenson e Alvaro La Parra Perez

> **O ambiente intelectual dominante nos EUA e na Europa em relação à política fiscal já tinha mudado antes da Covid. A pandemia escancarou isso na prática**
>
> **André Biancarelli**
> diretor do Instituto de Economia da Unicamp

A engenheira Clarice Rodrigues, que ocupa o topo da hierarquia em sonda no Rio; dos 173 profissionais sob seu comando, só 12 são mulheres Zo Guimarães/Folhapress

Mulheres do petróleo ascendem contra o machismo em alto-mar

Engenheiras e cientistas náuticas driblam obstáculos em cargos de chefia

Catia Seabra

RIO DE JANEIRO Elas nadam contra a maré para ascender em um ambiente predominantemente masculino: o das plataformas e sondas da indústria do petróleo. O longo período longe de casa —são dias de confinamento em alto-mar— é recompensado na forma de satisfação profissional, adicional de 130% no salário e flexibilidade de agenda.

Machismo e equipamentos incompatíveis com porte físico, porém, são obstáculos encarados por mulheres confinadas nas sondas e plataformas.

Hoje, as mulheres representam apenas 5% dos trabalhadores do setor de óleo e gás em regime offshore. Mas esses números estão mudando. Em comum, o amor ao mar.

Aos 41 anos, a engenheira Clarice Rodrigues é, desde 2013, gerente-geral da sonda que ajudou a construir na Coreia do Sul, a Norbe IX. Ela comanda 173 profissionais —sendo 12 mulheres—, divididos em duas equipes, com escalas de 14 dias embarcados.

Há 12 anos, quando morou por dois anos e meio na Coreia do Sul para coordenar o setor de perfuração na construção da plataforma, Clarice era a única mulher em cargo de liderança na equipe que ergueu a Norbe IX.

Hoje, sua equipe conta com uma comandante do navio, Carla Malafaia, 42, segunda na hierarquia da embarcação, e uma supervisora de segurança. Há ainda uma engenheira operacional e uma engenheira de qualidade.

Formada em ciências náuticas, casada e mãe, Carla passa duas semanas embarcada, a 250 quilômetros da costa.

"Quando a gente chega aqui, a gente vira a chave, muda para o modo offshore", diz.

Segundo ela, "quando você vai para o mar, não volta".

Atualmente, a sonda passa por uma reforma, com custo estimado em R$ 300 milhões, sob a supervisão de Clarice. Casada com uma empresária e mãe de João, a engenheira já trabalhou embarcada durante cinco anos em países como Colômbia, Argentina e México.

Hoje no topo da hierarquia, Clarice não nega ter enfrentado adversidades nesse percurso. "Quando se é mulher, você tem que fazer sempre mais, falar mais, tem que provar mais", diz. "Em todas as profissões, isso é que a mulher sofre. Também sofro com isso", admite.

Segundo ela, a evolução é gritante desde que começou a trabalhar em regime offshore, há 19 anos. "Por ser mulher, a gente é mais questionada, sim."

Pesquisa do instituto Ipsos aponta vantagens e desafios encarados pelas mulheres que trabalham em regime offshore. Quase a metade (45%) respondeu ser um ambiente muito machista, o que o torna pouco atrativo para as mulheres.

Ao lado de tratamento diferenciado (38%) e ambiente preconceituoso (25%), a distância da família (40%) é apontada como a maior dificuldade de quem trabalha embarcada.

Supervisora de carga do FPSO Cidade de Ilhabela da empresa SBM Offshore, Suzan Figueiredo, 35, sai de casa enquanto o filho, de um ano e seis meses, está dormindo só para não se despedir antes de seguir para uma jornada de 14 dias em alto-mar, além de quatro dias de isolamento impostos pela pandemia de Covid-19.

> “
> **Quando se é mulher, você tem que fazer sempre mais, falar mais, tem que provar mais. Em todas as profissões, isso é que a mulher sofre. Também sofro com isso**
>
> **Clarice Rodrigues**
> engenheira, comanda 173 profissionais como gerente-geral da Norbe IX, sonda que ajudou a construir na Coreia do Sul

Suzan admite que não foi fácil retomar a rotina no fim da licença-maternidade, um ano atrás. "O início foi aquela dor física que dá na mãe, de arrancarem o cordão umbilical."

Formada em ciência náutica, Suzan diz que chegou a imaginar que, com a maternidade, não conseguiria embarcar novamente. Mas, além do amor pelo mar, quer mostrar para o filho, Vitor, que é possível compatibilizar maternidade e emprego.

Hoje à frente de uma equipe de 12 homens, ela conta que por várias vezes foi a única mulher em viagens como piloto na Marinha Mercante. "Não vejo mais aquela barreira que tinha antigamente. No começo, eu via barreira muito grande pelo fato de eu ser a única mulher", relata.

Suzan conta que já chegou a mudar de postura, enrijecer, para que seus subordinados seguissem suas orientações. Mas que considera desnecessário. "Nenhuma mulher tem que mudar. Eles que têm que se adequar a nós."

Para as entrevistadas, a vida a bordo oferece satisfação profissional (50%) e boa remuneração (47%).

Ainda segundo esse levantamento realizado pelo instituto Ipsos e encomendado pela empresa Ocyan, o sistema de escala, que permite conciliar agenda profissional e pessoal, é visto como vantagem por 45% das mulheres que trabalham em regime offshore.

Engenheira subsea e de produção da TotalEnergies no FPSO Caraguatatuba, Renata Zimbres, 29, diz que hoje tem mais qualidade de vida do que quando trabalhava em escritório. "Tenho metade de um ano livre e outra metade do ano fazendo meu trabalho superfocada, sem distração."

Formada em engenharia de petróleo pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Renata diz ter reunido as paixões por mar e barco em uma profissão. "Vai ser difícil sair do offshore. É a melhor profissão da vida. É um trabalho que eu amo e, quando eu desço, eu vivo intensamente."

Ela conta que, dentre 130 profissionais a bordo, até agora, foi 4 o número máximo de mulheres com as quais conviveu em uma embarcação.

Renata diz que a assertividade da mulher é confundida com agressividade. Ela afirma que também já tentou se enquadrar em um ambiente masculino. Mas falhou.

"Se eu tivesse que vestir um personagem, que iria para o trabalho e voltasse para casa, talvez conseguisse sustentar, mas fico lá 21 dias. As pessoas convivem comigo do meu acordar, às 5h30, ao meu dormir, que muitas vezes é à meia-noite. O legal é a diversidade."

Esse estudo serviu de inspiração para um movimento com objetivo de ampliar a presença feminina no mercado offshore. Dezoito empresas do setor de óleo e gás lançaram a campanha "O mar também é delas" para estimular a entrada de trabalhadoras nesse mercado e tornar a rotina nas embarcações mais acolhedora para as mulheres.

Idealizador da pesquisa, o vice-presidente de Pessoas e Gestão da Ocyan, Nir Lander, afirma que o diagnóstico servirá para a busca de equidade de oportunidades no setor.

Lula e a indústria naval

Plano de incentivo ao setor no Brasil não gerou ganhos de produtividade

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

Há algumas semanas o ex-presidente Lula tuitou: "Nós, em pouco tempo, conseguimos criar uma indústria naval competitiva e poderosa. O Brasil poderia ter uma das maiores indústrias navais do mundo".

Nos delírios do petismo, o desmonte da indústria naval teria sido uma conspiração do Departamento de Estado estadunidense, em que o ex-juiz Sergio Moro seria um agente infiltrado, para destruir um setor nascente de nossa indústria que atentava contra os interesses comerciais da potência do Norte.

Será que o problema não é nosso? Relatório do Ipea documenta que o custo unitário do trabalho (razão entre os custos e a produtividade do trabalho) na indústria naval no Brasil é 11 vezes maior do que na China e 5 vezes maior do que na Coreia do Sul (página 53 em bit.ly/3F98Hjo)

Para uma diferença tão grande de produtividade, o esforço governamental de desenvolver o setor somente sobreviveria se houvesse uma curva de aprendizado da indústria muito rápida. Caso contrário, o custo fiscal dos subsídios inviabiliza a política de desenvolvimento industrial. No entanto, entre o lançamento do plano, em 2004, e 2011, não houve ganhos de produtividade (veja página 51 do mesmo relatório).

Se, por um lado, em sete anos não houve ganhos de produtividade na indústria naval no Brasil, a experiência sul-coreana mostra, por outro, que uma intervenção bem-feita por sete anos, de 1973 até 1979, na indústria pesada pode gerar resultados duradouros. Veja "Manufacturing Revolutions: Industrial Policy and Industrialization in South Korea" de Nathan Lane (bit.ly/34voFrg).

Ou seja, a questão sobre as políticas de desenvolvimento industrial é muito menos se devem ser feitas ou não e muito mais sobre governança, isto é, de protocolos.

O esforço de reconstrução da indústria naval no governo Lula teria que ter sido precedido de um cuidadoso estudo. Era necessário haver um diagnóstico alentado dos motivos de as duas experiências anteriores nossas —governo JK, nos anos 1950, e governo Geisel, nos anos 1970— não terem funcionado. Seria necessário também haver um cuidadoso diagnóstico dos motivos do sucesso do desenvolvimento da indústria na Ásia.

Assim, a política pública de desenvolvimento de um setor, se houver a decisão política de fazê-la, precisa ser informada pelas experiências bem-sucedidas e pelo aprendizado com os erros.

Por exemplo, para o desenvolvimento da indústria aeronáutica no Brasil, houve o investimento em uma escola de ponta de ensino e pesquisa em nível superior, o ITA, a construção de um centro de pesquisa, CTA, que faz a ligação da empresa com a pesquisa básica, e a empresa em si mesma, a Embraer.

A empresa começou produzindo aviões pequenos. Adicionalmente, se operasse com o requerimento de conteúdo nacional que vigorou para a indústria naval, não conseguiria exportar. Em suma, a Embraer é uma empresa que participa das cadeias globais de valor e, por esse motivo, consegue produzir uma aeronave de qualidade internacional e competitiva.

Mesmo que a política seja desejável, ou mesmo que haja motivos para a adoção de uma política de desenvolvimento industrial de um setor específico, se a iniciativa não for bem desenhada, teremos somente desperdício de dinheiro público e privado.

As pessoas que são entusiasmadas com o tema das políticas de desenvolvimento setorial —certamente não é o caso da coluna— deveriam se preocupar menos em propagandear a sua necessidade e gastar mais tempo entendendo quais os cuidados que precisam ser tomados para que a política funcione.

|DOM. Samuel Pessôa |**SEG. Marcia Dessen, Ronaldo Lemos** |TER. Michael França, Cecilia Machado |QUA. Helio Beltrão |QUI. Cida Bento, Solange Srour |SEX. Nelson Barbosa |SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Símbolo da revolução dos smartphones, iPhone faz 15 anos

Aniversário do carro-chefe da Apple ocorre logo após empresa atingir US$ 3 trilhões em valor de mercado

Daniela Arcanjo

SÃO PAULO Há 15 anos, em 2007, o então presidente-executivo da Apple, Steve Jobs, apresentava o iPhone em um aguardado lançamento em São Francisco, na Califórnia (EUA).

O celular da marca não inaugurou a tela sensível ao toque nem a possibilidade de baixar aplicativos. Não era o único a tocar músicas e tampouco foi o primeiro a oferecer acesso à internet. Não obstante, revolucionou o mercado de smartphones.

Aos 74 dias de vida, o produto chegou a 1 milhão de unidades vendidas, segundo noticiou a empresa na época. Desde 2019 a Apple não anuncia o número de vendas do celular, mas no início de 2021, o sucessor de Jobs, Tim Cook, comemorou a marca de 1 bilhão de aparelhos ativos no mundo. Em setembro do ano passado, o analista da indústria tecnológica Horace Dediu afirmou que a marca chegou aos 2 bilhões de iPhones vendidos.

O aparelho é a principal fonte de receita da Apple: em 2021, foi responsável por US$ 191,973 bilhões à empresa, mais da metade do arrecadado com todos os produtos.

O carro-chefe faz aniversário em tempos de festa para a Apple. Nesta segunda-feira (3), a empresa tornou-se a primeira no mundo a atingir US$ 3 trilhões (R$ 17 trilhões) em valor de mercado, mais que o dobro do PIB brasileiro de 2020. Em menos de 16 meses, a marca inchou US$ 1 trilhão, uma consequência da liquidez causada pela pandemia e da valorização das big techs após a digitalização da sociedade nos últimos dois anos.

Um dia depois do feito, a fabricante dos famosos celulares de executivos do início dos anos 2000, a BlackBerry, encerrou os serviços de sua linha de smartphones. Os aparelhos, que tinham minúsculos teclados físicos, foram pioneiros no envio de emails e mensagens instantâneas. A linha da marca foi desbancada pelo iPhone.

Ao apresentar o celular da Apple, em 2007, Jobs disse que se tratava de três aparelhos em um só: comunicador de internet, telefone e iPod —o tocador de música lançado em 2001 e também sacrificado com o advento do iPhone.

O pesquisador de tecnologia da PUCRS Eduardo Pellanda teve todas as versões do aparelho que, ao completar dez anos, foi tema de um livro organizado por ele e pelos colegas André Pase e Melissa Streck.

"Cinco anos depois, o impacto do iPhone só aumentou", afirma Pellanda. "Ele foi o símbolo dos produtos que revolucionaram o nosso começo de século."

Pedir um motorista por um aplicativo, apresentar uma carteira de vacinação digital, reservar uma casa a milhares de quilômetros de distância. Todas essas atividades, que em alguns casos revolucionaram mercados até então estáveis, são possíveis graças ao smartphone, que tem no iPhone o seu símbolo.

Ele ganha esse status após ser o primeiro aparelho móvel a não tentar ser um desktop em miniatura, como tentou o Pocket PC, da Microsoft, um "computador de bolso". A Apple declarou independência também das operadoras, que antes ditavam os rumos dos celulares.

Nesse design, a busca pela usabilidade perfeita, uma obsessão de Jobs, impulsionou o aparelho e criou uma legião de fãs e defensores aguerridos. "De maneira geral, se você pegar todos os fatores que interessam para um smartphone —software, bateria, câmera, visor, tela—, o iPhone é o que tem o melhor resultado", afirma Pellanda.

O "controle de ponta a ponta", outra exigência do empresário, também tornou-se um trunfo da empresa hoje, momento em que a segurança de dados é um tema caro à sociedade. Naquele início de século, a ideia era questionada por limitar a experiência do usuário.

"Há um argumento forte: quanto mais fechado, mais seguro é", diz Pellanda. "Hoje, em um smartphone da Samsung, por exemplo, dados passam pelo Google, por um outro desenvolvedor, tem várias camadas diferentes."

Os modelos que fizeram história

iPhone (2007)
O modelo de estreia, que tinha as opções de 4GB e 8GB, foi o primeiro smartphone pensado nativamente como dispositivo mobile, e não miniatura de desktop

iPhone 3G (2008)
Logo após o lançamento de 2007, a Apple colocou no mercado o iPhone 3G, o primeiro que trazia ao usuário a experiência do smartphone em uma internet rápida

iPhone 4s (2011)
Nesse modelo, o iPhone apresenta a Siri, assistente pessoal do iOS. A tecnologia não foi criada pela Apple, mas a empresa a aprimorou

iPhone 6 (2014)
Em 2014, a Apple apresenta o primeiro aparelho com uma grande mudança no design: as bordas arredondadas

iPhone 12 (2020)
A volta das bordas retas do iPhone no modelo 12, seis anos depois, surpreendeu os usuários

Acessar essa tecnologia tem um preço. A Apple não se coloca como a empresa que vai fazer o telefone mais barato, afirma o pesquisador, porque ela também se posiciona como uma companhia que procura peças premium. Em 2007, a versão mais simples do primeiro iPhone poderia ser comprada por US$ 499 (R$ 1.072,75, na época). Hoje, a versão mais simples do último lançamento sai por US$ 699 (R$ 3.966,61).

O resultado é um celular que virou uma espécie de marcador social. Cada vez mais distante dos brasileiros à medida que o preço do dólar sobe a galope, o aparelho não deixou de ser objeto de desejo. Estatísticas de busca do Google mostram que enquanto o interesse do mundo no iPhone atingiu seu pico em 2012, caindo desde então, no Brasil ele segue estável.

"O iPhone é tudo, menos um telefone", diz Hugo Tadeu, professor de inovação na Fundação Dom Cabral. "O grande barato da Apple foi fazer uma integração de serviços, que tem telefonia, acesso a jogos e web pelo iOS [sistema operacional da Apple]."

Design focado no cliente e levantamento de dados, mantra das indústrias de tecnologia de hoje, foram a chave do sucesso para o iPhone, segundo Tadeu. "O design não é somente as pontas arredondadas do aparelho. Tem a ver com o levantamento de informação do cliente, de como ele usa o telefone —e como é possível aprimorar o serviço." Em outras palavras, o foco na experiência do usuário, outra obsessão de Jobs e mais uma justificativa do culto à sua figura no Vale do Silício.

"A grande sacada da Apple foi fazer o que a gente chama de inovação incremental. Fazer melhoria daquilo que já existia, integrando em uma única plataforma. Câmera, telefone, acesso à internet. Ou seja, tenho um minicomputador na minha mão", afirma.

Já na década de 1980, a Apple tinha a patente de um sistema touch que integrava música e telefone. "Por trás do iPhone tem uma empresa que investe pesadamente em pesquisa e desenvolvimento", diz Tadeu. As últimas patentes deixam pistas dos próximos passos. Em meio ao frenesi do metaverso no mundo, a Apple descreve um equipamento de realidade virtual que pode ser integrado ao iPhone.

"Um dispositivo montado na cabeça pode ser usado por um usuário para exibir informações visuais dentro do seu campo de visão. O aparelho pode ser usado como um sistema de realidade virtual, um sistema de realidade aumentada e/ou um sistema de realidade mista", descreve a marca.

esg

Churrasco no Bradesco expõe falha em comunicação de sustentabilidade

Para especialistas, caso ajuda a entender erros de empresas que buscam se posicionar na agenda ESG

Thiago Bethônico

Churrasco promovido por produtores rurais em protesto contra o Bradesco em Cuiabá (MT) Rogério Florentino - 3.jan.22/Folhapress

BELO HORIZONTE Um vídeo sugerindo a redução no consumo de carne deveria ajudar o Bradesco a divulgar seu aplicativo que calcula pegadas de carbono, mas acabou com um pedido de retratação e pelo menos cinco churrascos organizados por pecuaristas em frente às agências do banco.

Para especialistas, o caso ajuda a entender alguns erros cometidos por empresas que buscam se posicionar como sustentáveis, e joga luz sobre a relação entre publicidade e ESG (sigla para boas práticas ambientais, sociais e de governança).

O episódio começou há cerca de duas semanas, com um vídeo que circulou nas redes sociais. Nele, três influenciadoras dão dicas de como ter hábitos mais sustentáveis e recomendam a adesão ao movimento conhecido como "Segunda sem Carne".

"A criação de gado contribui para a emissão dos gases de efeito estufa, então, que tal se a gente reduzir o nosso consumo de carne e escolher um prato vegetariano na segunda-feira?", diz uma das influenciadoras. No final do vídeo, elas divulgam o aplicativo do Bradesco.

O material publicitário irritou alguns representantes ruralistas, o que levou o banco a retirar o vídeo do ar e a escrever uma carta aberta se retratando.

"Vimos uma posição descabida de influenciadores digitais em relação ao consumo de carne bovina, associadas à nossa marca. Importante dizer que tal posição não representa a visão desta casa em relação ao consumo da carne bovina", diz a carta.

Para Fábio Alperowitch, fundador da Fama Investimentos, gestora de fundos com foco em ESG, o episódio diz muito sobre o atual cenário corporativo do Brasil.

"As empresas, em geral, defendem essa pauta [sustentável] até o momento em que não prejudiquem seus negócios. Então vira uma pauta enfraquecida", afirma.

Na visão dele, quando o banco lança uma peça estimulando um dia sem carne e depois vem a público dizer ser contra isso, acaba estimulando a percepção de que a sustentabilidade ainda está mais no marketing do que na prática.

"O que acabou falando mais alto é o lado de mercado. É muito emblemático o recuo do Bradesco", diz.

Procurado para comentar, o Bradesco disse que não se manifestaria sobre o assunto.

Em nota publicada no dia 31, a instituição afirmou ser o maior banco privado do agronegócio, setor que é considerado um dos mais importantes da economia brasileira.

De acordo com um estudo da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil), em parceria com o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), o Produto Interno Bruto do agro representou 26,6% do PIB brasileiro em 2020.

As instituições projetam que o valor bruto da produção agropecuária chegue a R$ 1,25 trilhão em 2022.

Para Vanessa Pinsky, pesquisadora da USP e especialista em ESG, o caso aponta para uma desconexão entre a campanha de marketing e a estratégia de mercado do Bradesco.

"O agronegócio é um dos principais setores do banco em termos de lucratividade, potencial e volume", afirma. "Uma mensagem que tenha um conteúdo positivo de consumo consciente, mas confronte esse setor, não é uma boa estratégia", acrescenta.

Vídeo que associava carne a efeito estufa e que foi tirado do ar pelo banco @JoseMedeirosMT no Twitter

Na visão dela, uma das principais lições do episódio é a importância da coerência entre os negócios de uma companhia e a comunicação sobre sustentabilidade.

"É preciso haver um diálogo estreito entre as estratégias de negócio, de ESG e de marketing. Se esses três pilares não conversarem de maneira sinérgica, uma organização pode ter problemas reputacionais", diz.

As críticas dos pecuaristas ao vídeo das influenciadoras diziam, entre outras coisas, que a mensagem difama o agronegócio.

Após o lançamento do material, o Imac (Instituto Mato-Grossense da Carne) divulgou uma nota dizendo que a pecuária brasileira é realizada de forma natural, utilizando pastagem como principal insumo, o que sequestra os gases da atmosfera e contribui positivamente para o balanço de carbono da atividade.

De acordo com o Seeg (Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa), braço do Observatório do Clima, o agro é a segunda atividade que mais emite gases de efeito estufa do Brasil, ao responder por 27% do total.

A pecuária responde pela maior parte (65%) das emissões do setor devido à fermentação entérica —o popular "arroto do boi".

"Como nós temos 220 milhões de cabeças de gado, é inevitável que esse rebanho emita tanto, porque faz parte do processo natural de digestão do animal", afirma Marina Piatto, diretora-executiva do Imaflora (Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola).

Segundo ela, existem formas de diminuir a pegada de carbono do setor sem precisar levantar a questão da redução de consumo —como o uso de piquetes para delimitar a área do gado, o manejo da pastagem, a suplementação animal e o uso de sistemas integrados com lavoura e floresta.

Contudo, não são todos os produtores que conseguem absorver essas tecnologias, o que faz com que as emissões superem as remoções.

"O Brasil é o quinto maior emissor de gases de efeito estufa do mundo por causa do nosso rebanho", afirma.

"O produtor, em vez de se defender, deveria assumir que o problema existe e pedir ajuda para transformar o sistema produtivo", acrescenta.

A autoria do material publicitário do Bradesco ainda não foi esclarecida. Responsável pela campanha do aplicativo que calcula pegadas de carbono, a Leo Burnett não confirma nem nega a criação do vídeo com as influenciadoras. Na carta aberta, o banco também procurou se desvincular do conteúdo.

Para Fábio Alperowitch, da Fama, o recuo piora a situação da empresa, que acaba desagradando a ambos os lados.

"Foi uma volta de 180°, não houve uma campanha de reesclarecimento ou [que tentasse] trazer o agro para perto sem abandonar o que havia sido defendido", afirma.

Ele lembra que não é a primeira vez que algo assim acontece. Em março de 2021, a Heineken Brasil fez uma publicação sobre o Dia Mundial Sem Carne, comemorado em 20 de março, que também irritou representantes do agro.

Na época, a cervejaria disse que a postagem não desvalorizava nenhum setor da economia e defendeu o direito de escolha dos consumidores.

Ricardo Loures, diretor-executivo da agência de publicidade Pátria, diz que as companhias estão buscando se posicionar diante da onda ESG.

Na avaliação dele, existe a falsa impressão de que peças publicitárias voltadas para as redes sociais não precisam passar por uma cadeia de aprovação tão rígida como acontece nos meios tradicionais. Isso poderia explicar o que aconteceu no caso do Bradesco.

O diretor não vê o episódio como um indício de desconexão entre estratégia de comunicação e sustentabilidade.

"É um erro de implementação de uma peça absolutamente secundária. Se tirar essa peça do ar, tudo que o Bradesco fez não incomodou ninguém", afirma.

Para ele, é importante que as ações publicitárias sejam propositivas. "Não é chegar dizendo que a culpa [dos problemas climáticos] é do agronegócio, mas propor uma forma de o Bradesco ajudar."

Miriam Moura, diretora de curadoria e conteúdo da Oficina Consultoria, diz que a palavra-chave nesse contexto ESG é autenticidade.

"Você precisa falar o que você faz, dizer o que você é. Isso vale para pessoas e principalmente para empresas", afirma.

De acordo com ela, tudo que não for autêntico virá à tona —o que pode trazer um custo bem alto.

"A gente vive numa sociedade de hiperconexão. É preciso que as empresas e marcas tenham maturidade nesse relacionamento."

Evolução das emissões do agro por setor

Emissão de GEE (Mt CO_2e)

- Fermentação entérica ("arroto do boi")
- Manejo do solo
- Cultivo do arroz
- Manejo de dejetos animais
- Queima de resíduos agrícolas

Panorama das emissões de gases de efeito estufa no Brasil

Em %

Fonte: Seeg (Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa) do Observatório do Clima (2020)

> "As empresas, em geral, defendem essa pauta [sustentável] até o momento em que não prejudiquem seus negócios
>
> **Fábio Alperowitch**
> fundador da Fama Investimentos, gestora com foco em ESG

> É preciso haver um diálogo estreito entre as estratégias de negócio, de ESG e de marketing
>
> **Vanessa Pinsky**
> pesquisadora da USP e especialista em ESG

Edson Ikê

Os rótulos enganam

Estereótipos de esquerda e de direita camuflam o debate

Marcos Lisboa

Presidente do Insper, ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda (2003-2005) e doutor em economia

Redução da desigualdade e retomada do crescimento são temas consensuais nos discursos dos candidatos à Presidência. Existem controvérsias sobre as políticas que deveriam ser adotadas, mas elas parecem estar embaralhadas por interpretações divergentes a respeito de termos corriqueiramente usados no debate.

Dependendo do interlocutor, direita e esquerda são considerados sinônimos de projetos autoritários. Liberal pode ser usado para defender a liberdade de expressão e as escolhas individuais, mas também como manifestação de uma agenda que traz de contrabando uma maior desigualdade social.

A redução das políticas de apoio ao setor privado ora é defendida como uma medida de erradicação dos subsídios e de combate à desigualdade (interpretada como de esquerda), ora como projeto liberal de redução do papel do Estado na economia, na contramão do desenvolvimentismo.

Em 2003, a proposta de unificar os programas de transferência de renda e focalizar os recursos nos mais pobres, que resultou no Bolsa Família, foi criticada por economistas autoproclamados de esquerda como uma política liberal. Muitos analistas apontam a semelhança das propostas de intervenção do Estado na economia defendida por economistas de esquerda com o II PND, implementado pelo governo Geisel durante a ditadura militar. Propostas que se dizem de esquerda, a exemplo da desoneração de setores produtivos, como a indústria química, podem reduzir os recursos para programas sociais.

Proponho três contrapontos para distinguir adjetivos frequentes no debate atual: liberal vs. intervencionista; conservador vs. progressista; e esquerda vs. direita. De forma alguma, pretendo que essas definições sejam as mais adequadas. Apenas procuro exemplificar como rótulos usuais no debate público podem acobertar agendas de política pública com implicações inesperadas.

Liberal vs. intervencionista. Liberal é defender a liberdade de cidadãos ou empresas para fazer suas escolhas, intervencionista é o poder público proclamar o que é melhor para o indivíduo.

Conservador vs. progressista. Conservador, na tradição de Edmund Burke, é defender as regras do jogo inclusive para implementar mudanças. Progressistas argumentam que protocolos podem ser rompidos quando um bem maior está em questão.

Esquerda vs. direita. Essa talvez seja a distinção mais difícil. Sigo Norberto Bobbio que propôs como critério a ênfase no combate à desigualdade. Diante de um dilema de curto prazo entre maior crescimento econômico ou menor desigualdade de renda, direita é defender crescimento, esquerda é optar pela queda da desigualdade.

O Orçamento do governo federal deve priorizar políticas de seguridade social ou estimular o investimento público e privado para promover o crescimento? Pela definição proposta, de um lado está a esquerda, de outro, a direita.

O programa Bolsa Família seria liberal, como apontaram diversos economistas de esquerda, pois o governo transferia renda e a família gastava os recursos recebidos como achasse mais adequado. Medidas como o vale gás, subsídio para quem compra botijões, seriam intervencionistas.

Políticas públicas horizontais para estimular investimentos concorrentes em inovação tecnológica seriam liberais. Subsídios para fomentar setores selecionados pelo governo federal, como a indústria naval, seriam intervencionistas. Ambas são políticas para estimular o crescimento econômico, mas cabe avaliar o seu resultado relativo. Os instrumentos de incentivo ao investimento no Brasil adotados na última década foram bem-sucedidos?

No caso da Lava Jato, há bons argumentos de que protocolos do Estado de Direito foram violados. Acreditar que malfeitos foram cometidos não deveria justificar violar o processo legal, segundo os conservadores. Progressistas, por outro lado, apontam que o nosso conservadorismo resultou na trágica lentidão em abolir a escravidão no século 19.

Maior participação do Estado não significa uma opção pela esquerda ou pela direita. Nos países emergentes da Ásia, há célebres casos de intervenção estatal para favorecer o investimento das empresas, porém pouca política de seguridade social. Esses seriam aspectos de uma agenda de direita. Vale comparar os gastos sociais do setor público na China e no Brasil.

Em alguns casos, a intervenção do governo pode conciliar mais crescimento econômico e maior igualdade de oportunidades no longo prazo, como ao garantir o aprendizado dos estudantes no ensino básico.

A social-democracia europeia defende políticas de redistribuição de renda, mas também é conservadora (as mudanças devem respeitar as regras do Estado de Direito). Recentemente, líderes do Partido Republicano nos EUA defenderam políticas de proteção à indústria local e a invasão do Capitólio. Quem está à esquerda ou à direita em cada um desses casos?

Economistas no Brasil, associados à esquerda, propõem desvalorizar a taxa de câmbio para proteger a indústria local. Essa medida, de eficácia duvidosa, implica reduzir o salário real. Isso significa privilegiar o crescimento econômico tendo como contrapartida o aumento da desigualdade de renda. Não se trata, portanto, de uma proposta à direita?

O uso de rótulos requer cuidado. Melhor ler a bula com atenção.

Equipes de resgate trabalham no trecho em que ocorreu o desabamento no lago de Furnas, em Capitólio (MG) Corpo de Bombeiros/Divulgação

Parede de cânion desaba, atinge lanchas e deixa ao menos 7 mortos em Capitólio

Segundo o Corpo de Bombeiros, mais de 30 ficaram feridos e há pessoas ainda desaparecidas

Paulo Eduardo Dias, Artur Rodrigues e Italo Nogueira

SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO A queda de parte de um cânion sobre lanchas que passeavam pelo lago de Furnas, em Capitólio (MG), deixou ao menos seis mortos, informou o Corpo de Bombeiros do estado na tarde deste sábado (8). Há ainda três pessoas consideradas desaparecidas.

Quatro embarcações foram atingidas, das quais duas afundaram, e 32 pessoas ficaram feridas. Os nomes dos mortos ainda não foram divulgados, mas ao menos dois deles eram do sexo masculino.

Segundo os bombeiros, 23 vítimas foram atendidas e liberadas na Santa Casa de Capitólio. Duas pessoas com fraturas expostas estão em atendimento na Santa Casa de Piumhi e outras quatro, com ferimentos leves, estão na Santa Casa de São José da Barra. A Santa Casa de Passos recebeu dois pacientes.

O primeiro chamado sobre o acidente ocorreu pouco após às 12h30. Um vídeo que circula pelas redes sociais mostra o momento em que uma grande rocha se desprende e atinge em cheio lanchas que estavam lotadas de turistas.

Em outras imagens, é possível ver uma cabeça d'água onde ocorreu o acidente. As pessoas que estão no barco apontam para a cachoeira e algumas lanchas começam então a se afastar, mas é possível ver que outras seguem no local.

Outro vídeo mostra que cerca de um minuto antes do desprendimento total da rocha, houve desabamentos de pequenas pedras na água do lago. Nas imagens, as pessoas pedem para que as embarcações se afastassem da rocha. Um minuto depois, ocorre o desabamento.

"Foi tudo muito rápido. A pedra começou a estalar. De repente caiu de uma vez. Nunca vi isso acontecer", disse o marinheiro Reginaldo Ramos, que trabalha na região há oito anos.

O comandante do Corpo de Bombeiros de Minas Gerais, Edgard Estevo da Silva, afirmou que há relatos de dezenas de desaparecidos. "Estamos trabalhando com as informações de testemunhas e agências de turismo local", disse ele.

A sala de imprensa do Corpo de Bombeiros informou que equipes de mergulhadores foram encaminhadas para a localidade —um conhecido ponto turístico mineiro, devido a suas belezas naturais. As buscas foram interrompidas no início da noite por questões de segurança.

O tenente dos bombeiros Pedro Aihara, porta-voz da corporação, afirmou que pelo menos 40 militares dos bombeiros atuam no local. "Temos uma equipe de mergulhadores especializados, o apoio da nossa aeronave Arcanjo 08, que tem toda a estrutura de evacuação médica caso seja necessário trazer alguma vítima mais grave para Belo Horizonte ou para outra localidade", disse.

Segundo Aihara, duas embarcações afundaram. "São as embarcações de nome EDL, da qual foram resgatadas 14 pessoas com vida; e a embarcação de nome Jesus, da qual foram resgatadas dez pessoas com vida. As outras duas embarcações sofreram impactos indiretos. Uma embarcação que era uma lancha vermelha, ainda sem identificação, da qual dez vítimas foram socorridas, e uma outra embarcação, de nome Nova Mãe, da qual foram resgatas oito pessoas com vida", disse.

Em nota, a Marinha informou que tomou conhecimento do acidente e deslocou equipes para lá.

"A DelFurnas deslocou, imediatamente, equipes de Busca e Salvamento para o local, integrantes da Operação Verão ora em andamento, a fim de prestar o apoio necessário às tripulações envolvidas no acidente, no transporte de feridos para a Santa Casa de Capitólio, e no auxílio aos outros órgãos atuando no local. Um inquérito será instaurado para apurar causas, circunstâncias do acidente/fato ocorrido", diz o comunicado.

O prefeito de Capitólio, Cristiano Silva, postou um vídeo em redes sociais dizendo que a população da cidade está transtornada com o acidente.

"Estamos em estado de choque com esse acontecido, e somos solidários com as vítimas, feridos e os óbitos. Não foi uma tromba d'água, foi um deslocamento de pedra que atingiu algumas lanchas", disse.

Silva afirmou que ambulâncias foram enviadas ao local. "Os hospitais da região estão atuando e se mobilizaram também para receber os feridos", disse.

O governador de Minas, Romeu Zema (Novo), também se manifestou sobre o episódio. " Sofremos hoje a dor de uma tragédia em nosso estado, devido às fortes chuvas, que provocaram o desprendimento de um paredão de pedras no lago de Furnas, em Capitólio", escreveu.

Após participar de uma festa de aniversário em Brasília, o presidente Jair Bolsonaro (PL) disse por volta das 15h30 que ainda não estava sabendo do ocorrido. "Não estou sabendo. Aconteceu agora há pouco?".

"É uma fatalidade, realmente. Acabando aqui, entro em contato com a Marinha, já que é na água", afirmou. Ele ordenou então a um assessor que telefonasse para o comandante da Marinha, o almirante de esquadra Almir Garnier Santos, e o orientasse a dar prioridade ao assunto, com possível ida a Minas Gerais.

O ministro do Turismo, Gilson Machado Neto, afirmou lamentar o acidente e prestou "solidariedade a todos os envolvidos na tragédia e entrará em contato com as autoridades locais para expressar apoio da pasta".

Capitólio é um grande destino turístico devido aos cânions, que costumam ser vistos em passeios de barco pelo lago de Furnas, que tem mais de cem quilômetros de extensão.

A maioria dos turistas que visitam Capitólio é da capital paulista, de cidades do interior de São Paulo e da capital mineira, segundo as agências de turismo locais. Quando a **Folha** visitou o local, em outubro do ano passado, mais de cem lanchas faziam passeios.

A região já registrou diversos casos de acidentes com mortes de banhistas nos últimos anos. Em janeiro do ano passado, ao menos três pessoas morreram após uma cabeça d'água atingir uma cachoeira em Capitólio.

O município mineiro normalmente tem cerca de 8.700 habitantes, mas chega a receber 5.000 turistas em fins de semana —números que chegam a até 30 mil durante os feriados. Por isso, enfrenta críticas de ambientalistas pelo turismo predatório.

Um dos maiores atrativos da cidade é exatamente o local onde ocorreu o acidente, o lago de Furnas, conhecido como o Mar de Minas.

Colaboraram Cláudia Collucci e Marianna Holanda

Momento que o pedaço do cânion atinge a água Reprodução

> Foi tudo muito rápido. A pedra começou a estalar. De repente caiu de uma vez. Nunca vi isso acontecer
>
> **Reginaldo Ramos**
> marinheiro, trabalha na região há oito anos

Erosão e fraturas nas rochas explicam tragédia em Minas Gerais

Ana Bottallo

SÃO PAULO As rochas da parede do cânion em Capitólio (MG) que se desprenderam, causando um acidente com pelo menos sete mortos e 32 feridos, já possuem naturalmente diversas fraturas que favorecem esses deslizamentos de blocos de tempos em tempos.

Essa condição, que é um processo natural da própria formação rochosa, aliada à erosão causada pelo impacto da água e do vento no paredão podem ter levado ao acidente registrado neste sábado (8).

Segundo o geólogo do Instituto de Geociências da USP Cláudio Riccomini, as rochas que formam os cânions de Capitólio são essencialmente sedimentares, depositadas ao longo de milhares de anos em uma posição quase horizontal (o que explica o estrato rochoso em várias camadas que pode ser visto em fotos da região) e que depois sofreram pressões e foram fraturadas. "Esse processo levou às fraturas que também podem ser observadas ao olhar por exemplo uma imagem aérea desses cânions", explica.

As fraturas são responsáveis pela formação das escarpas verticais tão populares entre os turistas que visitam o local. "Aquele cânion só existe porque em outros momentos no passado houve também o desabamento da rocha, e isso é evidenciado pelas fraturas quase verticais [em posição próximo a um ângulo de 90°) vistas nas imagens do acidente de hoje", afirma.

O processo de desprendimento dos blocos, no entanto, foi acelerado por dois outros processos que ocorrem: o intemperismo e a erosão. O primeiro é caracterizado pelo desgaste físico ou químico da rocha, e pode ter como causa a água ou as raízes de árvores. O segundo é o processo de retirada e transporte dos sedimentos produzidos pelo intemperismo, com a deposição no leito do rio, e está também associado à água.

O Lago de Furnas, criado em 1963 e principal atração turística em volta dos cânions, intensificou esse processo de erosão pela água.

Adams Carvalho

Camarão acima de tudo

'Eu não almoço, engulo' podia ser o novo 'Ordem e progresso' na bandeira

Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de "Nu, de Botas"

"Domingo eu não almoço, eu engulo", disse, sobre o motivo de sua internação hospitalar, semana passada, o batráquio que ora veste a faixa presidencial. "Foi uma peixada, tinha uns camarõezinhos também. Eu mastiguei o peixe e engoli o camarão, foi isso que aconteceu."

"Eu não almoço, engulo" poderia bem ser o epitáfio do capetão deformado. (Perdão: capetinha). Podia ser o lema proposto por ele para substituir "Ordem e progresso" na bandeira nacional. Em latim, claro, pra dar aquele up topzêra de loja da Havan: "Prandium non habeo, quod comedam". (Correções ao meu latim, por favor, cartas à redação —do Google Translator).

Vai vendo: o cara tava na praia, de férias, num domingo, diante de uma peixada com camarões. É o tipo de entroncamento cósmico que não se repete muitas vezes na vida. Um momento, portanto, que a maioria das pessoas costuma —atenção ao termo— saborear. É programa pra sentar-se à mesa no fim da manhã e só levantar de noitinha. Depois, nos dias seguintes, passar os pratos em revista, como Rubem Braga em "Almoço mineiro": "O lombo era macio e tão suave que seu primitivo dono devia ser um porco extremamente gentil, expoente da mais fina flor da espiritualidade suína." "O tutu tinha o sabor que deve ter, para uma criança que fosse gourmet de todas as terras, a terra virgem recolhida muito longe do solo, sob um prado cheio de flores."

Uma peixada com camarões, nas férias, na praia, cazzo. Era pra erguer brinde e citar Baudelaire: "É hora de vos embriagardes! Para que não sejais escravos martirizados do Tempo, embriagai-vos; embriagai-vos sem cessar! De vinho, de poesia ou de virtude!". Sem vinho, sem poesia e definitivamente sem virtude, resta ao detrito presidencial o papel de escravo martirizado do tempo.

Que o infeliz não dorme, já sabemos desde a internação pela facada. Ele desperta tantas vezes por noite que à época os médicos chegaram a perguntar: "como é que você consegue raciocinar?". (Não consegue, claro). Que não usa a cama para outras aprazíveis atividades horizontais também sabemos, após declarações recentes da primeira-dama. Apesar de vangloriar-se de um "histórico de atleta", nunca o vimos jogando sequer uma peteca no gramadão, onde só aparece para oferecer cloroquina pras emas. Junta a isso a pança e a qualidade de suas galináceas flexões de pescoço e fica óbvio que tampouco no exercício físico, alento para as dores do mundo, o pobre diabo encontra alívio. Agora descobrimos que nem mesmo comer dá prazer ao estafermo.

Se ele tivesse uma meta, ainda que mesquinha, vá lá, poderíamos encontrar no "eu não almoço, eu engulo" algum fiapo de transcendência. A abnegação seria um preço a pagar por algo maior: abriria mão dos prazeres do corpo por uma obstinação irrefreável do espírito. Mas espírito é justamente o que falta ali. O urubu auriverde está para a transcendência como um clipe está para a aurora boreal.

Não, erro. Os clipes são úteis. Organizam. Ajudam. Ele não. Impedido de saborear a vida por um tenebroso aleijamento existencial, decidiu vingar-se de todos os que não apenas engolem, mas almoçam. Existe como um buscapé, usando o fogo que arde dentro de si pra queimar as canelas alheias.

Se pudesse, multava assovio, taxava beijo, proibia a aurora, revogava o crepúsculo, emparedava o vento e selava o sol com insulfilm. Mas não pode. Ele é triste, fraco e burro. Vai acabar mal e só como um vilão de desenho animado. Os deuses desprezam quem não respeita camarão.

| DOM. Antonio Prata | **SEG. Marcia Castro**, Maria Homem | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Operação descobre 'prisão VIP' com churrasco e uísque em MS

Artur Rodrigues

SÃO PAULO Uma operação da Polícia Civil de Mato Grosso do Sul descobriu um esquema criminoso dentro de uma prisão que garantia aos presos bebidas alcoólicas, churrasco e até reforma de celas com móveis planejados.

Denominada La Catedral, a operação ganhou esse nome em referência ao apelido da prisão onde ficou o narcotraficante Pablo Escobar, na Colômbia, conhecida pelas regalias ao criminoso.

Na manhã de quinta-feira (6), policiais do Dracco (Departamento de Repressão à Corrupção e ao Crime Organizado) prenderam cinco policiais penais que atuam no presídio Ricardo Brandão, em Ponta Porã (MS), na fronteira com o Paraguai. A região é conhecida pelo domínio por criminosos do PCC (Primeiro Comando da Capital), que promoveram uma onda de violência em 2021.

Durante a ação, a polícia prendeu grande quantidade de cerveja e uísque 12 anos. Também foram encontradas drogas, celulares e dinheiro.

Policiais disseram à **Folha** que os criminosos realizavam festas e reformavam as celas, com colocação de armários, prateleiras e até forro no teto. Os policiais penais são suspeitos de receber propina para permitir as regalias.

Entre as práticas investigadas estão a cobrança de propinas para troca de celas e remissão de pena, entrada de bebidas alcoólicas e carne in natura, venda de drogas, celulares, uso de serviços particulares pelos presos, além das alterações nas celas e entrada de comida diferenciada sem passar pela revista.

Ao todo, são investigadas 19 condutas criminosas, crimes de organização criminosa, corrupção passiva e ativa, entre outras. Também é apurada a fuga de dois criminosos.

A operação aconteceu em conjunto com a Corregedoria-Geral da Agência Estadual de Administração do Sistema Penitenciário (Agepen).

Políticos combatem obras antimorador de rua

Inspirados em queixas do padre Julio Lancellotti em SP, projetos que vetam essas intervenções se espalham pelo país

Artur Rodrigues

SÃO PAULO Pedras pontiagudas debaixo de viadutos, divisórias em bancos de praça, grades nas portas de comércios e pontas de ferro e escadarias. Intervenções antimorador de rua continuam gerando polêmica nas cidades brasileiras e motivando propostas no Legislativo.

O assunto esquentou em um momento que a população em situação de rua cresce em todo o país, devido ao impacto econômico da pandemia.

Na esteira de denúncias feita pelo padre Julio Lancellotti, da Pastoral do Povo de Rua, projetos de lei para proibir esse tipo de prática tramitam no Congresso, na Assembleia Legislativa de São Paulo e na Câmara Municipal de São Paulo.

As ações têm apoio de entidades ligadas a arquitetura que, no entanto, refutam o termo arquitetura hostil, usado comumente para se referir às intervenções voltadas a afastar a população de rua da área sob viadutos, de bancos, de praças e de portas de lojas.

A crítica a esse tipo de ação ganhou mais força quando, em fevereiro de 2021, o padre Julio Lancellotti usou uma marreta para retirar pedras que foram colocadas pela prefeitura como medida para evitar moradores de rua em um viaduto na zona leste da capital paulista. Após o protesto, as pedras foram retiradas, em ação que custou R$ 48 mil.

O padre segue com denúncias sobre o assunto. Em dezembro, citou aporofobia (termo que significa aversão a pobres) na Catedral de Campinas, onde havia espetos em uma escadaria. A catedral mandou tirar os espetos após o episódio.

Lancellotti diz continuar recebendo denúncias de casos parecidos vindos de todo o país. "Na medida em que aumenta a população de rua, aumenta a hostilidade", diz.

Na cidade de São Paulo, embora não sejam novos, restam vários exemplos de aparentes tentativas de impedir a presença de moradores de rua em determinados locais.

É o caso de pedras debaixo de um viaduto próximo da estação de metrô Parada Inglesa, na zona norte, no canteiro central da avenida Luiz Dumont Villares, e também o de divisórias em bancos de praça e gradis colocados em frente de prédios.

O padre ainda citou preocupação com a realização de obras que retirem os moradores de rua, sem dar alternativas a essa população.

Mesmo não tendo a motivação óbvia da chamada arquitetura hostil, uma área que desperta preocupação no religioso é a obra de um jardim de chuva no canteiro central da avenida Doutor Gastão Vidigal, na Vila Leopoldina, na zona oeste, região hoje com grande concentração de moradores de rua.

Inspirado nas queixas do padre, um projeto de lei, de autoria do senador Fabiano Contarato (PT-ES), foi aprovado no Senado. Agora, está em discussão na Câmara dos Deputados.

Se aprovado, o dispositivo será inserido no Estatuto da Cidade. O projeto veta técnicas hostis, como a instalação de pinos metálicos pontudos e cilindros de concreto nas calçadas com objetivo de afastar pessoas.

Na Câmara Municipal de São Paulo, também foi aprovado em primeiro turno um projeto de Toninho Vespoli (PSOL) e Eduardo Suplicy (PT) proibindo a prática.

Vespoli cita que esse tipo de prática urbana é agravado pela mudança do perfil da população de rua, incluindo muitas famílias com crianças.

"Se já era ruim arquitetura de exclusão para adultos, imagina para as pessoas que não têm noção do que estão fazendo, como as crianças", disse o vereador.

Intervenções antimorador de rua em São Paulo, como grades na calçada, na praça Pérola Byington (no alto), e bancos com divisórias, na praça Dom José Gaspar Fotos Eduardo Knapp/Folhapress

O projeto foca o patrimônio público. Na Assembleia Legislativa, tramita um projeto do deputado Paulo Fiorilo (PT), em que poderiam ser abrangidos espaços livres de propriedades privadas, como ruas, calçadas, canteiros, ilhas, praças, jardins e estacionamentos.

Fiorilo, próximo do padre Julio, também levou em considerações as queixas do religioso. "A gente não sabe muito bem o que pode acontecer em Brasília, por isso, é importante a garantia de uma lei estadual em São Paulo", disse, sobre o fato de haver uma lei federal em tramitação.

De acordo com o deputado, o projeto está na Comissão de Constituição e Justiça e deve ter parecer favorável.

Na Câmara do Rio, um projeto neste sentido já foi aprovado em agosto. No entanto, o prefeito Eduardo Paes (PSD) vetou a proposta, sob a justificativa de inconstitucionalidade e de que a definição de padrões urbanísticos e construtivos é de competência do Poder Executivo.

Os projetos têm aprovação de arquitetos, embora eles critiquem o uso do termo arquitetura hostil.

"Arquitetura é um bem e é um instrumento, um patrimônio da humanidade para o desenvolvimento social, para o desenvolvimento econômico, para o desenvolvimento saudável. Então, atrelar a arquitetura à palavra 'hostilidade' nos parece um pouco complicado", disse Ednezer Rodrigues, do CAU (Conselho de Arquitetura e Urbanismo), em audiência pública.

De acordo com o presidente do IAB-SP (Instituto de Arquitetos do Brasil - departamento São Paulo), Fernando Túlio, melhor seria tratar o tema como uma técnica construtiva hostil. Para ele, a arquitetura deveria democratizar o espaço público, em vez de seguir no caminho inverso.

"Entendo que as prefeituras deveriam ter manuais técnicos que definem o padrão do mobiliário urbano, e esses manuais deveriam impedir radicalmente que qualquer solução desse tipo, higienista, pudesse acontecer", afirma.

Em vez disso, ele diz que a população de rua poderia receber uma bolsa para ajudar a cuidar do espaço público.

Procurada, a gestão Nunes não respondeu se apoia o projeto para vetar as intervenções antimoradores de rua e quais. No entanto, negou que o jardim de chuva na Vila Leopoldina se trate de uma ação desse tipo, citando benefícios para a cidade como a prevenção a enchentes.

"Por serem obras de pequeno porte, não há grande impacto para a população local, seja os moradores ou flutuante. No entanto, quanto às pessoas em situação de rua, a Prefeitura insiste que a criação de vínculos com os programas de assistência social, em busca de conceder autonomia a essa população, é o melhor caminho", afirmou.

A prefeitura também citou que, de janeiro a novembro do ano passado, foram realizadas 3.313 abordagens a pessoas em situação de rua nos arredores da Gastão Vidigal, na região da Ceagesp.

A administração municipal mencionou ainda uma série de ações relacionadas ao atendimento da população em situação de rua, como atendimentos de escuta social, agendamentos de documentação, encaminhamentos para serviços da rede de assistência e saúde, atividades de redução de danos e geração de renda, além de corte de cabelos e cuidados pessoais.

Reaplicação do Enem começa neste domingo ao custo de R$ 12 mi

Paulo Saldaña

BRASÍLIA O Enem 2021 ainda não terminou e neste domingo (9) e no próximo (16) ocorre a reaplicação para quem não conseguiu fazer a prova por problemas como falta de luz no local de aplicação e para um grupo que conseguiu isenção após decisão do STF (Supremo Tribunal Federal).

São esperados 6.986 candidatos que não conseguiram fazer a prova em novembro passado. Outros 280.146 se inscreveram após decisão do STF garantir a isenção a faltosos na edição anterior, afetada pela pandemia.

Também farão o exame nestes dias estudantes privados de liberdade ou sob medida socioeducativa que inclua privação de liberdade. O chamado Enem PPL tem 54.231 inscritos.

No ano passado, o governo Jair Bolsonaro (PL) se negou a ampliar a gratuidade aos faltosos com direito à isenção do ano anterior apesar de indicação contrária da área técnica e da empresa que avaliava riscos no exame, conforme documentos obtidos pela reportagem.

A insistência do ministro Milton Ribeiro (Educação) em barrar a isenção ao grupo teve motivação financeira: com orçamento apertado, a equipe do titular do MEC preferiu a exclusão dos jovens. Mas, com a judicialização, já prevista pelas áreas técnicas, o gasto do governo será ainda maior.

Esta reaplicação, a maior já preparada, terá um custo de R$ 12 milhões, segundo informações obtidas com técnicos do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais).

O gasto é cinco vezes maior do que se houvesse tido a isenção no período normal de inscrição, também segundo projeções internas do órgão do MEC responsável pelo exame.

O Inep não respondeu aos questionamentos da reportagem, como por exemplo o número de pedidos de reaplicação não aceitos. Sob a presidência de Danilo Dupas Ribeiro, o órgão tem sido pouco transparente com as informações públicas.

O Enem tem isenção a um grupo que envolve egressos de escolas públicas e pessoas com baixa renda. As regras do exame impedem, porém, que isentos faltosos tenham gratuidade no ano seguinte sem justificar a ausência.

Como o Enem 2020 teve abstenção de mais da metade dos inscritos, provocada principalmente pela pandemia, secretários de Educação e congressistas cobraram do governo a extensão da gratuidade. Isso não foi acatado e o caso foi para a Justiça.

Sem essa isenção, o Enem 2021 recebeu 3,1 milhões de inscritos, o menor desde 2005 —desses, 29,9% faltaram à aplicação.

CBMMG/ Divulgação

O Tempo/Reprodução

Inverpar

DIQUE DE BARRAGEM PRÓXIMA A BH TRANSBORDA E INTERDITA RODOVIA

O Corpo de Bombeiros de Minas Gerais confirmou, na manhã deste sábado (8), o transbordamento de uma pequena estrutura ligada a uma barragem em Nova Lima, na região de Belo Horizonte (MG). A água acabou atingindo a BR-040, que foi fechada. Em um primeiro momento foi cogitado o rompimento da barragem da mina de Pau Branco, o que foi refutado pelo porta-voz da corporação, o tenente Pedro Aihara. De acordo com ele, equipes foram até o local, mas não há registros de vítimas e nem a necessidade de retirada dos moradores da região

saúde

Tania Albertini em consulta com a ginecologista Ana Spadella; empresária descobriu o DNA-HPV ao buscar atendimento na rede pública Zanone Fraissat/Folhapress

DNA antecipa diagnóstico de câncer em até dez anos

Exame já substituiu papanicolau em Indaiatuba, no interior de São Paulo

VIDA PÚBLICA

Tatiana Cavalcanti

SÃO PAULO O exame de papanicolau já é passado em Indaiatuba, no interior de São Paulo. Em seu lugar, as mulheres que buscam os postos de saúde do município, a 98 km da capital paulista, passaram a ser analisadas por meio de teste de DNA mais assertivo no rastreamento do HPV, vírus responsável por provocar câncer do colo do útero. O método também permite adiantar um diagnóstico mais grave de doença em anos, segundo especialistas.

O chamado DNA-HPV é aplicado na cidade desde 2017 —em parceria entre a Unicamp, a farmacêutica Roche e a Prefeitura de Indaiatuba. O resultado da iniciativa foi publicado na revista científica The Lancet.

A Unicamp entrou com o conhecimento de seus pesquisadores para implementar o programa e para analisar as amostras. A prefeitura, por sua vez, passou a aplicá-lo em suas pacientes. O teste já é aprovado no Brasil, assim como nos Estados Unidos, Austrália, Inglaterra, Chile e Suécia, entre outros países.

A farmacêutica Roche forneceu insumos, a máquina para análise do material e, ainda, desenvolveu o software que está ligado ao sistema público para emissão de alertas ao médico quando o resultado do exame estiver pronto.

Quem recebe diagnóstico negativo para HPV (86,8% das pacientes de Indaiatuba, apontou a pesquisa da Unicamp entre 2017 e 2020, com teste de DNA) pode repetir o teste em cinco anos já que, neste período, o vírus não se desenvolve, segundo os médicos.

Aquelas que têm resultado positivo passam por acompanhamento até terem alta. O público-alvo são mulheres entre 25 e 64 anos.

O câncer cervical, como também é chamado, pode ser devastador. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, 604.127 mulheres no mundo foram diagnosticadas com a doença em 2020. No mesmo período, 341.831 morreram, a maioria em países pobres.

Segundo o Atlas da Mortalidade do Inca (Instituto Nacional de Câncer), órgão auxiliar do Ministério da Saúde, foram registradas 6.596 mortes pela doença em 2019 no Brasil. Só no Sudeste foram 2.100.

Mas esse tipo de câncer é evitável e pode ser erradicado com políticas públicas organizadas, segundo Júlio Cesar Teixeira, principal pesquisador do estudo do DNA-HPV e diretor da oncologia do Hospital da Mulher da Unicamp.

"Isso pode acontecer com a combinação de ações de vacinação até os 15 anos e o rastreamento adequado", afirma Teixeira.

Em Indaiatuba, única cidade na América Latina a substituir o papanicolau pelo novo teste na rede pública, 18.700 mulheres já passaram pelo DNA-HPV até dezembro de 2021, segundo a prefeitura.

"Com o início do programa, não foi mais coletado papanicolau", declara Túlio José Tomass do Couto, ginecologista responsável pelos programas de atendimento à saúde da mulher e vice-prefeito do município.

A empresária Tania Albertini, 48, teve o diagnóstico positivo por meio do novo teste. Ela conta que fazia o papanicolau a cada seis meses pelo plano de saúde e o resultado sempre foi negativo.

Com a pandemia, em 2020, ela perdeu o emprego e buscou atendimento na rede pública. Foi aí que ela descobriu o DNA-HPV que, então, acusou uma lesão.

> Com um cotonete, colhemos o material do colo do útero, dissolvido em um líquido que já sai com um código de barras, enviado para máquina moderna na Unicamp. O resultado sai, em média, em até 40 dias
>
> **Túlio José Tomass do Couto**
> ginecologista e vice-prefeito de Indaiatuba

> Quando se produzir o DNA em larga escala, o valor cai, e isso significa salvar vidas, o que é inestimável, sem preço
>
> **Júlio Cesar Teixeira**
> principal pesquisador do estudo da Unicamp

"É uma consequência da vida ter HPV. Tratei no próprio consultório." No mesmo ano em que recebeu o diagnóstico, Tania levou sua filha, então com 14 anos, a um posto de saúde para tomar a vacina do HPV.

Couto diz que, normalmente, uma mulher faz o exame de papanicolau a cada dois ou três anos na rede pública.

"É um exame ainda importante no Brasil e no mundo. A gente colhe o material em lâmina avaliada por profissionais. Os resultados demoram até seis meses e podem acontecer falsos negativos."

Já com o teste por DNA, o processo é mais preciso porque não depende da avaliação humana. "Com um cotonete, colhemos o material do colo do útero, dissolvido em um líquido que já sai com um código de barras, enviado para máquina moderna na Unicamp. O resultado sai, em média, em até 40 dias", diz Couto.

Outra paciente diagnosticada com esse método foi a pensionista Neuza Maria Jesus Ribeiro, 66. Ela conta que costumava fazer o papanicolau anualmente desde os 45 anos e nunca teve um positivo. "Me sinto privilegiada, porque se demorasse, poderia ser fatal."

De 16.384 mulheres testadas com o DNA-HPV em Indaiatuba, entre outubro de 2017 e março de 2020, segundo a Unicamp, 21 delas receberam diagnóstico de câncer de colo de útero, com idade média de 39,6 anos, sendo 67% em estágio inicial.

A universidade informou que, com o papanicolau, apenas 12 pacientes tiveram o câncer cervical detectado com idade média mais elevada, 49,3 anos, e só um caso em estágio inicial, em pesquisa realizada entre outubro de 2014 e março de 2017, com 20.284 mulheres.

De acordo com a universidade, com o exame de DNA-HPV é possível antecipar o diagnóstico do câncer do colo do útero em dez anos, comparando-se com o método tradicional, o que explica mais casos iniciais.

Mas para o programa dar certo, de acordo com Teixeira, não basta implantar no SUS um teste moderno, se não houver gestão dos dados.

"É preciso interligar o sistema. Atualmente, não se tem controle de quem faz os exames na rede pública. Quem chega, faz. Há desperdício de recursos, porque a mulher vai fora da idade ou da janela do exame."

O pesquisador explica que dois terços das mulheres que terão os cânceres avançados um dia estão fora do sistema. "Não temos como convocá-las porque não sabemos quem são. Geralmente são mais pobres."

Flávia Miranda Corrêa, médica pesquisadora da Divisão de Detecção Precoce do Inca, concorda. "Apenas implementar no sistema um teste mais eficaz não muda em nada a mortalidade. Tem que se instituir um rastreamento organizado."

A médica do Inca afirma que desde 2019 existe um movimento que envolve especialistas e o governo para incorporar o teste no Sistema Único de Saúde. "Mas precisa ser feito de forma otimizada, avaliando o custo-benefício, para aproveitar que ele tem de bom. Não é um processo simples."

Carlos Martins, presidente da Roche Diagnóstica no Brasil, lembra que uma mulher morre de câncer cervical a cada 90 minutos. "É totalmente curável." O que uniu a farmacêutica ao projeto, segundo ele, foi fazer estudo representativo que chegue às autoridades sanitárias. "Temos como apostar nisso, porque sabemos que vai salvar muitas vidas."

De acordo com cálculos da Roche, que levam em conta custos dos exames e qualidade de vida, há economia em longo prazo. No grupo de mulheres que fizeram só o papanicolau, diz a farmacêutica, os custos foram superiores e a qualidade de vida inferior aos mesmos parâmetros do grupo que utilizou a tecnologia DNA-HPV.

Isso se deve, segundo a Roche, à identificação precoce quando há lesão precursora do câncer, o que reduz a necessidade de procedimentos em estágio avançado.

Cada teste DNA-HPV tem valor de referência de US$ 30 (cerca de R$ 170). O papanicolau, R$ 70, segundo Teixeira. "Quando se produzir o DNA em larga escala, o valor cai, e isso significa salvar vidas, o que é inestimável, sem preço."

Leia mais na A8, Poder

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Referência no rádio, formou geração de comunicadores

NIVALDO BUENO FRANCO DA ROCHA (1945 - 2022)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO Na infância, ao lado do único irmão, o empresário Nivaldo Franco Bueno foi muito ativo no esporte, principalmente no futebol.

Natural de Bauru (a 329 km de SP), Nivaldo quase tornou-se um jogador profissional pelo Bangu Atlético Clube, no Rio, mas abdicou da carreira para casar com Adeliz.

A troca foi um ganho para a comunicação no interior paulista. Aos 15 anos, Nivaldo já frequentava a Bauru Rádio Clube e logo começou a trabalhar como sonoplasta. Também foi locutor e apresentador. Além do rádio, trabalhou em jornal.

Nivaldo foi grande na comunicação e no empreendedorismo. Ao intermediar a venda da Rádio Urubupungá, em Andradina (a 627 km de SP), em 1971, recebeu o convite para gerenciar a emissora. De gerente, tornou-se proprietário. Depois, adquiriu outras rádios até fundar o SRC (Sistema Regional de Comunicação).

Atualmente, o grupo está em parte do interior paulista e em Mato Grosso do Sul com 14 rádios, uma emissora de TV, um jornal impresso e um portal de notícias.

Nivaldo realizou e participou de campanhas para ajudar o próximo. Referência em rádio, era considerado uma escola, pois formou muitos locutores e apresentadores.

Segundo o jornalista e empresário Marcelo Rocha, 48, um dos filhos, Nivaldo abria as portas das empresas do grupo a políticos de diferentes tendências, mas sem ambições eleitoreiras.

"Ele jamais aceitou disputar eleição e sempre ajudava a discutir o futuro das cidades, mesmo nunca tendo sido filiado a partido algum", diz Marcelo.

Em casa, protegeu e amou a família.

Nivaldo morreu no dia 1º de janeiro, aos 76 anos, por complicações de um problema renal crônico. Deixa a mulher, Adeliz Regina Fernandes Rocha, os filhos Marcelo, Márcio e Alexandra, e os netos Rafael, Giovana, Isabella e Luiz.

Para cientistas, ômicron abre espaço para novas variantes

Cepa parece ter menor letalidade, mas potencial de disseminação é alto

Phillippe Watanabe

SÃO PAULO A aparente menor letalidade da variante ômicron e a cobertura relativamente boa da vacinação no Brasil, parece tranquilizar a população neste momento de alta de casos de Covid. A situação, porém, pode ser mais complexa, com chance de surgimento de novas variantes e de aumento de mortes.

Você, neste momento, provavelmente tem inúmeros conhecidos com coronavírus. Os comentários em redes sociais são constantes, muitas vezes acompanhados de observações de que os sintomas são leves, graças às vacinas.

Moradores de Nova York em fila para fazer testes de Covid-19 em meio ao avanço da ômicron Angela Weiss - 4 jan 2022/AFP

Sem dúvida, as vacinas têm cumprido bem o seu papel — pelo menos onde estão disponíveis no mundo — e diminuído a chance de casos graves e mortes. Mas isso não quer dizer que pegar Covid agora seja algo desprovido de preocupação. Longe disso.

A expansão da ômicron é gritante e ela reina sobre as outras variantes por onde passa. Graças à nova cepa, o mundo vem registrando números próximos a 2 milhões de casos por dia, quantidade muito superior às ondas anteriores. E esse incrível potencial de disseminação traz riscos.

De imediato, é possível fazer um paralelo com o início da pandemia, quando se falava que toda a população era susceptível ao Sars-CoV-2 e, portanto, poderia ocorrer uma avalanche de contaminações (que aconteceu) que, logicamente, levaria à sobrecarga dos sistemas de saúde (também aconteceu).

Com o passar das variantes, com pessoas infectadas e recuperadas, e com vacinas, esse temor de escala macro diminuiu, mas a ômicron parece caminhar muito bem mesmo entre populações vacinadas, além de ter capacidade de provocar reinfecções.

Fernando Spilki, professor da Universidade Feevale e coordenador da Rede Corona-ômica, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, destaca que, mesmo que a ômicron cause quadros menos graves, a disseminação é tamanha que pode pressionar o sistema de saúde —como já ocorre em EUA e Reino Unido.

"Tem algumas pessoas falando que talvez fosse o momento para deixar o vírus se espalhar para termos uma imunidade natural", diz Spilki. "Mas isso terá um custo muito alto, com internações e muitos óbitos. E a imunidade não é duradoura, já sabemos."

O diretor da OMS (Organização Mundial da Saúde), Tedros Adhanom, também refutou a classificação da variante como leve. "Embora a ômicron pareça ser menos grave em comparação com a delta, especialmente entre os vacinados, isso não significa que ela deva ser classificada como branda", disse. "Assim como as variantes anteriores, a ômicron está hospitalizando e matando pessoas."

Além da questão imediata, há a preocupação com o impacto da ômicron no curso da pandemia. "Esses milhões de casos que a ômicron está fazendo é um número muito grande de oportunidades de mutar", afirma Spilki.

Segundo o coordenador da Rede Corona-ômica, mesmo recém-descoberta (foi detectada na África do Sul no fim de novembro), ela já tem quatro linhagens. "Evolução a gente não consegue parar."

Ou seja, quanto mais gente se infecta, mais mutações podem acabar selecionadas e novas variantes podem aparecer. Necessariamente essas mutações e variantes serão mais perigosas? Não. Mas os riscos aumentam conforme sobem os casos.

"A ômicron é a solução para a pandemia" foi uma frase que circulou recentemente, relembra Esper Kallás, professor do departamento de moléstias infecciosas e parasitárias da Faculdade de Medicina da USP e colunista da **Folha**.

"É querer acreditar muito na natureza. A gente não sabe o que vai vir", diz o infectologista. Mas, de toda forma, afirma Kallás, a maior parte dos quadros que têm visto de Covid —possivelmente de ômicron— nas últimas semanas em seu consultório têm sido mais leves e não têm evoluído para internação.

"Parece que o vírus mudou", afirma ele, que nota que muitos dos pacientes reclamam de nariz entupido e garganta doendo. De fato, estudos em camundongos, hamsters e tecidos humanos têm demonstrado a preferência da variante pelas vias aéreas superiores, com os pulmões sendo um pouco mais poupados.

Segundo Kallás, ao olhar para os coronavírus além do Sars-CoV-2, eles foram aos poucos imunizando as populações, que passaram a resistir às infecções. Hoje a persistência de coronavírus na população é mantida por crianças que têm síndromes catarrais causadas por esses vírus.

"A ômicron talvez seja uma convergência evolucionária para algo do tipo", afirma. "Mas isso não serve para prever. História é muito boa para contar o passado."

E com o Sars-CoV-2 vemos fenômenos que acreditava-se que não seriam possíveis. As mutações constantes do vírus são um exemplo. O professor da USP, inclusive, relembra de uma coluna sua na **Folha**, de junho de 2020, com o título "O vírus estável". Nela ele apontava que o vírus era muito longo e que toleraria um número limitado de mutações.

A coluna concluía: "O novo coronavírus não sofreu mutações capazes de mudar suas principais características durante o curso desta pandemia. Se isso acontecer, será um fato sem precedentes".

Não era algo esperado ou documentado. "Como a gente estava errado", reflete Kallás, que, ao mesmo tempo, aponta ser fascinante (apesar de trágico) observar a luta adaptativa do vírus, o acúmulo de mutações que resulta em mudanças na doença, o processo de agente versus hospedeiro em um curtíssimo período de tempo.

E agora resta saber para onde vai a pandemia sob o reinado ômicron. Seria essa a variante definitiva? Algo do tipo já se especulava sobre a variante delta, que, segundo Spilki, tinha um número de mutações que lembrava as de outros vírus endêmicos, mais estáveis.

Maurício Lacerda Nogueira, professor da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, diz que o amplo ataque da ômicron no Brasil, somado ao avanço da vacinação em crianças, poderia levar à famosa imunidade de rebanho.

Segundo Nogueira, a ômicron, com o grande número de mutações que tem, pode significar o início de um processo em que a Covid se transforma em um patógeno normal, com infecções sazonais e impactos menores.

"O fato de ter um 'boom' de circulação junto com as taxas de vacinação pode nos ajudar, como nos ajudou, de uma certa forma, com a delta. Ela não teve impacto significativo aqui, porque estávamos vindo de uma intensa circulação da variante gama e vacinação maciça na população adulta." Mas essa pode também ser uma visão Poliana, muito positiva, ele brinca.

O virologista, porém, deixa claro que isso não quer dizer que as pessoas devam se contaminar e que sua visão é somente uma análise da perspectiva macro de saúde pública. "Mas para o Zé ou para Maria que está doente, dane-se o macro, eles estão correndo o risco de morrer", afirma. "Nenhum óbito é aceitável."

Os especialistas reforçam que é necessário parar a circulação do vírus. Para isso, além da vacinação, inclusive de crianças pequenas, as máscaras e os ambientes arejados não podem ser deixados de lado.

"Nunca tivemos o advento de um vírus dessa virulência. A quantidade de pessoas que ele é capaz de matar", afirma Spilki. "É preocupante que não tomemos muitos cuidados agora."

Presidente da Anvisa cobra retratação de Bolsonaro por fala

Ranier Bragon e Marianna Holanda

BRASÍLIA O diretor-presidente da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), Antonio Barra Torres, divulgou uma nota na noite deste sábado (8) em que rebate insinuações do presidente Jair Bolsonaro (PL) em relação a supostos interesses escusos da agência na vacinação de crianças.

Barra Torres cobrou de Bolsonaro a determinação de investigação, caso tenha informações a esse respeito, ou retratação.

"Se o senhor dispõe de informações que levantem o menor indício de corrupção sobre este brasileiro, não perca tempo nem prevarique, senhor presidente. Determine imediata investigação policial sobre a minha pessoa. Aliás, sobre qualquer um que trabalhe hoje na Anvisa, que com orgulho eu tenho o privilégio de integrar", escreveu o diretor-presidente da agência reguladora.

"Agora, se o Senhor não possui tais informações ou indícios, exerça a grandeza que o seu cargo demanda e, pelo Deus que o senhor tanto cita, se retrate", acrescentou Barra Torres, que tem mandato até 2024 e não pode ser demitido pelo presidente da República.

Ele divulgou a nota após se reunir com diretores da agência, na tarde deste sábado.

Na quinta-feira (6), Bolsonaro pediu que pais não se deixem levar pelo que chamou de propaganda e fez insinuações contra a agência reguladora.

"E você vai vacinar teu filho contra algo que o jovem por si só, uma vez pegando o vírus, a possibilidade de ele morrer é quase zero? O que que está por trás disso? Qual o interesse da Anvisa por trás disso aí? Qual interesse daquelas pessoas taradas por vacina? É pela sua vida? É pela saúde? Se fosse, estariam preocupados com outras doenças no Brasil e não estão", disse o chefe do Executivo.

Os técnicos da pasta vêm recebendo ameaças, investigadas atualmente pela Polícia Federal, desde que aprovaram o uso da Pfizer para crianças de 5 a 11 anos em dezembro do ano passado. O presidente já chegou a dizer que divulgaria o nome desses técnicos, o que, até o momento, não ocorreu.

Ainda na quinta-feira, Bolsonaro também disse desconhecer criança que tenha morrido por Covid-19, o que contraria dados do próprio governo.

"A própria Anvisa, que aprovou também, diz lá que a criança pode sentir, logo depois da vacina, falta de ar e palpitações. Eu pergunto: você tem conhecimento de uma criança de 5 a 11 anos que tenha morrido de Covid? Eu não tenho", disse o presidente em entrevista à Rádio Nordeste, de Pernambuco.

Especialistas apontam que a vacinação para crianças contra a Covid-19 é eficaz e segura, e que seus benefícios superam eventuais riscos.

De acordo com dados do Sistema de Vigilância Epidemiológica da Gripe (SIVEP-Gripe), desde o começo da pandemia de coronavírus até o dia 6 de dezembro, foram registradas 301 mortes de crianças entre 5 e 11 anos por Covid-19 no país.

Aliado próximo e amigo de Bolsonaro até algum tempo atrás, Barra Torres tem buscado se distanciar das posições negacionistas defendidas pelo chefe do Executivo e pessoas de seu círculo próximo.

Em seu depoimento à CPI da Covid, por exemplo, o presidente da Anvisa criticou falas e ações do presidente e pediu para que ninguém siga suas orientações.

Barra Torres também confirmou a tentativa de alterar, por meio de um decreto presidencial, a bula da hidroxicloroquina, medicamento sem eficácia contra a Covid, com objetivo de ampliar o seu uso para que pudesse ser usada no tratamento da doença.

Em entrevista à **Folha** no final do mês passado, o contra-almirante e chefe da agência elevou o tom das críticas a Bolsonaro, afirmando que a campanha do mandatário para minar a imunização das crianças estimula grupos antivacina e ameaças à vida de funcionários da agência reguladora.

Na nota deste sábado, Barra Torres disse ainda jamais ter levantado falso testemunho.

"Vou morrer sem conhecer riqueza, Senhor Presidente. Mas vou morrer digno. Nunca me apropriei do que não fosse meu e nem pretendo fazer isso, à frente da Anvisa. Prezo muito os valores morais que meus pais praticaram e que pelo exemplo deles eu pude somar ao meu caráter."

Bolsonaro fez as insinuações contra a Anvisa um dia depois de o Ministério da Saúde anunciar a vacinação para crianças de 5 a 11 anos. A **Folha** procurou o Palácio do Planalto na noite deste sábado, mas não recebeu resposta até a publicação deste texto..

Ribeirinhos chegando na Vila Progresso do arquipélago do Bailique, na foz do rio Amazonas Adriano Vizoni/Folhapress

Avanço do mar no AP deixa açaí salgado e ribeirinhos sem água

Crise climática ameaça projeto pioneiro de extrativismo na foz do Amazonas

Fabiano Maisonnave e Adriano Vizoni

ARQUIPÉLAGO DO BAILIQUE (AP) Localizado na foz do Amazonas, o arquipélago do Bailique (Amapá) tem nos imponentes açaizais nativos a sua principal fonte de renda. Mas a elevação do nível do oceano Atlântico sobre o rio mais volumoso do mundo está salgando o fruto roxo e ameaça a própria permanência dos cerca de 14 mil moradores.

A investida do mar sobre o rio sempre ocorreu na região, onde ganhou o nome local de maré lançante ou lanço. O problema é que vem ocorrendo com força crescente e por mais tempo. Neste ano, pela primeira vez, todas as 58 comunidades, espalhadas por oito ilhas, foram atingidas, levando a prefeitura de Macapá a decretar situação de emergência.

"Sempre houve isso, mas não adentrava no arquipélago, ficava só nas comunidades da costa. No ano passado, pegou um terço do Bailique. Neste ano, pegou o arquipélago todo", afirma o presidente da cooperativa de produtores de açaí Amazonbai, Amiraldo de Lima Picanço, 35.

Segundo moradores, o Amazonas começou a ficar salgado a partir de agosto. Em 14 de outubro, o prefeito de Macapá, Dr. Furlan (Cidadania), decretou situação de emergência no distrito para agilizar a distribuição de água e de cestas básicas, levadas de barco da cidade, a cerca de 180 km, uma viagem de 12h.

O impacto também avança sobre os açaizais. Segundo Picanço, que é engenheiro florestal, frutos colhidos mais próximos da costa salgaram há mais de dez anos, e o fenômeno está se intensificando. Um dos 132 produtores da Amazonbai já registrou o problema em parte do seu açaí.

"A água do mar está invadindo, e o açaí vai sofrer alterações. A gente sabe que o açaí consome muita água. Tem lugares, para a banda do norte onde o açaí é totalmente salgado", afirma o produtor cooperado Pedro Barbosa, 42.

A ameaça ocorre em um momento em que a Amazonbai atravessa uma fase de consolidação e expansão. Após anos de exploração predatória do palmito do açaí, os produtores se organizaram e passaram para a extração do fruto por meio do manejo de mínimo impacto. A floresta continua de pé e a intervenção principal é a limpeza da área, por meio de poda.

A cooperativa foi a primeira organização do país a ter a certificação FSC (Conselho de Manejo Florestal, na sigla em inglês) de serviços ecossistêmicos para conservação dos estoques de carbono florestal e da diversidade de espécies.

Ao todo, são 2.972 hectares de açaizais certificados pela entidade, incluindo o selo de cadeia de custódia.

Em outra conquista dos cooperados, a Amazonbai abriu, em 10 de dezembro, uma agroindústria em Macapá para beneficiar parte da produção e que também serve de entreposto, tirando o poder de barganha dos atravessadores.

A despeito das boas práticas e do bom momento econômico do açaí, os moradores sofrem com a estrutura precária. As casas dependem de energia de geradores movidos a gasolina, com seu preço cada vez mais proibitivo. Não há sistema de esgoto adequado. O hospital mais próximo fica em Macapá.

Com relação à crise hídrica, os ribeirinhos reclamam que, em todos estes meses, cada família recebeu apenas uma remessa de 15 pacotes de água mineral (135 litros). Eles dizem que a água trazida em tanques de barcos e distribuída pelo governo estadual, liderado por Waldez Góes (PDT) é ferrosa e de má qualidade.

O banho costuma ser com a água salobra, o que deixa o corpo pegajoso e com cheiro semelhante ao de peixe marinho. Para mitigar a escassez, muitos captam a água da chuva ou vão de canoa até igarapés não contaminados.

Médico do posto de saúde local, o cubano Pedro Sarduy diz que o consumo de água imprópria tem provocado vômito, diarreia e problemas de pele. Ele conta que muitos moradores não têm dinheiro para comprar galões de água, com 20 litros, por R$ 25. "Eu recomendo que fervam a água, mas as pessoas não fazem porque o gás está caro", diz.

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), cada pessoa precisa usar de 50 a 100 litros de água por dia.

O subsecretário de gestão e planejamento da Mobilização e Participação Popular, Emanuel Bentes, disse que o cálculo da água mineral era só para a hidratação. Sobre a água enviada pelo governo estadual, ele reconheceu que tem gosto ferroso, mas assegurou que é própria para consumo.

Bentes afirma que a construção e manutenção de dutos na região é dificultada pelo fenômeno conhecido como terras caídas, bastante comum nos grandes rios amazônicos, em que barrancos desmoronam por influência da correnteza.

Para piorar, um estudo técnico encomendado pela prefeitura concluiu que a dessalinização é inviável em Bailique, devido à alta turbidez do barrento rio Amazonas. Segundo Bentes, a solução será aprimorar a captação da água da chuva nas comunidades.

O oceanólogo Wilson Cabral, do ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica) avalia que a foz do Amazonas é uma das regiões mais vulneráveis às mudanças climáticas do país, por estar na área de influência tanto do oceano quanto no continente. Além disso, são terras baixas.

"O alcance da intrusão salina na foz do rio Amazonas vai aumentando à medida que eleva o nível do mar. Isso vai gerando efeitos ao longo de quilômetros e quilômetros adentro", afirma Cabral, que participa de um estudo sobre o impacto das mudanças climáticas na vizinha ilha do Marajó.

Esses efeitos não se restringem à superfície e incluem a penetração da água salina no lençol freático.

"Isso vai impactar todos os processos que dependem disso, desde a captação de água, via cacimbas e poços, até culturas, como a do açaí", afirma.

Segundo o oceanólogo, outro impacto negativo na região são as hidrelétricas nos rios amazônicos, que barram a chegada de sedimentos. "Essa descarga sólida é responsável por ir formando terras na foz. Se há uma redução desse aporte de sedimentos, aumenta a erosão costeira."

"Estamos buscando soluções para não ir embora do nosso território", diz Picanço.

Para a liderança, a certificação por serviços ecossistêmicos demonstra que os cooperados estão alinhados com as diretrizes previstas pela COP26, a conferência de clima da ONU. "Podemos ser modelo para outras regiões. Vamos ajudar o Rio de Janeiro, Miami. Estamos fazendo o nosso papel."

Os repórteres Fabiano Maisonnave e Adriano Vizoni viajaram a Bailique a convite do Imaflora (Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola)

14 mil
moradores em Bailique

20%
da água doce do planeta passa pela foz do Amazonas

200 mil m³/s
Vazão média do rio

O que diz o relatório 2021 do IPCC (painel de mudança do clima da ONU)
É extremamente provável que o aumento relativo do nível do mar continue nos oceanos ao redor da América Central e do Sul, contribuindo para o aumento das inundações costeiras em áreas baixas e o recuo da costa ao longo da maioria das costas arenosas

Mais sapiente do que 'Sapiens'

Livro mostra como povos antigos tentavam combater desigualdade

Reinaldo José Lopes

Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Poucos livros me deleitam mais do que aqueles que buscam retratar a totalidade da aventura humana em grandes pinceladas, tentando enxergar os padrões por trás da mera sequência de um fato após o outro que às vezes parece caracterizar nossa história. O exemplo mais conhecido desse gênero nos últimos tempos é "Sapiens", do historiador israelense Yuval Noah Harari (agora até em quadrinhos).

Essa e outras obras com escopo semelhante merecem ser conhecidas, sem dúvida, mas elas têm o defeito de pintar um quadro bastante unilateral da trajetória das civilizações. Se você procura um contrapeso para esse problema, vale a pena ler "The Dawn of Everything" ("A Aurora de Tudo"), escrito pelo antropólogo David Graeber e pelo arqueólogo David Wengrow.

Usei o adjetivo "unilateral", mas preciso acrescentar outro com o mesmo prefixo, que ajuda a tipificar os problemas de obras como "Sapiens". A narrativa desse gênero de best-sellers tende a ser unidirecional demais quando aborda a evolução das sociedades humanas. Tais livros costumam enfatizar como o surgimento da chamada produção de alimentos (agricultura e criação de animais, para usar termos que todo mundo vai reconhecer) colocou em movimento engrenagens que produziriam populações densas, fortes desigualdades sociais, Estados com governantes despóticos e exércitos permanentes, inovação tecnológica crescente.

Nada parecido com isso teria existido durante os 99,9% da história da nossa espécie que precedem a chamada Revolução Agrícola, há apenas 10 mil anos (enquanto o **Homo sapiens** *teria surgido entre 300 mil anos e 200 mil anos atrás). Antes que o plantio e a criação de bichos domésticos ganhassem força, todos os nossos ancestrais se contentavam com a vida em pequenos grupos igualitários de dezenas de membros, caçando e coletando alimentos. A Revolução Agrícola destruiu o nosso igualitarismo original, mas esse era o único jeito de criar sociedades de grande escala, complexas e vibrantes como as nossas. O abismo entre bilionários e indigentes é o preço a se pagar pela existência de Shakespeare e da internet, em suma.*

"The Dawn of Everything" pode ser lido como um imenso "só que não" contraposto à tese acima. Um dos aspectos mais divertidos do livro é desfazer a aura de inevitabilidade em torno das consequências da Revolução Agrícola (aproveitando para tirar certo sarro das simplificações excessivas de Harari e companhia).

Segundo o livro, os dados arqueológicos mais recentes indicam que a produção de alimentos, embora tenha criado comunidades populosas após alguns milhares de anos, não parece ter sido um gerador automático de desigualdade social e guerra.

As primeiras cidades do Oriente Próximo e na Europa Oriental, como a impronunciável Çatalhöyük, na Turquia, tinham estrutura igualitária, sem templos ou palácios. Mesmo as grandes monarquias da Mesopotâmia, que dariam origem a impérios como a Assíria, tinham de dar voz a um sistema mais antigo de assembleias municipais "populares". E, do lado de cá do Atlântico, cidades pré-colombianas também parecem ter sido capazes de criar sistemas "republicanos" que nada deviam às cidades-Estado da Grécia Antiga.

Para a dupla de autores, esses exemplos mostram que a capacidade de pensar em soluções políticas para a desigualdade sempre esteve presente nas sociedades pré-modernas, e isso em todos os cantos do mundo. O debate suscitado pelo livro está longe de terminar, mas trata-se, no mínimo, de um pensamento encorajador.

| DOM. Reinaldo José Lopes, Marcelo Leite | **QUA. Atila Iamarino**, Esper Kallás

ESPORTE AO VIVO

13h Camarões x Burkina Faso
Copa Africana, BAND

14h Nott. Forest x Arsenal
Copa da Inglaterra, ESPN BRASIL

18h30 Ferroviária x Santos
Copa São Paulo, SPORTV

Brasileira sonha alto com Jogos de Inverno em Pequim

Nicole Silveira almeja ficar entre as dez melhores colocadas no skeleton

Daniel E. de Castro

Nicole Silveira divide as competições com o trabalho de enfermeira no Canadá CBDG/Divulgação

SÃO PAULO Nicole Silveira já praticou dança, ginástica artística, vôlei, futebol, fisiculturismo e levantamento de peso. Alguns desses esportes ajudaram, mas nenhum a preparou para descer pistas de gelo sinuosas, deitada de barriga para baixo e com a cabeça apontada para a frente sobre um trenó que pode atingir mais de 140 km/h.

Com uma breve trajetória de menos de quatro anos no skeleton, a brasileira de 27 anos já se credenciou a fazer história nas próximas Olimpíadas de Inverno e pode ser o principal nome do Brasil no evento.

Sua classificação para os Jogos de Pequim, que terão início em 4 de fevereiro, será confirmada após o fechamento do ranking da federação internacional (IBSF). Nicole possui pontuação para ficar com uma das 25 vagas e tem usado as etapas da Copa do Mundo como preparação para ser a primeira representante do país na modalidade.

A gaúcha de Rio Grande vive no Canadá desde os sete anos. Os pais, donos de uma padaria, decidiram emigrar porque estavam cansados da insegurança na administração do negócio, mas a família não perdeu o contato com as raízes.

O futebol foi o esporte que Nicole praticou por mais tempo, cerca de dez anos, e a modalidade lhe proporcionou bolsas para cursar a faculdade de enfermagem. Em 2017, ela soube por um colega que a Confederação Brasileira de Desportos no Gelo (CBDG) procurava mais uma atleta para tentar classificar a dupla feminina de bobsled nos Jogos de Pyeongchang-2018.

Nicole relutou, mas decidiu experimentar. Na época, participava de eventos de fisiculturismo e trabalhava em loja de suplementos alimentares.

O objetivo do bobsled e do skeleton é o mesmo: percorrer uma pista de gelo com curvas fechadas e velozes no menor tempo possível. As diferenças estão na dinâmica das modalidades e nos equipamentos utilizados em cada uma.

O bobsled costuma ser disputado em duplas ou quartetos, com trenó ("sled") de grande porte. O skeleton é individual, e o trenó lembra um carrinho de rolimã com lâminas, sobre o qual o atleta se lança de bruços.

Os primeiros meses de treinamento da brasileira envolviam apenas a parte física e o "push", movimento de largada em que os competidores correm empurrando o trenó. Ela teve que confirmar sua participação na temporada antes mesmo da primeira descida para valer como "breakwoman", a responsável por acionar o freio do equipamento.

"Não sabia se ficava de olho aberto ou fechado, só dava para ver branco passando. Fechei os olhos durante a descida inteira. Na parte baixa tem que frear, virar o trenó e puxar para fora da pista. Lembro que abri o olho e estava tontinha, não conseguia [manobrar]", relembra, sobre a experiência inicial em Calgary, onde vive no Canadá, sede dos Jogos de Inverno em 1988.

Nicole tomou gosto pelo esporte, mas a classificação para Pyeongchang não veio. Com Pequim na mira, ela queria ter mais controle das descidas e via dois caminhos para isso: assumir a posição de piloto no bobsled ou mudar para o skeleton.

Os bons resultados apareceram rapidamente. Conhecer os traçados de pistas espalhadas pelo mundo é fundamental no skeleton, bem como a sensibilidade e a destreza para fazer ajustes em frações de segundo. "A gente entra em curvas com tanta pressão que muitas vezes a cabeça fica no gelo e você não enxerga nada mesmo", relata.

O mais importante, assegura, é não entrar em pânico quando algo dá errado. "Descer uma pista com medo é a pior coisa. Tento não pensar nisso e hoje já tenho bastante confiança no meu instinto. Já tive lesões numa época em que não tinha tanto conhecimento, mas hoje tenho mais confiança em mim mesma."

A atleta destaca a parceria com o técnico italiano Joe Cecchini e a obstinação de ambos como diferencial. Enquanto países mais tradicionais no esporte trabalham com equipes e estruturas maiores, a dupla vive uma rotina quase solitária de aprimoramento.

A evolução ficou nítida na atual temporada. Em outubro, Nicole terminou o evento-teste para os Jogos de Pequim no 8º lugar. Na sequência, foi campeã da Copa América após vencer 6 etapas e teve como melhor resultado na Copa do Mundo um 9º lugar em Winterberg, na Alemanha.

A brasileira voltou a competir no mesmo local na sexta (7) e ficou em 19º. Seu último compromisso antes do embarque para Pequim será no dia 14, em St. Moritz, na Suíça.

"Quando comecei a participar da Copa do Mundo, não sentia que pertencia a esse nível. Hoje é muito diferente. Tem gente que me pergunta qual material estou usando, o que estou fazendo numa determinada curva. É legal ter esse sentimento de ser reconhecida", afirma.

A mesma percepção de surpresa pôde ser notada nas transmissões oficiais das provas. "Fica todo o mundo na torcida, porque está de saco cheio de ter sempre Alemanha e Rússia no pódio", ela brinca.

A meta para Pequim-2022 é figurar no top 10, resultado que seria histórico para o Brasil. O melhor desempenho do país nos Jogos de Inverno foi o 9º lugar de Isabel Clark no snowboard, em 2006.

"Vai ser difícil conseguir, principalmente porque, chegando em Olimpíadas, os times maiores têm um suporte que eu não tenho. Sempre chegam com o top do top de equipamento", constata.

Apesar das dificuldades, para os Jogos de 2026, em Milão-Cortina, o objetivo é ainda mais ousado: ir ao pódio.

Ao longo do ano, Nicole divide suas atenções entre o skeleton (principalmente no inverno) e o trabalho de enfermeira (no verão), inclusive com atuação direta em hospitais durante períodos críticos da pandemia da Covid-19.

Uma vida dupla que ela não pretende mudar totalmente, embora vislumbre um patrocínio que ajudaria a se dedicar ainda mais ao esporte.

"Nunca vou deixar de ser enfermeira. A ideia de viver só como atleta é muito legal, mas trabalhar pelo menos um ou dois dias na semana [com enfermagem] é algo que eu sempre gostaria de fazer. O ideal seria trabalhar menos e não ter um trabalho por necessidade, mas por querer ter."

Fundação celebra primeiro negro a jogar futebol profissional

Alex Sabino

SÃO PAULO Por seu trabalho para alimentar crianças em idade escolar durante a pandemia da Covid-19, Marcus Rashford foi condecorado pela rainha Elizabeth no ano passado. O atacante recebeu a medalha de Membro da Ordem do Império Britânico.

"Se vivesse hoje em dia, o mesmo aconteceria com Arthur Wharton. Ele esteve à frente do seu tempo em muitas coisas", afirma o ex-lateral Viv Anderson, bicampeão europeu com o Nottingham Forest, em 1979 e 1980.

Anderson é patrono da Fundação Arthur Wharton, criada para preservar e divulgar a memória do 1º jogador negro da história do futebol profissional. Pelo menos que pode ser comprovado.

Mas isso seria resumir seus feitos. Ele também jogou críquete e rúgbi. Teria corrido, segundo a imprensa do Reino Unido no final do século XIX, os 100 metros rasos em menos de 11 segundos. A marca não é reconhecida.

A fundação foi criada pelo empresário Shaun Campbell. Um dos objetivos era também comissionar uma estátua em homenagem ao goleiro em local a ser determinado. Ela já existe hoje e está em St. George's Park, o centro de treinamento da seleção inglesa.

"Há alguns anos, Usain Bolt se tornou jogador de futebol por pouco tempo. Então, há apenas duas pessoas na história que foram os homens mais rápidos do planeta e jogaram futebol: Usain e Arthur Wharton", lembra Campbell.

Entre 2018 e 2019, Bolt atuou como atacante do Central Coast Mariners (AUS) e do Stromsgodset (NOR). No total, fez quatro partidas. Em campo, a carreira do seu antecessor foi bem mais relevante.

Arthur Wharton nasceu em Gana, em 1865. Aos 17 anos, mudou-se para Darlington, na Inglaterra. Como goleiro, ganhou fama de excêntrico. Ficava agachado ao lado da trave enquanto a bola não se aproximava. Em 1889, pelo Rotherham Town, passou a atuar como profissional.

Quando isso aconteceu, distribuía parte do salário para famílias pobres da região.

Wharton jogou pelo Preston North End em 1887 e chegou à semifinal da Copa da Inglaterra, o torneio de times mais antigo do planeta. No ano seguinte, decidiu dar uma pausa na carreira de futebolista e se concentrar no atletismo.

Perdeu a chance de fazer parte do Preston que conquistou a liga nacional e copa na mesma temporada, a de 1889.

Em vez disso, obteve outro feito. Em Stamford Bridge, estádio do Chelsea, teria corrido os 100 metros em menos de 11 segundos (jornais publicaram em 10 segundos cravados). O registro não é reconhecido pela World Athletics. Para a entidade, o 1º recorde é do americano Donald Lippincott, que marcou 10s60 em 1912.

Por iniciativa da fundação, um mural foi pintado em homenagem a ele em Darlington. Quando a Inglaterra foi derrotada nos pênaltis pela Itália na final da Eurocopa de 2021, a imagem foi vandalizada com mensagens racistas.

A seleção havia perdido depois de três cobranças desperdiçadas por jogadores negros: Rashford, Sancho e Saka.

"O trabalho da fundação é lutar contra o racismo. A história de Arthur inspira isso", diz Anderson, primeiro negro a atuar pela seleção inglesa.

Juca Kfouri
O colunista está em férias

O talento começa na infância

Garotos deveriam ser mais bem orientados para conviver com a frustração

Tostão
Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Janeiro é o mês da Copinha, mês de os garotos sonharem com o sucesso no futebol. Tudo é incerto. Alguns, mais promissores e habilidosos, ficarão pelo caminho, enquanto outros, com menos talento, serão mais vitoriosos.

Nos anos 1960, não havia Copinha. Joguei, por Minas Gerais, o torneio brasileiro de seleções de base, em Volta Redonda, entre garotos de 15 a 20 anos. Como tinha 14, tive de ter uma autorização de meus pais e do Juizado de Menores para participar.

Aos 16 anos, já era titular do Cruzeiro. Treinava de dia e estudava de noite. Com 18 anos, tive de fazer uma difícil escolha, entre ser um atleta profissional e estudar. Optei pelo futebol, pois já atuava pela seleção brasileira.

Aos 26 anos, parei de jogar, por causa de um descolamento da retina, e realizei um sonho de adolescente, de ser um profissional universitário. Na época de garoto, pensava que o futebol era apenas uma diversão.

Os garotos deveriam ser mais bem orientados pelos clubes, para conviver melhor com a frustração e com o sucesso e para aprender outra atividade, ainda mais que o tempo de atleta pode ser muito curto. Como dizia o grande craque Dirceu Lopes, ninguém está preparado para a fama.

No passado, a formação dos atletas começava nas peladas de rua, nos campos de terra, com a bola de pano, depois, com a de borracha e, por fim, a glória, com a de couro. Era uma brincadeira, sem regras e sem professores.

Alguns acham que esse período favorecia a formação de atletas com mais habilidade e criatividade. Na adolescência, os jovens iam para as categorias de base dos clubes, onde aprendiam posicionamento e jogo coletivo.

Hoje, é diferente. Muitos meninos vão cedo para as escolinhas, com bons gramados e professores, e aprendem as regras e o comportamento em campo. Chegam mais prontos às categorias de base dos clubes. Por outro lado, existe uma crítica, discutível, de que os meninos atuais aprendem a técnica muito cedo, sem o adequado desenvolvimento psicomotor, o que prejudicaria a formação de craques.

É óbvio que a tecnologia é essencial na formação das crianças e no desenvolvimento do futebol, mas não deveríamos endeusar a ciência acadêmica como explicação para tudo o que acontece no jogo. No mesmo raciocínio, temos de cobrar melhoria na estrutura do futebol brasileiro, porém isso não diminui os conceitos e as condutas ultrapassadas de muitos treinadores, desde as categorias de base.

Assim como dirigentes e treinadores, nós, analistas, temos de evoluir, depender menos da audiência e das redes sociais.

Não basta ter conhecimento científico sobre a preparação de jogadores, desde as categorias de base. É preciso saber ensinar.

No esporte e em todas as atividades, principalmente as ligadas à arte e à inventividade, os grandes talentos começam a impressionar na infância. No futebol, os maiores craques repetem, nas principais equipes e nos estádios do mundo, o que faziam quando eram crianças, nas brincadeiras e nas peladas de rua.

Insensibilidade

Não houve acordo. A empresa administradora do Cruzeiro diz uma coisa, e Fábio fala outra. Se o goleiro continua jogando bem e é importante para o time, não entendo por que querem um contrato apenas até o final do Estadual. Fábio queria ficar até o fim do ano, para ajudar o Cruzeiro a voltar à primeira divisão. A conduta da nova empresa é uma mistura de ineficiência e insensibilidade, diante do maior ídolo do clube.

| DOM. Juca Kfouri, Tostão | SEG. Juca Kfouri, **Paulo Vinicius Coelho** | TER. Renata Mendonça | QUA. Tostão | QUI. Juca Kfouri | SEX. Paulo Vinicius Coelho, Sandro Macedo | SÁB. Marina Izidro

NOSSO ESTRANHO AMOR | *Milly Lacombe*

folha.com/nossoestranhoamor

A arte do desencontro

Eles se conheceram em uma viagem de trabalho. Eram médicos recém-formados e estavam em seu primeiro congresso fora do Brasil. Tinham 30 e poucos anos quando, em meio a uma centena de profissionais muito mais velhos, cruzaram olhares numa sala do centro de convenções do hotel em que estavam hospedados. Ela andou até onde ele estava e sentou ao lado sem dizer nada. Foi assim durante os dois dias de trabalho até que, ao final da última apresentação, ela estendeu a mão e se apresentou. Ele a convidou para jantar e decidiram ir direto dali porque os dois voltariam ao Brasil no dia seguinte: ela para Fortaleza, via Rio de Janeiro; ele para Porto Alegre, via São Paulo. Conversaram e descobriram as coisas que tinham em comum. Ela o fez rir a ponto de ele engasgar, ele a fez chorar explicando por que escolheu fazer medicina: perdeu a mãe aos 5 anos para um câncer invasivo e, desde então, a qualquer um que falasse com ele, dizia: "vou ser médico para que ninguém mais fique sem mãe". Voltaram para o hotel e ele foi para o quarto dela. Fizeram amor durante toda a noite intercalando sexo com conversa. Ela disse a ele coisas que nunca tinha contado a outra pessoa, ele revelou a ela medos que ele mesmo evitava acessar. Quando o dia estava amanhecendo e eles entenderam que se separariam, ela contou que era casada havia dois anos com uma pessoa que amava. Ele disse que era casado havia cinco anos, tinha dois filhos e que também amava a mulher. Ficaram em silêncio por algum tempo e então ela teve uma ideia: a gente se encontra no bar desse mesmo hotel daqui a 30 anos. Marcaram o dia e a hora: 12 de julho de 2019 às 18h. Não trocaram telefone nem sobrenomes.

No dia e na hora marcada ele chegou cedo ao bar. Às seis da tarde viu uma mulher de uns 60 anos entrando e indo em direção a ele. Seria ela? Tão diferente. A mulher parou ao lado dele e perguntou se ele era o Mauricio. Ele fez que sim, sem a reconhecer. Ela disse que se chamava Estela, ele entendeu que não era ela e estranhou quando a mulher se sentou. "Estou esperando uma pessoa", ele disse tentando ser educado. "A pessoa sou eu". "Mas você não é a Renata". Eu sou a mulher da Renata, ela disse.

Ele ficou atordoado e ela, depois de um tempo, falou: "Renata e eu fomos casadas por 31 anos. Ela me contou sobre você quando voltou para casa. Muitos anos depois, quando a doença progrediu, ela me pediu que eu viesse ao seu encontro se ela morresse". Estela tirou da bolsa um envelope e entregou a ele. Do que ela morreu, ele quis saber absorvido por aquele envelope. De câncer, ela respondeu. Eu sinto muito, ele disse. Eu também, ela falou. "Sinto muito pelo que fizemos", ele disse em um tom mais baixo. Estela ficou em silêncio e viu que lágrimas desciam pelo rosto dele. Em cima da mesa, a mão trêmula de Mauricio segurava o envelope. Estela colocou sua mão sobre a dele e disse: "Eu te odiei por muito tempo. Mas a vida seguiu e Renata e eu nos reencontramos. Ela nunca me contou detalhes do que houve, mas também nunca escondeu a importância daquela noite. Um tipo de sinceridade que primeiro me fez odiá-la e depois me fez admirá-la. Espero que essa carta te traga algum conforto. Não sei o que está escrito, mas ela me fez um último pedido: que quando te entregasse a carta deixasse claro que, naquela noite, ela te amou por toda uma vida". Estela tirou a mão de cima da dele, levantou, tocou levemente em seu ombro e saiu. Não olhou para trás e por isso não viu Mauricio chorando como uma criança de cinco anos.

Ueslei Marcelino - 6.jan.2022/Reuters

IMAGEM DA SEMANA

Maranhão se junta à Bahia na lista de estados fortemente atingidos pelas chuvas. Cidades como Imperatriz estão com ruas inteiras alagadas por conta da cheia nos principais rios da região. Alguns municípios declararam estado de emergência

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Planta que possui propriedades medicinais e afrodisíacas **2.** Partícula que era considerada indivisível / Fator de Proteção Solar **3.** Linha sem curvas / A fábrica do Cronos e do Argo **4.** Para aquele, para aquilo / Expulsar do país **5.** Decorrer no tempo / Totalmente cheio **6.** Que é digno de zombaria **7.** Compositor e músico carioca (1888-1930) considerado o primeiro grande sambista / A cantora Sandra de **8.** Que não é nova / Abril reduzido **9.** Uma extremidade do cavalo / (Ingl.) Azul **10.** Assembleia Geral Ordinária / Índio selvagem, bravio **11.** (Abrev.) Ponto do horizonte entre o Norte e o Leste / Um tipo de excursão que atrai caçadores para a África **12.** Um carro clássico dos anos 50 / Sufixo: agente, autor **13.** Fértil, de alta capacidade produtiva.

VERTICAIS

1. Limpar o mato (uma roça) / Um combustível de reatores nucleares **2.** A última fase do voo do avião **3.** No futebol, chute fraco e curto / Satanás, demônio / (Quím.) O plutônio **4.** A décima terceira hora / Formoso, bonito / Antecede Dom **5.** Antônio Olinto (1919-2009), membro da ABL / Um jogo com bolas de madeira / A arte de Isadora Duncan e Ana Botafogo **6.** Vaidoso e oco / (Gír.) Protestar com veemência, enfurecer-se **7.** Em última análise / Uma planta marinha **8.** (Pop.) Dicionário **9.** Corpo celeste luminoso isolado (estrela, planeta ou planetoide somente) / Um terreno como uma duna.

HORIZONTAIS: 1. Catuaba, **2.** Átomo, FPS, **3.** Reta, Fiat, **4.** Pro, Banir, **5.** Ir, Lotado, **6.** Ridículo, **7.** Sinhô, Sá, **8.** Usada, Abr, **9.** Rabo, Blue, **10.** Ago, Bugre, **11.** NE, Safári, **12.** Impala, Or, **13.** Uberoso. **VERTICAIS: 1.** Carpir, Urânio, **2.** Aterrissagem, **3.** Totó, Diabo, Pu, **4.** Uma, Lindo, Sab, **5.** Ao, Bocha, Balé, **6.** Fátuo, Bufar, **7.** Afinal, Alga, **8.** Pai-dos-burros, **9.** Astro, Areeiro.

SUDOKU

texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

					2	1		7
7				4			6	
			1			4	2	8
6				8	3			
2	7						8	4
			4	7				5
8	5	7			4			
	6			9				2
9		2	7					

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

FRASES DA SEMANA

EM NOME DO PAI, DO PET E DO ESPÍRITO SANTO
Papa Francisco
Na primeira audiência geral do ano, no Vaticano, nesta quarta (5), o pontífice criticou quem não quer ter filhos

"Hoje vemos uma forma de egoísmo. Alguns não querem ter filhos. Às vezes têm um e param por aí, mas têm cães e gatos que ocupam esse lugar [...] A negação da paternidade e da maternidade nos diminui, tira nossa humanidade, a civilização envelhece"

LIVRE PARA VOAR
Rafael Nadal
Tenista disse nesta quinta-feira (6) lamentar o fato de que o rival Novak Djokovic tenha sido impedido de entrar na Austrália, mas responsabilizou o sérvio pela decisão de não se vacinar contra a Covid-19

"De certa forma, sinto por ele. Mas, ao mesmo tempo, ele conhecia as condições havia muitos meses e tomou a sua própria decisão. Todo o mundo é livre para tomar suas decisões, mas existem consequências"

AOS INIMIGOS, A LEI
Emmanuel Macron
O presidente da França causou furor entre opositores ao defender, em entrevista publicada na terça (4) no jornal Le Parisien, a imposição de restrições a pessoas não vacinadas contra a Covid-19. Ele usou o verbo "emmerder" em francês, um registro coloquial da língua que também pode ser considerado, a depender do contexto, um palavrão

"Eu não quero irritar os franceses. Reclamo o dia todo quando o governo os atrapalha. Mas os não vacinados, esses eu tenho muita vontade de irritar"

EGO FERIDO
Joe Biden
O presidente dos EUA atacou o antecessor, Donald Trump, em discurso nesta quinta-feira (6) no aniversário de um ano da invasão do Congresso por apoiadores do republicano

"O ex-presidente criou e espalhou uma rede de mentiras sobre a eleição de 2020. E fez isso porque vê seus interesses como mais importantes do que os interesses da América. Seu ego ferido importa mais para ele do que nossa democracia e Constituição. Ele não consegue aceitar que perdeu"

50 TONS DE BRANCO
Gina Abercrombie-Winstanley
Chefe de Diversidade e Inclusão do Departamento de Estado americano, cargo recém-criado do governo Joe Biden, visita o Brasil em giro internacional

"Não sendo os EUA perfeitos, não há uma nação para a qual possamos pregar e dizer 'você deveria fazer assim ou assado' [...] Certamente notei que a maioria das pessoas que vi era branca. Com certeza mais claras do que eu. E sabendo que a população é próxima do 50%-50% [negros e brancos], eu me perguntei: 'Ok, cadê todo o resto?'"

CARNE FRACA
Gilberto Cattani (PSL-PR)
Deputado estadual se juntou a protestos pecuaristas na segunda (3) após banco Bradesco veicular publicidade que sugeria a redução do consumo de carne

"Não é exagero da parte deles, é má-fé. Eles fazem de propósito para quebrar o agronegócio. A mesma propaganda feita pelo Banco do Brasil mostra a diferença entre um banco consciente e outro que faz difamação do agronegócio"

ACERVO FOLHA | Há 50 anos 9.jan.1971

Portuguesa ganha um novo estádio de futebol em SP

O novo estádio da Associação Portuguesa de Desportos, no Canindé, será inaugurado neste domingo (9), às 16h, com o jogo internacional entre a equipe local e o Benfica, que lidera o Campeonato Português de futebol.

O estádio comporta 26 mil pessoas, mas segunda etapa das obras deve ampliar a capacidade.

A partida de domingo é a primeira de uma série de três duelos internacionais.

O atacante Eusébio, o principal jogador de Portugal e um dos mais famosos da Europa, está com presença ameaçada. Ele veio contundido e sua escalação depende da revisão médica a ser realizada.

FOLHA DE S. PAULO

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

FOLHA DE S.PAULO ★★★
DOMINGO, 9 DE JANEIRO DE 2022

ilustrada ilustríssima

O dia em que o príncipe ficou

INDEPENDÊNCIA, 200 **Há 200 anos, dom Pedro contrariou Portugal e decidiu permanecer no Brasil, episódio que tem sido reexaminado por historiadores** C4

Ilustração *Daniel Lannes*

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br

Gabriel Leone
Cultura de Bolsonaro é conduzida por ressentidos

[RESUMO] Aos 28 anos, ator se prepara para estrear filme 'Eduardo e Mônica', inspirado em música da Legião Urbana, comenta sobre próximos projetos e critica o governo federal: 'A arte no Brasil está ferida por conta da forma como vem sendo tratada. Mas eles vão passar e a gente vai permanecer aqui'

Por *Victoria Azevedo*

O ator Gabriel Leone, 28, diz que a música sempre esteve presente em sua vida —começando pelo seu próprio nome. Batizado em homenagem à canção "Gabriel", de Beto Guedes, ele conta que acabou escolhendo a profissão de ator por um "acidente" na adolescência por causa de um trabalho da escola envolvendo o cantor Cazuza.

*

"Tinha que construir uma peça sobre a década de 1980 no Brasil. E a minha turma resolveu contar a história do Cazuza. E eu, simplesmente por ser fã, me candidatei pro papel dele. Foi assim que começou, em uma apresentação para pais", diz, entre risos.

*

"Me senti extremamente confortável no palco. Era uma sensação muito grande de pertencimento àquele lugar. Logo depois, entrei para uma companhia de teatro e nunca mais parei", continua. "E eu tenho isso [a apresentação] filmado. Minha mãe gravou tudo", segue, soltando mais uma risada.

*

Conhecido por papéis em projetos da Globo como "Verdades Secretas" e "Velho Chico" e, mais recentemente, por protagonizar a série "Dom", do Amazon Prime Video, Leone é filho de um analista de sistema aposentado do Ministério da Saúde e de uma arquiteta. Ele diz que cresceu em um ambiente "muito musical" e que começou a tocar violão aos 15 anos.

*

Desde então, a música seguiu acompanhando o ator em sua trajetória profissional. Além de ter participado de diversos musicais, interpretou o cantor Roberto Carlos no filme "Minha Fama de Mau" (2019), emprestou sua voz para a canção de abertura da série "Os Dias Eram Assim" (2017), da Globo, e participou do filme "Meu Álbum de Amores", com direção de Rafael Gomes e canções de Arnaldo Antunes e Odair José, que ainda não foi lançado.

*

Agora, se prepara para estrear a comédia romântica "Eduardo e Mônica", de René Sampaio, inspirada na canção homônima da banda Legião Urbana. O longa chega aos cinemas no dia 20 de janeiro.

*

"Cresci ouvindo Legião, Renato Russo. É a minha banda de rock favorita. E poder viver o personagem que saiu da cabeça do Renato é uma loucura, um privilégio e uma honra pra mim. ["Eduardo e Mônica"] Está no meu disco preferido deles ["Dois"]."

*

Leone conta que entende a responsabilidade de retratar uma canção tão conhecida e que se estabeleceu no imaginário das pessoas. "Tem uma expectativa muito alta. E me coloco nessa, inclusive, porque sou muito fã", segue. "Depois de muito trabalho, conseguimos chegar na essência da música, que é falar de amor."

*

Além de "Eduardo e Mônica", outros trabalhos do artista deverão ser lançados no cinema em 2022. Ele também participará de uma série sobre o bicentenário da Independência do Brasil, com direção de Luiz Fernando Carvalho, para a TV Cultura.

*

Atualmente, está no ar na novela "Um Lugar ao Sol", da Globo. E diz que poder voltar a trabalhar e a gravar o folhetim fez muito bem a ele. "Tenho total consciência do privilégio que foi poder voltar a atuar naquele momento. Eu, assim como todo mundo, não fiquei bem de cabeça [durante a pandemia da Covid]. E retornar foi muito importante pra mim. Me realinhou, me colocou de volta nos trilhos. Tenho um carinho enorme por essa novela porque foi esse reencontro com a minha profissão, com o meu ofício."

*

Vacinado contra a Covid, o ator diz que ficou a maior parte do tempo no Rio de Janeiro, onde nasceu, durante a pandemia. Ele conta que, logo no começo, sofreu uma crise de ansiedade. "Fiquei quase cinco noites sem dormir. E não era insônia. Era sem dormir porque estava passando mal. Do coração, da cabeça, de tudo. Voltei à terapia. Ali foi uma questão de emergência, de crise", diz.

*

"Foi um olhar para mim mesmo. Me encarar dessa maneira frágil. Foi muito forte e importante também. Foi um processo de autoconhecimento, que é doloroso, mas que traz um amadurecimento grande."

*

Crítico do presidente Jair Bolsonaro (PL), Leone afirma que "faltam adjetivos" para descrever a condução da pandemia pelo governo. "Genocida acima de tudo", diz. "Cada vez fica mais claro que se o governo tivesse feito só um pouquinho, só o básico, que era incentivar o uso de máscara e comprar a vacina no momento em que houve oportunidade lá atrás, muita gente não teria morrido."

*

"É um governo que optou pelo negacionismo desde o primeiro momento. E como se não bastasse o sofrimento das vidas perdidas, a tragédia por si só que é a pandemia, a gente ainda tinha que diariamente ver alguma piada, algum desrespeito, alguma desumanidade e ignorância do governo."

*

O ator também critica a gestão de Bolsonaro na área da cultura. "É muito claro o projeto de combater a classe artística, porque é uma classe que por meio da arte tem a possibilidade de fazer refletir, questionar, apontar as questões da sociedade e gerar reflexões. Sempre foi assim e sempre vai ser. Os artistas são os primeiros a serem calados e atacados", diz.

*

"Na minha opinião, a [pasta da] cultura [sob Bolsonaro] foi e continua sendo conduzida por ressentidos. Pessoas que se sentem ressentidas artisticamente e que desenvolveram esse ódio pela própria classe", segue. "Tudo o que eles puderem fazer para atrapalhar, desvalorizar e diminuir a cultura brasileira, eles vão fazer."

*

"Fazer arte, especialmente no Brasil, é sinônimo de resistência. A gente sempre superou [as dificuldades] e tenho certeza que dessa vez também vamos sair mais fortes. É dolorido, claro. A arte no Brasil está ferida por conta da forma como vem sendo tratada. Mas eles vão passar e a gente vai permanecer aqui."

*

Com mais de 620 mil seguidores no Instagram, Leone diz que admira artistas que se posicionam politicamente nas redes, mas acredita que isso deve partir de cada um. "Em um momento em que informações falsas e manipuladas são disseminadas a torto e a direito nas redes sociais, temos essa oportunidade de nos posicionar. Acho que isso é um ouro nas mãos", segue.

*

O ator conversou com a coluna por chamada de vídeo, direto do apartamento de sua namorada, a também atriz Carla Salle, na capital paulista. Eles estão juntos há cerca de cinco anos. "O meu relacionamento só diz respeito a mim e a ela, sabe? E é assim que a gente lida e está dando certo", diz.

*

Na conversa, Leone estava caracterizado com a cor de cabelo de seu personagem no seriado "Dom", do Amazon Prime Video —só faltou a lente de contato azul. "Esse cabelo loiro nem é meu na verdade. É mega hair", diz, rindo.

*

A história é baseada em fatos reais. Nela, ele interpreta Pedro Dom, menino da zona sul carioca viciado em cocaína e especializado em assaltar casas de luxo, morto pela polícia em 2005, aos 23 anos. Lançada em junho de 2021, a primeira temporada da série se tornou o conteúdo brasileiro mais visto no mundo entre assinantes do serviço.

*

As gravações para a segunda temporada começaram em agosto no Uruguai. Ele ainda filmaria no Espírito Santo e no Rio de Janeiro —e diz que os novos capítulos devem estrear ainda em 2022.

*

Leone afirma que é o personagem mais desafiador de sua carreira, um "presente" do diretor Breno Silveira, e que se orgulha do resultado final. "Foi o processo mais livre da minha vida artisticamente falando. Meu texto não tinha praticamente nada escrito. Estava me abrindo muito mais para as situações, as circunstâncias."

*

"Por mais que a série tenha o pano de fundo da ação, conseguimos colocar em foco o cerne da história, que é justamente falar sobre as questões da dependência química no âmbito familiar e fazer um retrato das transformações sociais do Rio, principalmente com a chegada da cocaína", diz.

*

Um mês após a estreia na plataforma de streaming, Erika Grandinetti, uma das irmãs de Pedro Dom, publicou depoimento nas redes sobre insatisfações com a série. Ela escreveu que sua mãe não havia autorizado e nem concordava com a produção. E apontou o que considerava distorções na maneira de retratar a figura de seu pai e de sua mãe. Leone afirma que não teve contato com nenhum membro da família e que o relato da irmã "mexeu" com ele. "É um relato doloroso de uma irmã que perdeu um irmão daquela maneira. Mas é uma situação muito complicada", diz.

*

"Acredito que da mesma forma que a mãe do Pedro tinha o direito de não querer contar a história, o pai do Pedro tinha o direito de contar. Nós não tocamos nessa ferida dessa tragédia familiar para fazer só entretenimento ou para fazer só uma série de ação."

*

"A partir do feedback que eu tive, das mensagens que recebi sobre a importância de retratar a questão de dependência química, as questões sociais dentro do núcleo familiar, entendo a importância que a série teve. E isso mais do que nunca me motiva para continuar contando a história", finaliza.

*

Leone diz que desde o começo da carreira optou por não ter vínculo com nenhuma empresa —seus contratos são por obra. "Sempre tive muito claro que queria poder escolher os projetos de que eu iria participar, os personagens que iria fazer e com quem eu iria trabalhar. Queria ter as rédeas da carreira em minhas mãos."

*

"Sempre me enxerguei dessa maneira, porque é como entendo a arte. De poder ir até onde o seu coração mandar, até onde os personagens envolvidos no trabalho vão te interessar e vão te acrescentar."

O ator Gabriel Leone João Arraes/Divulgação

Ora pombas

Aos padres, ninguém incomoda

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Acho que é no livro "Requiem por Um Camponês Espanhol" que Ramón J. Sender escreve que os padres são as únicas pessoas a quem todos chamam pai—menos os filhos, que lhes chamam tio. É uma observação interessante, mas é preciso reconhecer que a maioria dos padres, de fato, não tem filhos. Mesmo apesar de chamarem filho a todo o mundo.

Por isso, quando li que o papa Francisco tinha criticado as pessoas que não querem ter filhos e os substituem por cães e gatos, não pude deixar de me sobressaltar. As pessoas que optaram por um modelo de vida que não inclui filhos estavam a ser criticadas por uma pessoa que optou por um modelo de vida que não inclui filhos. É uma coisa que não se vê todos os dias.

Se alguém censurar os apreciadores de feijoada enquanto come uma feijoada, em princípio a gente ri. Mas aos padres, ao que parece, tudo se perdoa.

Nas cerimônias de casamento, eles costumam tecer longos elogios às vantagens do matrimônio. Evidentemente, porque nunca foram casados. Se experimentassem, durante um período que não precisava ser superior a 15 dias, creio que as homilias seriam ligeiramente diferentes.

Se eu, que nunca fui à guerra, explicar a quem acabou de ser notificado para ir para o Afeganistão que está prestes a embarcar numa experiência maravilhosa, serei corrido à pedrada. Aos padres, ninguém incomoda.

Já em 2015, o papa tinha lamentado que certas pessoas considerassem as crianças uma fonte de preocupação. "Certas pessoas", Francisco? Essas pessoas têm um nome. Chamam-se "pais". Claro que as crianças são fonte de preocupação. Se não forem, não estamos a fazer o nosso trabalho direito.

Neste caso concreto, é ainda mais grave. O papa vai ao ponto de lamentar que as pessoas, além de não terem filhos, os substituam por cães e gatos.

Não sei se estão a ver onde quero chegar. Estamos a falar de um homem que coabita com o Espírito Santo—que, ao que tudo indica, é uma pomba. A desfaçatez, meu Deus.

Além disso, e sem querer ser má-língua, parece-me que há aqui um problema de, digamos, decoro. Talvez não seja a melhor ideia que o líder de uma organização que tem tido tantos problemas com casos de pedofilia venha a público pedir às pessoas que produzam mais crianças. Convenhamos que não soa muito bem.

Luiza Pannunzio

DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. **Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

'Euphoria', série que rendeu um Emmy a Zendaya, retorna à HBO

Euphoria
HBO, 23h, 18 anos
Lançada em 2019, a primeira temporada de "Euphoria" causou impacto por mostrar com crueza um grupo de adolescentes descobrindo o sexo e as drogas. Zendaya, que vive a protagonista Rue, venceu naquele ano o prêmio Emmy de melhor atriz em série dramática. Depois de dois episódios especiais em 2021, a série volta com uma nova temporada completa, em que Rue tenta lidar com suas perdas e se livrar do vício.

Fique Comigo
Netflix, 16 anos
Uma mulher casada e com filhos é procurada por alguém de seu passado misterioso. Ela pode estar envolvida no desaparecimento de um homem, 17 anos depois de outro caso semelhante. Esta minissérie policial britânica é um dos programas mais vistos da plataforma.

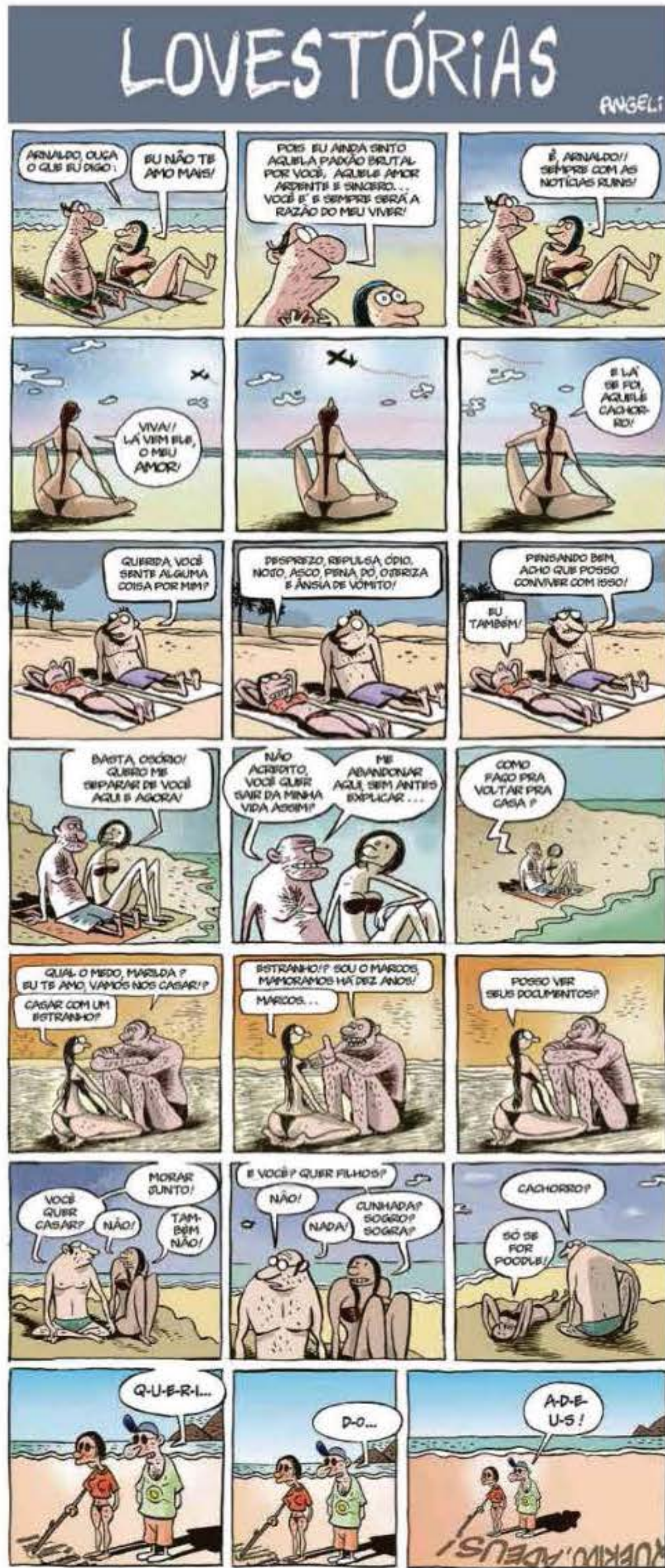
A Hora do Faro
Record, 15h15, 10 anos
Na segunda temporada do quadro Famosas em Apuros, três veteranas de realities do canal—Raissa Barbosa, Deborah Albuquerque e Catia Paganote— têm que recolher lixo reciclável para uma cooperativa e trabalhar em um cafezal.

8 Presidentes, 1 Juramento
GloboNews, 23h, livre
O documentário de Carla Camurati revisita os oito governos brasileiros pós-ditadura militar. O canal exibe a segunda parte no próximo domingo (16), no mesmo horário.

O Passageiro
Globo, 23h25, 14 anos
Liam Neeson faz um homem que conhece uma mulher num trem. Ela oferece dinheiro para ele encontrar alguém que também está a bordo.

The Righteous Gemstones
HBO, 0h, 16 anos
Estreia da segunda temporada da série cômica sobre uma família de televangelistas corruptos. Na nova fase eles enfrentam inimigos poderosos, além de um jornalista que quer expor os podres do clã.

Canal Livre
Band, 0h, livre
João Doria, governador de São Paulo e pré-candidato à Presidência da República pelo PSDB, fala do momento político brasileiro e de seus planos para a campanha eleitoral.

QUADRÃO | Angeli

DOM. **Jan Limpens**, Laerte, Luiz Gê, Ricardo Coimbra, Angeli

Giovana Madalosso está no Encontro de Leituras de janeiro

SÃO PAULO O Encontro de Leituras, evento online promovido pela **Folha** em parceria com o jornal português Público, recebe Giovana Madalosso em sua primeira edição de 2021.

A escritora curitibana discutirá com leitores seu romance "Suíte Tóquio" na próxima terça-feira (11), a partir das 19h de Brasília (22h de Lisboa).

O livro, publicado no Brasil pela Todavia e em Portugal pela Tinta da China, narra a revolta da babá Maju, que rapta a filha de quatro anos de Fernanda, moradora de Higienópolis, bairro de elite de São Paulo. A obra alterna o ponto de vista da patroa e da empregada e põe em evidência a desigualdade social brasileira.

"A trama de 'Suíte Tóquio' é um pesadelo recorrente para qualquer mãe, mas a maneira como esse enredo se desenrola é o grande trunfo do livro, que aborda com ternura, drama e agilidade as convenções sociais, as questões afetivas e as tensões de classe na voz de duas personagens, que falam ambas em primeira pessoa", escreveu Teté Ribeiro em resenha publicada na **Folha**.

O debate com a autora acontece gratuitamente pelo Zoom, na reunião 863 4569 9958. A senha de acesso é 553074.

Surto de Covid pode render nova reprise de novela das seis

SÃO PAULO Diretor artístico de "Além da Ilusão", novela das seis da Globo programada para estrear em 7 de fevereiro, Luiz Henrique Rios afirma que a confirmação da data vai depender do impacto trazido pelo novo surto de Covid-19 em todo o país. Com vários casos do vírus entre funcionários, os Estúdios Globo não estão isolados desse cenário.

"Hoje, eu posso dizer que a novela vai estrear no dia 7 e que tudo vem sendo feito para isso", afirmou Rios.

Desde a experiência obtida com as continuações de "Amor de Mãe" e "Salve-se Quem Puder", as duas novelas interrompidas pelo início da pandemia, a Globo tem optado por só lançar novelas que já estejam inteiramente, ou quase, gravadas. "Além da Ilusão" está em avançado estágio de gravações, mas ainda tem chão para concluir.

No enredo da nova trama, Davi, interpretado por Rafael Vitti, é um jovem honesto que vive de truques de mágica que aprendeu com o avô, na esperança de fazer uma carreira como ilusionista. Ele acaba então se apaixonando por Elisa (Larissa Manoela) e será acusado injustamente de sua morte. **Cristina Padiglione**

A desconstrução do Dia do Fico

[RESUMO] Dia do Fico, que completa 200 anos neste domingo (9), tem sido reexaminado por historiadores. Frase de dom Pedro foi menos heroica que a versão consagrada e indica ser um equívoco interpretar o episódio como o primeiro passo da Independência

Por **Sylvia Colombo**
Repórter especial e correspondente da Folha em Buenos Aires

"Diga ao povo que fico".

Decorada na escola, repetida em filmes históricos, evocada como um provável princípio de um patriotismo brasileiro, a frase talvez nunca tenha sido de fato dita por dom Pedro, naquela época ainda príncipe regente do Brasil —pelo menos não da forma como ficou conhecida.

O Dia do Fico, cujos 200 anos celebram-se neste domingo (9), vem sendo desconstruído pela historiografia contemporânea.

"Há uma lenda dourada sobre o Dia do Fico, que vê a Independência como destino do Brasil, mas a verdade é que a Independência não estava escrita nas estrelas. Naquela época, outras opções estavam em debate e havia distintas pressões agindo. A ideia de que esse episódio ligou o despertador da Independência não é real", diz à Folha a antropóloga e historiadora Lilia Schwarcz.

Nem a frase é exatamente essa nem o Dia do Fico pode ser considerado o primeiro passo do que seria a Independência do Brasil, proclamada em 7 de setembro de 1822.

Onde estão, então, os problemas dessa versão?

O Dia do Fico, como se conhece o episódio de modo geral, foi a expressão de revolta de dom Pedro que, ao ser convocado a retornar a Portugal pelas Cortes de Lisboa, rebelou-se e, de uma das janelas do Paço Imperial, no Rio de Janeiro, teria dito: "Como é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto: diga ao povo que fico".

Só que este não é o registro original e sim o que foi alterado para entrar para a história. Segundo o primeiro edital publicado sobre a sessão, a frase dita pelo regente teria sido outra, bem menos enfática ou heroica.

Ele disse: "Convencido de que a presença da minha pessoa no Brasil interessa ao bem de toda a nação portuguesa, e conhecido que a vontade de algumas províncias assim o requer, demorei a minha saída até que as Cortes e meu Augusto Pai e Senhor deliberem a este respeito, com perfeito conhecimento das circunstâncias que têm ocorrido".

Para Schwarcz, a frase é uma construção, que fez parte da utilização da pessoa de dom Pedro pela elite imperial como uma figura simbólica. "A elite controlou o fantoche, e esse retoque da frase é apenas um dos aspectos dessa narrativa que esteve por trás da saída imperial para a crise daquele momento", afirma.

A análise da frase inicial, segundo a historiadora Lúcia Bastos Pereira das Neves, "permite perceber que dom Pedro não estava pensando ainda em uma separação do Brasil com relação a Portugal".

Ela alerta para o fato de que "não se pode ver a história com os olhos de quem já sabe o que aconteceu depois. Quando disse a frase do Dia do Fico, dom Pedro não tinha convicção sobre o que ocorreria —vinha titubeando, estava pressionado, estava em dúvida sobre suas opções".

Voltando um pouco no tempo: a família real portuguesa estava no Brasil desde 1808. No ano anterior, temendo o avanço de Napoleão sobre Portugal, o então príncipe regente dom João embarcou com toda a família ao Brasil, com o apoio político e logístico da Inglaterra. Durante os 13 anos em que permaneceu aqui, dom João estabeleceu a corte no Rio de Janeiro, promovendo várias melhorias na cidade e na economia da colônia.

Em 1815, o Brasil teria seu status elevado, passando a fazer parte do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Na prática, a ex-colônia modernizou-se. Houve a abertura dos portos para nações amigas, que diversificou e aumentou o comércio, e novos edifícios públicos foram construídos.

Também foi possível, por iniciativa de dom João, passar a imprimir jornais no Brasil, algo que era proibido durante a época colonial. Surgiu a Imprensa Régia, que publicava a Gazeta do Rio de Janeiro, e foram criadas instituições como a Real Academia Militar, o Jardim Botânico, o Banco do Brasil, o Teatro São João (hoje Teatro João Caetano) e outras.

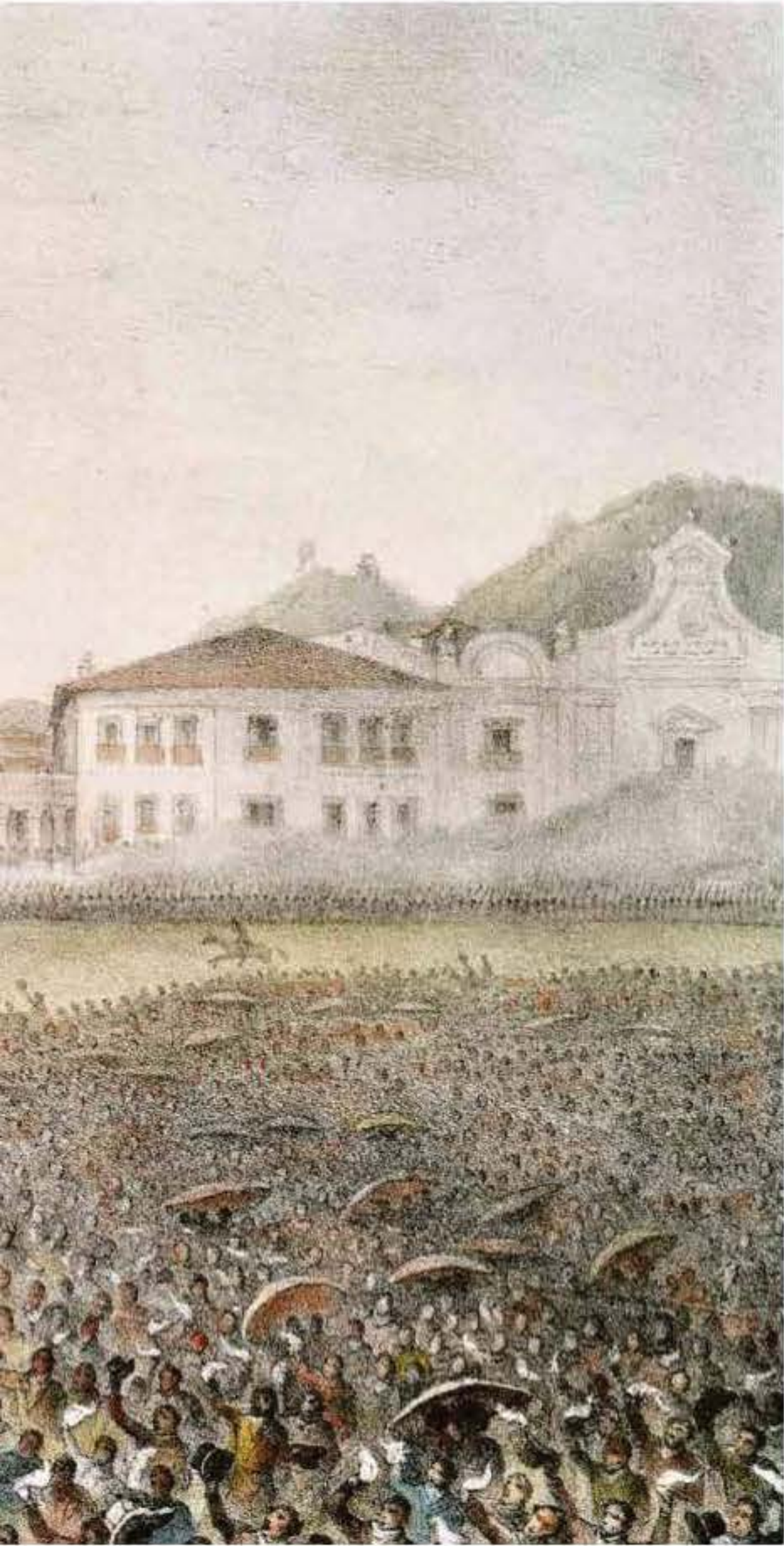
A família real também mandou vir a Biblioteca Real de Portugal, com um acervo estimado em 60 mil volumes, que daria início ao que hoje é a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Todos esses avanços foram ameaçados depois, quando ocorreu a Revolução Liberal do Porto, em 1820, em Portugal. Tratou-se de um movimento liberal, nacionalista e constitucional, que buscava reestruturar o império, tendo novamente Portugal como centro político e administrativo.

Para isso, era essencial que dom João 6º retornasse à metrópole e mais, jurasse a Constituição. O plano era desmantelar a ideia de monarquia como as do Antigo Regime. A monarquia "modernizada" teria o rei quase como uma figura simbólica e cerimonial, enquanto o poder político de fato seria exercido pelas Cortes.

Dom João partiu para Portugal para enfrentar a crise e deixou Pedro, então com 22 anos, à frente do país. Antes de viajar, ele teria dito: "Pedro, se o Brasil se separar de Portugal, prefiro que seja para você, que vai me respeitar, e não para alguns desses aventureiros".

Continua na pág. C5

Dom Pedro, sozinho no Brasil, também hesitou muito em decidir que passos tomar. Manifestou, em cartas ao pai, o desejo de voltar para a Europa. Por outro lado, sentiu a enorme pressão de políticos, comerciantes e da elite brasileira para que ficasse, mantendo algo de ordem e de unidade no país

ANTECEDENTES DO DIA DO FICO

24.ago.1820
Revolução Liberal do Porto
Levante unindo militares, clero e nobreza na cidade do Porto. De pensamento liberal, os revolucionários buscavam acabar com o absolutismo e exigiam o retorno de dom João 6º

15.set.1820
Levante em Lisboa
Com apoio da burguesia, um grupo de oficiais depõe os regentes e institui um governo provisório na capital portuguesa. Dias depois, esse grupo se une aos revolucionários do Porto

26.jan.1821
Cortes Gerais
Liberais eleitos para formular uma nova Constituição promovem mudanças rápidas, como a adoção do parlamentarismo

26.abr.1821
Retorno de dom João
Temendo perder a coroa, dom João 6º deixa o Brasil rumo a Portugal. Dom Pedro fica no Rio de Janeiro como príncipe regente

1.out.1821
Ordem das Cortes
Depois de meses pressionando o príncipe a retornar, as Cortes aprovam uma lei determinando o seu regresso imediato a Portugal

9.jan.1822
Dia do Fico
Preocupada com a regressão do Brasil à condição de colônia, a elite leva ao príncipe uma carta com 8.000 assinaturas pedindo para que ele não volte para Portugal. Depois de receber o documento, dom Pedro declara que permanecerá no Brasil

'Aclamação de Dom Pedro 1º Imperador do Brasil', de Jean-Baptiste Debret The New York Public Library/Reprodução

Continuação da pág. C4

Embora não haja comprovação histórica de que a frase tenha sido dita, é outro desses episódios que entraram para a narrativa oficial da Independência.

As Cortes, no entanto, queriam também que dom Pedro voltasse e emitiram um decreto com esse intuito. Segundo o plano, as províncias do Brasil passariam a responder diretamente a Lisboa até que uma junta escolhida por Portugal fosse designada para governar o país.

Para a historiadora Isabel Lustosa, o momento do Fico está totalmente vinculado às ações das Cortes de Lisboa. "Os liberais brasileiros, inicialmente, ficaram satisfeitos com a revolução constitucionalista que aconteceu na cidade do Porto, em razão das liberdades que seriam concedidas, especialmente a liberdade de imprensa. Porém, logo começaram a perceber que as medidas das Cortes apontavam para um retrocesso político e econômico do Reino do Brasil."

Isso porque, apesar de serem pessoas com ideias liberais, logo perceberam que seus interesses econômicos e sociais estavam sob risco, caso o Brasil, como queriam as Cortes, fosse novamente reduzido em sua autonomia, até eventualmente ser transformado de novo em uma colônia.

"Esses homens enxergaram no processo o prejuízo que recairia sobre seus interesses e se uniram, no final de 1821, em defesa dos mesmos", afirma Lustosa.

Uma das saídas que foi ganhando força entre a elite brasileira era pressionar o regente dom Pedro a permanecer aqui, evitando a minimização do status do Brasil, ao mesmo tempo que se aniquilaria a possibilidade de uma revolução independentista como as que vinham ocorrendo em outros países da região, com guerras sangrentas e processos de fragmentação territorial no que antes eram os vice-reinados espanhóis.

"A permanência de dom Pedro era importante do ponto de vista institucional, pois ele representava a monarquia e o regime da moda, digamos assim, que era o da monarquia constitucional. O medo da fragmentação do Brasil por falta de um centro de poder que o unisse era grande", diz a historiadora.

Lustosa concorda com Schwarcz sobre o equívoco de pensar que o Dia do Fico tenha sido um primeiro passo de uma inevitável Independência. "Não havia ainda, no final de 1821, quando elementos das elites do Centro-Sul do Brasil se uniram no Rio de Janeiro pelo Fico, um movimento pela independência do Brasil. O que havia era uma reação a uma circunstância: a forma como o governo estava centralizado nas chamadas Cortes de Lisboa", diz Lustosa.

Dom Pedro, sozinho no Brasil, também hesitou muito em decidir que passos tomar. Por vezes, mostrava-se em desacordo com o plano de ter sido deixado para trás para governar o país. Manifestou, em cartas ao pai, o desejo de voltar para a Europa. Por outro lado, sentiu a enorme pressão de políticos, comerciantes e da elite brasileira para que ficasse, mantendo algo de ordem e de unidade no país.

"O medo da Revolução Haitiana também era muito real entre as elites latino-americanas. No Brasil, a ideia de manter a ordem a qualquer custo era muito presente entre as pessoas que tinham dinheiro e poder. Portanto, a ideia de não submissão às ordens das Cortes respondia mais a esse sentimento de garantia da manutenção de interesses", diz Lúcia Bastos Pereira das Neves.

"A opção imediata não era a Independência, mas a manutenção dos privilégios dessa classe e da ordem no país, com a presença de um monarca. É preciso fazer um esforço para entender como as pessoas daquela época pensavam".

Mesmo entre as províncias, havia divisão sobre as atitudes a tomar. Pernambuco e Bahia, por exemplo, estavam mais próximas da ideia de apoiar as Cortes. No Rio e em São Paulo, as elites se dividiam entre os conservadores vinculados a José Bonifácio e os mais radicais, liderados por Joaquim Gonçalves Ledo.

Dom Pedro era muito influenciado pela posição da mulher, Leopoldina, e não foi diferente nesse episódio. "Dona Leopoldina, como as princesas de seu tempo, destinadas pelo casamento a garantir acordos de cooperação internacional, era uma legítima representante dos interesses da Áustria, onde nascera. Era legitimista, absolutista e catolicíssima, mas muito inteligente e arguta", afirma Isabel Lustosa.

"Ela compreendeu que a autonomia do Brasil, mesmo que ainda sem a independência declarada, era fundamental para o sucesso daqueles interesses."

O momento que culminou na proclamação do Fico ocorreu em 9 de janeiro, quando o príncipe regente recebeu uma carta assinada por 8.000 pessoas que pediam sua permanência no país. Depois de ler a missiva, dom Pedro proferiu a frase e acabou permanecendo no Brasil.

"As pessoas gostam da história arrumadinha, com a cronologia clara, só que ela não é assim. O episódio do Fico tem importância, mas já é hora de vermos a Independência em um conjunto maior de eventos, que não ocorreram apenas na Corte do Rio de Janeiro", diz Lilia Schwarcz.

A antropóloga e historiadora sustenta que "havia outros protagonistas, homens e mulheres, em outras regiões do Brasil. Talvez a efeméride dos 200 anos seja uma boa oportunidade de fugirmos da agenda clássica e jogarmos luz nesses outros eventos". ←

Um salto de fé

Esperamos compaixão de líderes, mas Bolsonaro prefere a insensibilidade

Itamar Vieira Junior
Geógrafo e escritor, autor de 'Torto Arado'

Todo ano o rito se repete: retrospectivas, balanços e confraternizações por toda parte. Constato, contudo, que o tempo não é mais o mesmo. Atravessamos um ano — não qualquer um, mas um ano difícil — e quase não o vivemos por inteiro.

Entre as atividades do cotidiano, as pequenas conquistas e as dores, que abundaram como nunca, não conseguimos nos dar conta de que os dias passavam velozes.

Mas este é um tempo diferente dos demais que já atravessei. É possível que não quiséssemos mais os dias de volta e eles escoaram como um rio que não retorna.

Na Bahia, as chuvas levaram calamidade a uma grande área do estado. Foram as mais volumosas para o período, se considerarmos as áreas onde há medição. Quase 1 milhão de pessoas foram afetadas e cerca de um terço dos municípios decretaram emergência.

Reflexo de nossas ações predatórias, que começaram há muitos e muitos anos, mas se acentuaram neste tempo de uma maneira incontrolável e desafiadora. Eis uma palavra que cada vez mais fará parte de nosso cotidiano: injustiça climática.

Isso porque as alterações ambientais afetam as pessoas de maneira distinta. A interseção injustiça climática e desigualdade social é a crise anunciada atingindo de forma desigual os desiguais.

Quem dispõe de infraestrutura e saneamento e quem pode se deslocar e promover melhorias em suas habitações é menos impactado. Quem apenas sobrevive será testado em outro limite.

E como fez falta a mão que o senhor presidente da República poderia ter nos estendido em solidariedade. Ele preferiu permanecer de férias onde não chovia, dando cavalo de pau em jet ski e visitando parques temáticos sem transmitir nenhuma palavra de conforto.

Não surpreende, claro, mas sou incorrigível quando se trata de esperança na humanidade. Até porque, se olharmos por uma perspectiva histórica, demos significativos passos para uma convivência mais justa entre nós mesmos e o planeta.

Se pensarmos que há pouco mais de um século escravizar outros seres humanos era aceitável, sim; ou que mulheres não podiam votar e precisavam da autorização dos maridos em muitas situações de sua vida social. Ainda há muito por fazer, mas os primeiros passos foram dados muito antes de nós. Cada um à sua maneira foi desafiando o sistema.

Por isso, não posso perder a esperança de que qualquer ser humano seja capaz de transformar a si e seu entorno.

A pandemia do coronavírus deu ao presidente uma grande chance, talvez a mais importante de sua vida, de demonstrar que se importa com alguém, mas ele preferiu sabotar as medidas sanitárias e a vacinação da população no tempo necessário. Ensaiou fazer o mesmo com as crianças.

Sua insensibilidade nos levou a registrar perdas humanas em proporções nunca vistas em nossa história. Era um momento para deixar de lado as diferenças e ter unido o país em torno de um bem comum, mas o resto da história já sabemos como se deu.

Ao longo do mandato, Bolsonaro perdeu grandes chances de demonstrar empatia pelo outro. O slogan de seu governo, "Pátria amada, Brasil", evoca a palavra pátria, comunidade imaginada onde estamos reunidos virtualmente, de forma desigual, mas ainda assim unidos.

Evocar a palavra pátria é evocar sentimentos que podem nos unir como uma comunidade e, para que essa comunidade exista, é preciso que ela seja reconhecida por meio de nossas subjetividades. Esperamos dos líderes sentimentos de compaixão por sua família, seu grupo ou sua comunidade.

Digo isso porque, ao longo do tempo, conheci inúmeros agrupamentos humanos onde essa premissa se confirmou. Não que fossem comunidades perfeitas: havia divergências, desigualdades, disputa por poder, mas ainda assim as dores eram compartilhadas de maneira coletiva.

Daí a minha modesta militância pela literatura. Em "Comunidades Imaginadas", o cientista político Benedict Anderson escreveu sobre o papel de jornais e romances, ainda que circulassem apenas entre a elite letrada, na construção do ideal de uma comunidade imaginada.

Em "A Invenção dos Direitos Humanos", Lynn Hunt fala em "empatia imaginada", fruto da fruição de uma obra literária. "É imaginada não no sentido de inventada, mas no sentido de que a empatia requer um salto de fé, de imaginar que alguma outra pessoa é como você", escreveu a autora.

Talvez seja isso — precisamos de mais educação, mais leituras para dar esse salto de fé. Continuo a acreditar.

[...]

Evocar a palavra pátria é evocar sentimentos que podem nos unir como uma comunidade e, para que essa comunidade exista, é preciso que ela seja reconhecida por meio de nossas subjetividades

| **DOM.** Bernardo Carvalho, Itamar Vieira Junior, **Marilene Felinto**, Hermano Vianna

O boom latino

[RESUMO] Ao longo de 2021, Hollywood lançou grandes produções que falam sobre a cultura dos países ao sul do muro ou estreladas por hispânicos e brasileiros. Com a temporada de prêmios, que se inicia agora, resta saber se essa representatividade será celebrada

Por ***Leonardo Sanchez***
Repórter da Ilustrada

Nunca se ouviu tanto espanhol em grandes produções hollywoodianas como no ano que encerrou agora. Em 2021, os latino-americanos marcaram território no cinema e na televisão, após anos em segundo plano de uma luta que tenta trazer mais diversidade para as telas —capitaneada por mulheres, negros e LGBTQIA+, mas que também inclui asiáticos, indígenas e outros grupos historicamente sub-representados.

Falamos, afinal, de um ano em que Steven Spielberg resolveu "consertar" o que mais havia de problemático num dos maiores clássicos cinematográficos de todos os tempos, "Amor, Sublime Amor", e em que a Disney viajou até a Colômbia para contar uma história pautada pelas peculiaridades desse lado do continente, em "Encanto".

Ambos, assim como outros títulos "latinos", estão indicados ao Globo de Ouro deste domingo (9) e ao Critics Choice Awards, que remarcou sua data, e são apostas seguras para a lista de indicados ao próximo Oscar. Resta saber se as premiações vão abraçar ou rejeitar essas produções com seus troféus, que historicamente negligenciam talentos da América Latina.

"Amor, Sublime Amor", indicado a quatro Globos e 11 prêmios Critics Choice, é uma releitura do musical que já havia sido levado às telas em 1961, e acompanha a rivalidade de uma gangue de garotos brancos e outra de porto-riquenhos. Latina, a protagonista é Maria, e foi vivida na nova versão por Rachel Zegler, de ascendência colombiana —enquanto nos anos 1960, a diva Natalie Wood, filha de imigrantes russos, estrelou o longa com um sofrível sotaque espanhol.

Para o novo "Amor, Sublime Amor", aliás, Spielberg reformulou partes do roteiro e das letras das canções, dando mais espaço para que o espanhol e expressões latinas invadissem a trama. Há diálogos inteiros no idioma, que não foram legendados nos Estados Unidos. "Esse filme precisava ser sobre diversidade, precisava ser honesto e autêntico", disse o cineasta a este repórter às vésperas do lançamento do longa.

Mesmo com os erros do passado, vale lembrar que foi com o "Amor, Sublime Amor" de 1961 que o Oscar premiou, pela primeira vez, uma atriz latino-americana —Rita Moreno, que abriu uma porta imensa ao levar o prêmio de atriz coadjuvante, mas viu poucas pessoas passarem por ela desde então. Ela retornou à trama para a versão de Spielberg, num papel criado sob medida para ela.

Já "Encanto", indicado a três Globos e dois prêmios Critics Choice, é a primeira animação da Disney centrada numa família latino-americana. O filme é uma verdadeira ode à cultura do sul do continente e, apesar de ter uma ambientação específica, a Colômbia, mostra símbolos e costumes presentes em diversos países, incluindo até mesmo o Brasil.

Tucanos, capivaras e onças estão lá, dançando ao som de cúmbia, joropo e do rock difundido por Shakira, enquanto a trama fala em milagres a partir de uma narrativa inspirada em Gabriel García Márquez e nas telenovelas. Também neste caso, o estúdio se cercou de talentos latinos para poder contar a história de forma autêntica —o filho de porto-riquenhos Lin-Manuel Miranda criou as músicas, enquanto brasileiros, cubanos e outros se espalharam pelos bastidores.

Miranda, aliás, esteve envolvido em uma série de projetos audiovisuais nesse último ano. Desde que se tornou o queridinho da América, após a explosão do musical "Hamilton" na Broadway, ele tem sido convidado para participar dos mais diferentes tipos de trabalhos. Além de compor para "Encanto", ele também criou as músicas da animação da Netflix "A Jornada de Vivo", sobre um jupará cubano, e estreou como diretor em "Tick, Tick... Boom!" —duas indicações ao Globo de Ouro e ao Critics Choice.

Outro musical —dessa vez que Miranda criou originalmente para a Broadway— a levar latinidade a Hollywood foi "Em Um Bairro de Nova York". Um dos principais eventos cinematográficos do ano passado, o filme decepcionou nas bilheterias, mas tem canções e coreografias que transpiram latinidade, ajudando a narrar a história de uma comunidade de expatriados que buscam nos Estados Unidos uma vida melhor.

Dilemas dos latino-americanos que moram por lá estavam presentes, assim como questões relacionadas ao sub-emprego e à imigração ilegal. "Foi um bom ano [para os latinos no cinema]", disse Miranda em entrevista recente, "mas veremos como serão as coisas em 2022".

"Eu espero que nós estejamos vendo de fato uma renascença de diversidade nas telas, mas ao mesmo tempo nós precisamos lutar por isso cada vez mais. E eu me sinto orgulhoso de fazer parte disso", afirma o compositor. O protagonista do longa, Anthony Ramos, aparece entre os indicados ao Globo de Ouro.

> **Entre erros e acertos, Hollywood distribuiu acenos ao público latino-americano nesse ano que se encerrou. As bilheterias de países como Brasil e México, afinal, são importantes para a indústria, e não podemos ignorar o fato de que, mesmo nos Estados Unidos, o espanhol vem ganhando cada vez mais espaço**

O gênero musical quase que monopolizou a diversidade latina em 2021. Além dos projetos já citados, "Cinderela", versão pop para o clássico conto de fadas, pôs a cubana Camila Cabello para calçar os sapatinhos de cristal.

No universo dos heróis, tivemos numa das grandes apostas da Marvel para o ano uma latina assumindo o papel de líder de uma equipe de superpoderosos. Salma Hayek, nascida no México, guiou os personagens imortais de "Eternos", num filme que decidiu fazer da diversidade uma prioridade.

Em "O Esquadrão Suicida", da concorrente DC, a brasileira Alice Braga viveu uma guerrilheira que tenta derrubar um regime autoritário de uma nação ficcional localizada na América Latina.

E vale citar também Guillermo del Toro, mexicano que deve levar seu "O Beco do Pesadelo" ao menos para categorias técnicas de alguns prêmios.

Mas nem sempre as tentativas de levar diversidade para as telas convencem. É fato que incluir as chamadas minorias em filmes e séries pode trazer grandes lucros para os estúdios e, nessa busca desenfreada por público, erros grosseiros são comuns.

Foi o que aconteceu com outro blockbuster da mesma Disney que esteve por trás de "Amor, Sublime Amor", "Encanto" e "Eternos" —"Jungle Cruise". Inspirado na atração homônima de seus parques temáticos, o filme traz uma trupe de personagens americanos e britânicos para a Amazônia brasileira dos anos 1910, mas não teve brasileiros no elenco ou nos bastidores.

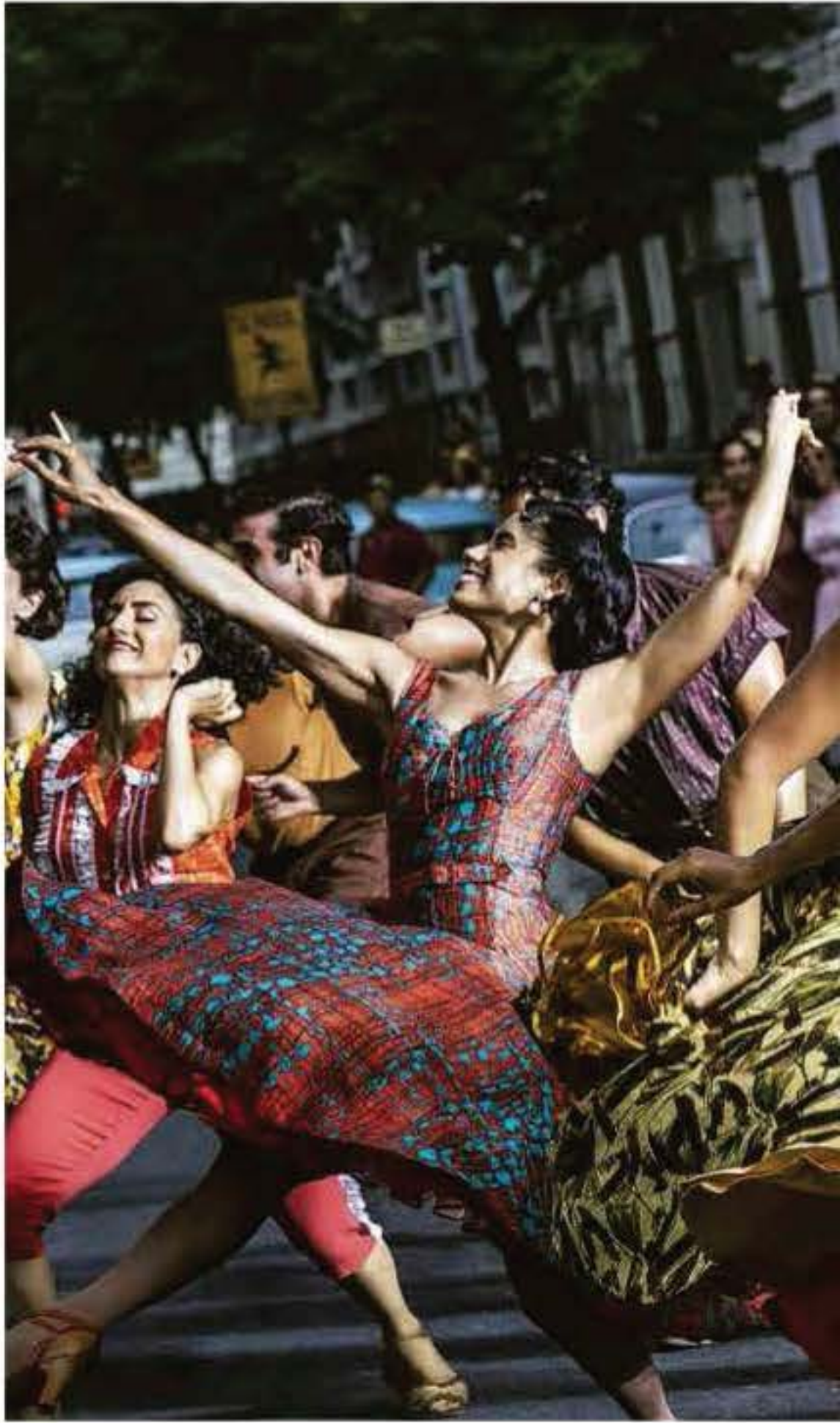
Talvez por isso a trama sirva um banquete de erros e estereótipos da nossa cultura. O mais gritante é a moeda que estava em circulação no Brasil naquela época —o mil réis, e não o real, dito por vários personagens enquanto eles negociam o valor de um barco com Dwayne Johnson.

Já o cenário da vila amazônica onde a ação começa lembra muito mais uma vila mexicana, adornada por botos-cor-de-rosa que inspiram uma lenda contada pelos personagens, mas que nada tem a ver com o nosso folclore. A tribo que habita a região não é liderada por uma atriz de ascendência indígena ou ao menos por uma sul-americana, mas por uma mexicana.

No elenco do longa estava ao menos o ator venezuelano Édgar Ramírez —interpretando um colonizador espanhol, é verdade—, que também protagonizou "Dia do Sim", da Netflix, comédia que acompanha uma família de origem latina e que usa o espanhol em seu dia a dia.

"Nós vivemos num mundo de diversidade, e acho que nos tempos de hoje, em que a diversidade e os valores atrelados a ela são constantemente desafiados, é importante mostrarmos que essa é a nossa realidade", disse ele a este repórter no lançamento de "Dia do Sim".

Quando veio "Jungle Cruise", no entanto, ele salientou que este era um "filme de fantasia, não um documentário", e que "deveríamos ser compreensivos" quanto à ausência de autenticidade.

Continua na pág. C7

Filmes de 2021 sobre latino-americanos

'Amor, Sublime Amor'
Steven Spielberg regravou o clássico musical, sobre a disputa entre uma gangue de rapazes brancos e outra de porto-riquenhos, corrigindo erros de representatividade do passado; está indicado a quatro Globos de Ouro

'Encanto'
A Disney voou até a Colômbia para sua última animação, centrada numa família latina, e se inspirou nos ritmos desse lado do continente para a trilha sonora, assinada por Lin-Manuel Miranda; está indicado a três Globos de Ouro

'A Jornada de Vivo'
Também com músicas de Lin-Manuel Miranda, a animação da Netflix contou a história de um jurupá, uma espécie de macaco encontrado em Cuba

'Em Um Bairro de Nova York'
Lin-Manuel Miranda ainda viu um de seus sucessos da Broadway ser adaptado para as telas, neste filme que retrata uma comunidade de latino-americanos em Nova York; indicado a um Globo de Ouro

'Tick, Tick... Boom!'
A história não é latina, mas o filho de porto-riquenhos Lin-Manuel Miranda completou seu ano mais produtivo em Hollywood dirigindo o musical; indicado a dois Globos de Ouro

'Cinderela'
Para sua versão do conto de fadas, a Amazon escolheu a cubana Camila Cabello para calçar os sapatinhos de cristal

'Eternos'
Uma das principais apostas da Marvel para o ano, o filme investiu na diversidade e trouxe a mexicana Salma Hayek para liderar uma nova equipe de super-heróis

'O Esquadrão Suicida'
A nova versão para o grupo de vilões da DC teve como cenário uma nação latino-americana fictícia, habitada por uma guerrilheira vivida por Alice Braga

'O Beco do Pesadelo'
O mexicano Guillermo del Toro é o diretor do filme, que deve estrear no próximo dia 27

'Jungle Cruise'
O filme pôs seus personagens americanos e britânicos na Amazônia brasileira, mas não teve brasileiros no elenco ou nos bastidores, o que pode ter contribuído para uma série de equívocos sobre nossa cultura apresentados na trama

'Dia do Sim'
O venezuelano Édgar Ramírez liderou uma família de ascendência latina na comédia americana

'Apresentando os Ricardos'
O filme centrado na relação de Lucille Ball e Desi Arnaz teve o espanhol Javier Bardem no papel do músico, produtor e ator cubano, o que gerou algumas críticas; indicado a três Globos de Ouro

Ariana DeBose e David Alvarez em cena do novo 'Amor, Sublime Amor' Divulgação

Continuação da pág. C6
Outro filme da temporada, "Apresentando os Ricardos", gerou críticas semelhantes recentemente por ter Javier Bardem, um espanhol e portanto europeu, no papel do cubano Desi Arnaz. Ele está indicado ao Globo de Ouro de ator.

Entre erros e acertos, Hollywood distribuiu acenos ao público latino-americano nesse ano que se encerrou. As bilheterias de países como Brasil e México, afinal, são importantes para a indústria, e não podemos ignorar o fato de que, mesmo nos Estados Unidos, o espanhol vem ganhando cada vez mais espaço —projeções acreditam que o país deve se tornar o maior falante do idioma no mundo, desbancando a Espanha em poucos anos.

Pensando nisso, produtoras têm investido não apenas na representatividade, mas também em conteúdo inteiramente voltado para os latino-americanos. O streaming Starzplay, por exemplo, lançou em outubro um braço de conteúdo exclusivamente hispânico, que já tem séries de países como México, Chile e Colômbia prontas.

"É um movimento que faz todo sentido, estamos falando de uma das línguas mais faladas do mundo", diz Superna Kalle, presidente de conteúdo internacional da plataforma, que acredita que o próprio público americano padrão também está mais aberto a conteúdos em outras línguas.

"Nesse novo universo em que vivemos, com essa disputa entre plataformas de streaming, o único jeito de crescer é sendo global e, ao mesmo tempo, regional. Os talentos e as histórias de tantos países para os quais tradicionalmente não olhamos precisam ser trazidos à tona." ←

'Atletas' (1930-31), de Kazimir Maliévitch
Sergio Lima - 3.abr.09/ Folhapress

Não existe universal grátis

[RESUMO] Discursos que apontam pautas identitárias como entrave à política de esquerda desconsideram as relações entre o universal e o particular hoje. Desigualdade econômica e reivindicações de minorias não precisam ser contraditórias

Por **Rodrigo Nunes**
Professor do Departamento de Filosofia da PUC-Rio e autor de 'Neither Vertical Nor Horizontal. A Theory of Political Organisation' (Verso, 2021), que será publicado no Brasil em 2022 pela Ubu

Uma declaração recente do diretor da Fundação Perseu Abramo, Alberto Cantalice, reacendeu a discussão no interior da esquerda sobre o que fazer com as chamadas pautas identitárias.

Ao afirmar no Twitter que o "identitarismo" é um "erro" criado por "ativistas dos Estados Unidos", que obscurece "a questão central" da desigualdade e divorcia a esquerda "da realidade do povo", o dirigente do PT trouxe de volta à baila o problema da relação entre universalismo (o "problema central" da desigualdade) e os particularismos expressos nas demandas de mulheres, indígenas, pessoas negras, LGBTQIA+ e outras.

O problema é que nem a história dessas pautas nem a oposição entre universal e particular são tão simples quanto a afirmação pretende — e entender isso é chave para que a conversa possa avançar.

Universal de quem?

Há uma tensão intrínseca a todo universal, que decorre do fato de que quem o invoca é sempre um particular: quem diz "o humano", por exemplo, é sempre um humano concreto, em circunstâncias concretas que o determinam particularmente como homem ou mulher, jovem ou velho, empregador ou empregado.

Isso gera um questionamento inevitável sobre a possível contaminação do universal pelo particular: quanto da universalidade que identifico não é decalcada das condições concretas em que vivo e, portanto, parte de minha particularidade? Até que ponto o que considero universal não é feito à minha imagem e semelhança? Em que medida o que vejo como objetivamente universal não é, na verdade, meu ângulo subjetivo sobre o mundo —que é objetivo (porque mundo) mas subjetivo (porque ângulo)?

Essa dúvida é parte da estrutura formal do universal. Quem o invoca não só pode sempre ser questionado sobre ela, como jamais terá condições de respondê-la definitivamente —já que, se nossa particularidade contamina nossa percepção do universal, é justamente à medida que não podemos tornarnos plenamente conscientes de sua influência.

Universal para todos

Um momento-chave na constituição teórica do marxismo foi a observação de que o capitalismo é objetivamente produtor de universalidade: não importa a língua ou a cor da pele, ele separa os trabalhadores dos meios de produção e os reduz à capacidade de trabalhar, única coisa que eles têm para vender em troca de condições de subsistência. Era isso que os autores do "Manifesto Comunista" entendiam por proletariado.

Acontece que essa universalidade do trabalhador se firmou inicialmente em ambientes concretos sob circunstâncias concretas. Mais especificamente, na Europa e na América do Norte entre meados dos séculos 19 e 20, quando o proletariado realmente existente era majoritariamente branco, homem, heterossexual, cisgênero, cristão.

Foi quando essa composição social começou a mudar, a partir dos anos 1960, que mulheres, não brancos, gays, imigrantes e outros grupos começaram a apontar que o universal "trabalhador", tal como ele era praticado pela maioria dos sindicatos e partidos, estava contaminado pela particularidade daquilo que o movimento operário fora até ali. Embora a palavra pretendesse designar a universalidade, ela era empregada de maneira restrita.

Em um certo sentido, então, essas eram lutas pela expansão do universal: para livrá-lo do seu decalque em uma certa particularidade e torná-lo mais amplo, inclusivo —mais universal.

Isso era explícito no pensamento de Frantz Fanon, no feminismo negro de Lélia Gonzalez, no debate em torno do trabalho reprodutivo promovido por Silvia Federici e Mariarosa dalla Costa, na Frente de Libertação Gay, na Liga dos Trabalhadores Negros Revolucionários de Detroit.

Porém, mesmo em trajetórias mais tortuosas, como as de Malcolm X e dos Panteras Negras, o nacionalismo negro dos primeiros tempos desaguaria em posições universalizantes como a Coalizão Arco-Íris de Fred Hampton e o comunalismo de Huey Newton.

É verdade que essas lutas nunca deixaram de assumir também a forma de uma afirmação, muitas vezes dura e combativa, da particularidade de mulheres, negros, gays etc., mas essa combatividade tem de ser vista em seu contexto.

Se essas diferenças precisavam ser afirmadas com contundência, era porque haviam sido longamente negadas pelo modo como os universais "trabalhador" e "humano" se confundiram com os interesses e demandas do "padrão" homem branco, heterossexual, cristão, cisgênero, "conservador nos costumes".

Se a contundência às vezes se acirrou a ponto de virar antagonismo foi em grande parte pela reatividade com que partidos e sindicatos a receberam.

Tapando com a peneira

O que explica essa reatividade não é apenas a inércia do hábito.

Ao mesmo tempo que reduz todos os indivíduos à sua força de trabalho, o capitalismo se aproveita das diferentes estratificações no interior do universal "trabalhador" para empurrar salários e condições de vida para baixo, explorando todos mais eficientemente.

Por outro lado, essa estratificação não deixa de oferecer alguma compensação simbólica a quem não está nas camadas mais baixas.

A universalidade hoje não é um ponto de partida conceitual, mas de chegada prática: resultado de um processo contínuo de construção de alianças e relações concretas de solidariedade capazes de efetivamente incorporar, na pragmática política do conceito, todas as particularidades às quais ele pretende se aplicar

Trata-se daquilo que o pensador negro norte-americano W.E.B. Du Bois designou "salário psicológico" e que consiste na possibilidade de experimentar uma superioridade relativa em relação a quem, mesmo com renda igual, está em um degrau inferior: "Eu um sou um pobre explorado, mas pelo menos não sou negro, mulher, gay...".

Dito cruamente, o cálculo de muitos sindicatos e partidos operários foi que, enquanto as "minorias" fossem minoria em termos numéricos, discutir suas opressões específicas não só não trazia vantagens políticas como, ao questionar as pequenas compensações identitárias que o "operário padrão" podia extrair do racismo, sexismo e homofobia, enfraquecia o apoio da maioria.

Ainda hoje, é essa aritmética que com frequência se esconde sob o discurso que justifica escolhas conservadoras alegando um "conservadorismo natural" da classe trabalhadora.

Enxergar lutas pela expansão do universal como divisionismos particularistas foi, então, sintoma da reatividade de quem, em vez de acolhê-las, rechaçou-as como ameaças a uma homogeneidade em vias de desaparecer.

A razão para essa resposta foi, em última análise, a falta de coragem para enfrentar as estratificações do próprio capitalismo — o que implicaria, em nome da solidariedade com trabalhadores pertencentes às "minorias", perturbar hierarquias nas quais o padrão majoritário ocupava posições comparativamente vantajosas.

Pode-se pensar que essa narrativa não se aplicaria a países como o Brasil, onde os brancos nunca foram maioria na força de trabalho. Isso, no entanto, seria esquecer a força de estratificações como o gênero e o fato de que, entre nós, aquilo que historicamente serviu para encobrir as diferenças raciais foi o universal da miscigenação e a ideologia da democracia racial.

Irreversível complexidade

Ainda assim, não é o caso que, meio século depois, o saldo dessas lutas não foi a ampliação, mas a dissolução do universal "trabalhador" —e sua substituição por diversos particularismos?

A resposta é sim apenas se isolamos o primeiro e o último momento de um processo e, descontando tudo que houve no meio, dizemos que um é a causa do outro. É um recurso retórico lamentavelmente comum, haja vista o quanto ainda se escuta que junho de 2013 "causou" a eleição de Jair Bolsonaro.

Mas, de novo, a realidade é mais complexa.

O questionamento do universal "trabalhador" nos anos 1960 e 1970 se deu em um contexto geracional mais amplo de rejeição da rigidez característica do regime fordista instituído ao fim da Segunda Guerra.

A afirmação das diferenças ia de mão com a recusa da disciplina fabril e de papéis sociais fixos, logo também de uma certa imagem do trabalhador. O capitalismo respondeu a essas demandas por autonomia com desregulação e a precarização neoliberal.

Aí está o principal. Não foram as ideias das "minorias" que dissolveram o velho proletariado, mas os arranjos materiais do mundo: o ataque organizado a sindicatos e à legislação trabalhista, a deslocalização das cadeias produtivas e a flexibilização da atividade laboral, que dificultam a solidariedade e a identificação de interesses comuns e o consumo individual garantido pelo acesso a crédito barato e não mais pela renda do salário.

Foi só após essa transformação que se consolidaram correntes identitárias inteiramente divorciadas da análise de classe e da crítica ao capitalismo. Foi então que antigos partidos da classe operária, cuja reatividade alimentara essas tendências no passado, se juntaram a elas nos anos 1990, gestando aquilo que Nancy Fraser chamou de neoliberalismo progressista.

O insight marxista sobre a universalidade da condição de trabalhador no capitalismo segue válido: a exploração e a desigualdade continuam sendo as bases mais amplas sobre as quais construir uma política emancipadora.

Contudo, Humpty Dumpty quebrou e não há como colar-lhe os cacos. A universalidade hoje não é um ponto de partida conceitual, mas de chegada prática: resultado de um processo contínuo de construção de alianças e relações concretas de solidariedade capazes de efetivamente incorporar, na pragmática política do conceito, todas as particularidades às quais ele pretende se aplicar.

É preciso incluir questões como raça e gênero na luta contra a desigualdade econômica tanto quanto pautar a desigualdade na luta contra diferentes opressões. Não há outra saída.

Botar a culpa da insuficiência do conceito em quem a aponta é, assim, triplamente equivocado: porque falsifica a história, porque vai na contramão do trabalho de universalização que é preciso fazer e porque, ao responder reativamente, só reforça a rejeição que diz querer combater no outro lado.

É também, ironicamente, uma forma nostálgica de identitarismo, que se agarra a uma roupagem particular que o universal assumiu no passado para não enfrentar o desafio de ampliá-lo e complexificá-lo no presente. ←

EstúdioFOLHA APRESENTA

FOCO

NOS BAIRROS
MOEMA
VILA NOVA CONCEIÇÃO

Áreas Verdes
Parques e praças levam verde, diversão e bem-estar para a região
Pág. 2

Keiny Andrade/Estúdio Folha

Onde a tranquilidade e a diversão se encontram

Dois dos bairros mais desejados de São Paulo, Moema e Vila Nova Conceição combinam ruas tranquilas e arborizadas com uma ampla oferta de lazer e entretenimento para toda a família

Este é um exemplar cortesia da Folha de S.Paulo - caderno especial Mercado Imobiliário. Distribuição autorizada pelo Artigo 26, parágrafo 2º da Lei 14.517/2007, com nova redação dada pela Lei nº 14.583/2007.
Projeto de Marketing realizado pelo Departamento Comercial da Folha de S.Paulo. Diagramação: Filipe Rocha. Jornalista responsável: Vaguinaldo Marinheiro.

EstúdioFOLHA: APRESENTA

Pedro Guida/Bourbon Street/Divulgação

Bourbon Street

Convite à diversão

Veja o rico cardápio que Moema e Vila Nova Conceição têm a oferecer

Com ruas tranquilas e arborizadas, Moema é considerada umas das melhores regiões para morar em São Paulo. Mescla o clima calmo com uma ampla oferta de comércio e serviços.

Moema é servida pela estação 5-lilás do Metrô, que se conecta às linhas 1-azul e 2-verde e torna mais fácil o deslocamento para diversas áreas da cidade.

A região também é cortada por ciclovias e ciclofaixas e está a poucos minutos do aeroporto de Congonhas.

Parece perfeito? Há muito mais. Suas ruas e seu entorno, como a Vila Nova Conceição, são repletos de atrações que proporcionam entretenimento para toda a família. Confira algumas.

LAZER E COMPRAS

BOURBON STREET
Uma das casas mais conceituadas para ouvir jazz e blues do Brasil. **R. dos Chanés, 127; tel.: 5095-6100**

PRAÇA NOSSA SRA. APARECIDA
Parece uma viagem ao interior de SP. Em frente à bela igreja, a praça é tranquila, bem cuidada, tem brinquedos para crianças e recebe badaladas feiras de artesanato e gastronomia. **Pça. Nossa Sra. Aparecida, s/n**

CASA DO AMAZONAS
Há 35 anos, a loja tem como lema preservar a arte e a cultura do índio brasileiro. Bonecos, esculturas, colares e outros itens são escolhidos com cuidado pelos proprietários. **Al. dos Jurupis, 460; tel.: 5051-3098**

ESCAPE 60
Os participantes desse jogo são trancados em salas temáticas e precisam decifrar pistas para encontrar a saída. **Al. dos Jurupis, 1.479; tel.: 5042-0064**

BEVERLY HILLS COMEDY CLUB
Um dos principais palcos de stand up comedy de São Paulo. Serve porções, lanches e bebidas. **Av. Jurucê, 1.001**

SPA L'OCCITANE
Oferece massagens e outros cuidados para o corpo que proporcionam relaxamento e bem-estar. **Av. Bem-te-vi, 11; tel.: 5093-1117**

RUA NORMANDIA
Atrai visitantes interessados na decoração de Natal, mas é uma atração imperdível durante o ano com suas casas em estilo europeu, clima tranquilo e lojinhas.

CLUBE MONTE LÍBANO
Ótima estrutura para lazer e prática de esportes, com piscina e quadras. **Av. República do Líbano, 2267; tel.: 5088-7070**

SHOPPING IBIRAPUERA
Um dos mais antigos e tradicionais da cidade, oferece mais de 400 opções de lojas e serviços. **Av. Ibirapuera, 3.103**

GASTRONOMIA

LA NONNA DI LUCCA
Restaurante italiano com pratos tradicionais e ambiente acolhedor. Um destaques do cardápio é o Spaghetti Al Formaggio, servido dentro de um queijo. **R. Gaivota, 689; tel.: 99163-9133**

LA VENTANA PARRILLA
Elegante e acolhedor, com adega de vinhos, carnes argentinas nobres e boas sobremesas. **R. Tuim, 61; tel.: 98700-0970**

AL MARE
Entre as especialidades estão a paella Marinera e a Lagosta do Soares, com castanha de cajú, risoto de banana e urucum. **Av. Pavão, 109; tel.: 5041-7179**

RUELLA BISTRÔ
Em uma bucólica ruazinha, serve pratos elaborados como magret de pato ao molho do Porto com purê de cenoura e gengibre e o arroz de lula ao pesto. **R. João Cachoeira, 1.507; tel.: 3842-7177**

ISSHO
Restaurante japonês acolhedor com pratos tradicionais e criativos, como a lula recheada com shimeji e molho teriyaki e o shari (arroz japonês) coberto por cortes de sashimi variados, ovas, polvo, omelete e kani. **Av. Pavão, 326; tel.: 5531-5351**

BRÁZ PIZZARIA
Serve criações como a pizza com base de mussarela, tomate caqui, mussarela de búfala artesanal, folhas de manjericão gigante e pesto de azeitonas pretas. É o sabor mais premiado. **R. Graúna, 125; tel.: 5561-1736**

BECO HEXAGONAL
Experiência imperdível para os fãs de Harry Potter. Serve hambúrgueres, porções, sobremesas e bebidas inspiradas na saga do bruxo. **R. Gaivota, 1.112; tel.: 5096-2955**

Issho/Divulgação

Issho

EstúdioFOLHA APRESENTA

Keiny Andrade/Estúdio Folha

Johnny Mazzilli/Estúdio Folha

Mais verde

O Parque Ibirapuera é a grande atração, mas Moema e arredores também são repletos de parques menores e praças que proporcionam lazer e bem-estar

O Parque Ibirapuera é a grande atração. O cartão-postal de São Paulo é o principal destino dos moradores de Moema e Vila Nova Conceição que buscam diversão, cuidados com o corpo, bem-estar e cultura.

Diariamente, as trilhas e ruas do parque são tomadas por milhares de pessoas que apreciam correr ou caminhar entre as árvores, observando belas paisagens.

Assessorias esportivas dominam o cenário, com grupos animados que encontram no esporte um caminho para manter a boa forma e a qualidade de vida.

O parque tem três grandes percursos para corrida e caminhada com 1,2 km, 3 km ou 6 km.

Os gramados e praças do Ibirapuera também atraem praticantes de ioga, mahamudra e tai chi chuan, entre outras atividades.

O parque oferece ainda quadras poliesportivas, campo de futebol e áreas para prática de skate, patins e bicicleta –a ciclovia tem 2,745 km.

Tudo isso em meio a áreas charmosas e arborizadas, como as praças da Paz, do Porquinho e Burle Marx.

Outra bela atração é o Pavilhão Japonês, inspirado no palácio Katsura, antiga residência de verão do imperador japonês, localizado em Quioto. Já o Jardim das Esculturas reúne 30 obras de artistas brasileiros.

O Ibirapuera também abriga alguns dos mais importantes museus de São Paulo, como o MAM (Museu de Arte Moderna), o MAC (Museu de Arte Contemporânea) e o Museu Afro Brasil, os pavilhões de exposição da OCA e da Bienal e o Auditório Ibirapuera, que recebe principalmente espetáculos musicais e teatrais.

Ao lado do Ibirapuera, há outra charmosa área verde bastante frequentada pelos moradores de Moema.

O Parque das Bicicletas tem 44.545 m² com pistas muito usadas por ciclistas, mas também para corridas e caminhadas e por quem gosta de andar de skate, patins e patinetes.

Já a praça Pereira Coutinho é daqueles tesouros do bairro em que os moradores vão para descansar ou para levar as crianças brincar.

O local conta ainda com um restaurante e um café, que tornam o passeio completo.

Outro ponto muito agradável na Vila Nova Conceição, que faz o morador se sentir em uma viagem de férias, é a praça Cidade de Milão.

Localizada em frente ao viveiro Manequinho Lopes, foi criada em 1962 após assinatura de um acordo que fez de São Paulo e Milão, na Itália, "cidades gêmeas".

Ali está instalada uma fonte, inspirada nas fontes italianas, com réplicas de obras de Michelangelo. O local também tem playground, muito verde e recebe feiras.

Já no Itaim, mas a poucos minutos de Moema e Vila Nova Conceição, está o Parque do Povo, outra agradável área verde da região, com estrutura para prática de esportes e atrações adaptadas para deficientes.

Jamie Dornan deixa '50 Tons' para trás rumo ao cinema de prestígio

Ele concorre neste domingo (9) ao Globo de Ouro de ator coadjuvante pelo drama 'Belfast'

F5

Kyle Buchanan

THE NEW YORK TIMES Jamie Dornan, 39, moveu os dedos pela lareira, rearranjando os restos de cinza que encontrou por lá, como se à procura de alguma atividade simples na qual se concentrar para não ter de pensar sobre uma coisa muito importante que aconteceria no dia seguinte. "Minha esperança é só que não joguem tomates na gente ou peçam que nos guilhotinem", afirmou o ator.

Era o dia anterior à estreia de "Belfast", que conta a história de um menino que cresce na Irlanda do Norte. No dia seguinte ele veria a primeira exibição do filme na cidade que dá nome à obra, onde Dornan viveu nos 19 primeiros anos de sua vida. O ator antecipava o que o pessoal de sua cidade poderia sentir sobre um filme ambientado lá: curiosidade, possessão e disposição de atacar caso "Belfast" desse o menor passo em falso.

"Por melhores que sejam as críticas que consigamos no mundo todo, o que realmente queremos é que as pessoas de Belfast gostem do filme", disse Dornan, se remexendo nervosamente em sua poltrona. "Por isso, as coisas serão interessantes amanhã à noite. Meu Deus, vai ser emocionante!"

As boas críticas no resto do planeta não eram uma referência hipotética. Desde sua primeira exibição, no Telluride Film Festival, em agosto, "Belfast" recebeu reações tão positivas que muitos especialistas o veem como favorito ao Oscar de melhor filme.

Baseado em experiências de infância do diretor e roteirista Kenneth Branagh, o filme acompanha Buddy (Jude Hill), um menino de nove anos, "Pa", seu querido pai (Dornan), e sua mãe ("Ma") muito protetora (Caitriona Balfe), em um esforço para decidir se permanecerão em Belfast depois que a violência sectária irrompe em seu bairro.

O ator Jamie Dornan, 39, durante entrevista sobre o filme 'Belfast'; ele retornou à cidade da Irlanda do Norte, onde viveu até os 19 anos, para lançar o filme Charlotte Hadden/The New York Times

"Belfast" foi filmado em preto e branco, dirigido por um homem cinco vezes indicado ao Oscar e conta com Judi Dench como mãe de Dornan; em outras palavras, fica bem distante da franquia "Cinquenta Tons de Cinza", uma trilogia de sexo que tornou Dornan famoso e, ao mesmo tempo, se tornou um fardo para sua reputação.

Na última vez que Dornan esteve na cerimônia do Oscar como apresentador, em 2017, a presença dele parecia ser um esforço de reconciliação com a audiência. Agora, poucos anos depois, pode ser que ele volte à cerimônia como astro de um dos filmes mais queridos dos votantes.

Conversei com Dornan no começo de novembro, no Soho Farmhouse, um clube privado na região rural da Inglaterra; ele tinha saído de carro da área de Cotswolds, bem próxima, onde mora com a mulher, a compositora e instrumentista Amelia Warner, e as três filhas do casal.

Dornan costuma interpretar sujeitos sólidos e solenes, embora fora das telas ele borbulhe humor irlandês e mal consiga parar quieto. Ele também é brincalhão de uma maneira que os filmes que faz ainda não conseguiram mostrar.

Os olhos dele são de um azul tão escuro que parecem consistir apenas de pupilas, o que empresta à sua presença na tela um ar sobrenatural que seus papéis mais notáveis aproveitam ao máximo. Em "The Fall", série policial da Netflix, e em "Cinquenta Tons de Cinza", mesmo quando seus lábios se retorcem em um sorriso sarcástico, os olhos ainda guardam segredos. "Belfast" explora o olhar etéreo de Dornan ao máximo: quando a família dele está sob ameaça, seus olhos se arregalam, magoados, e depois endurecem, mostrando agressiva determinação.

> **Ele [pai do ator, morto em 2021 pela Covid] era o maior dos homens, muito gentil e maravilhoso, e dava todo seu tempo, honestidade e respeito a quem conhecia. Tentei colocar esses elementos na minha interpretação de Pa [em 'Belfast']**

Sempre que o pequeno Buddy olha para seu pai, é como se estivesse contemplando o sol, e o diretor Branagh reforça esse culto ao herói, filmando Dornan em branco e preto como um galã de cinema do passado. Embora Pa se baseie no pai de Branagh, Dornan o imbuiu de características de seu pai, um homem que ele adorava da mesma maneira quando criança.

Dornan me alerta de que, se falarmos sobre seu pai, pode ser que ele chore. Isso não acontece, mas é o único momento da conversa em que ele para de se mexer. Jim Dornan era um renomado obstetra e ginecologista, além de ser o maior fã do filho. Ele estava muito ansioso por ver "Belfast" —afinal, seu filho trabalharia com Judi Dench—, mas morreu em março de 2021, vítima da Covid-19. Ele tinha 73 anos.

"Ele era o maior dos homens, muito gentil e maravilhoso, e dava todo o seu tempo, honestidade e respeito a todos a quem conhecia", disse Dornan. "Espero que algumas dessas qualidades tenham ficado em mim e estou realmente tentando incorporá-las pelo resto da vida. Tentei colocar muitos desses elementos na minha interpretação de Pa, porque era uma bondade que eu era capaz de reconhecer."

Dornan também estava disposto a usar aquilo que aprendeu desde que se tornou pai. Ele recordou que, em um de seus primeiros grandes papéis, o de um serial killer em "The Fall", o personagem tinha de secar o cabelo da filha depois de um banho; Dornan, que ainda não tinha filhos, passou a toalha na cabeça da menina com tanta força que o produtor da série teve de pedir que parasse.

Embora a esta altura ele tenha vivido mais tempo fora de Belfast do que na cidade, muitas das características do lugar continuam presentes nele. "Quando uso a palavra 'lar', continuo a me referir a Belfast."

> **[Ao lançar o longa na cidade de Belfast] foi a primeira vez que vi o filme e não pensei que odeio minha cara ou coloquei em dúvida minhas escolhas em uma cena ou resmunguei sobre o meu nariz torto ou pensei em deixar de atuar**

Ele saiu da cidade antes de completar 20 anos, três anos depois que sua mãe morreu de câncer no pâncreas. Ele havia passado aquele período desorientado e bebendo demais, e a irmã mais velha, preocupada, decidiu inscrevê-lo em um reality show de modelos. Dornan não ganhou a competição, mas depois de se mudar para Londres ascendeu rapidamente entre os modelos masculinos, o que quer dizer que posou com Kate Moss e namorou Keira Knightley. Antes de uma sessão fotográfica em 2006, ele se lembra de ter passado a noite em claro, em uma festa. "Eu gostaria de dizer que amadureci, de lá para cá, mas não tenho muita certeza de que o fiz."

Isso não é bem verdade. Metade do motivo para que Dornan tenha prosperado como modelo estava no fato de que ele não ligava muito para o trabalho. Sua despreocupação ajudava a vender até mesmo os mais ridículos trajes.

Mas, para ter sucesso como ator, a pessoa precisa realmente se importar. Dornan sempre quis ser ator, mas tinha medo de começar a se importar, e por isso persistiu como modelo até que a carreira começou a incomodá-lo.

"Não acho que ficar parado para que pessoas o fotografem seja algo interessante o bastante para fazer por décadas", disse. "Se isso o satisfaz e você pode dizer sinceramente a você mesmo que está perfeitamente feliz com o que está fazendo, então ótimo. Mas para mim não era assim. Minha sensação era de que aquilo tudo era péssimo."

Quando ele fez a transição para o trabalho como ator e se autorizou a começar a se importar com a profissão, as coisas se tornaram difíceis. A primeira audição foi para o papel de um conde que atrai a atenção de Kirsten Dunst em "Maria Antonieta" (2006), e ele conseguiu o papel imediatamente. Mas ninguém está interessado em ler um perfil sobre um cara bonitão que encontra o sucesso em tudo que tenta fazer, e não foi essa a história de Dornan.

"Tive muita sorte por começar já naquele nível", disse Dornan. "Era aquela sensação estranha —primeiro eles te mostram a cenoura, depois puxam a cenoura para longe e você fica pensando, Jesus, não havia uma cenoura ali um minuto atrás?"

Dornan passou muito tempo à procura de um projeto firme, duradouro, mas quando conseguiu um papel regular em uma série, como um xerife bonitão em "Once Upon a Time", o personagem foi abruptamente assassinado depois de apenas nove episódios.

Foi então que ele conheceu Amelia Warner, a quem vê como figura estabilizadora em sua vida e carreira. Pouco tempo depois de se casarem, Dornan conseguiu o papel de um homicida em "The Fall", trabalho que o colocou sob os olhares dos executivos de elenco de Hollywood que estavam em busca do homem certo para interpretar um belo sádico.

Dornan recorda o que pensava ao contemplar "Cinquenta Tons de Cinza" do ponto de vista de um observador desinteressado: Hollywood estava ansiosa em transformar os livros sacanas de E.L. James em uma franquia de cinema, mas já naquele momento ele tinha a impressão de que as pessoas fariam fila para detonar os filmes quando eles fossem lançados. "E aí um dia você descobre que o cara do filme é você", disse.

Interpretar Christian Grey pelo menos lhe ofereceu certo grau de segurança na carreira, uma garantia de que enfim estava estabelecido? "Não", respondeu Dornan. "Por causa do pacote único que 'Cinquenta Tons' representava, de ser um projeto muito criticado, e os livros serem o que são —amados pelos fãs e severamente atacados pelos críticos. É uma situação única."

Dornan está batalhando para entrar no mundo dos quadrinhos, e já faz algum tempo (ainda antes de "The Fall", ele fez testes para ser Super-Homem e perdeu o papel para Henry Cavill). Conquistar um papel como super-herói, agora, lhe ofereceria a oportunidade de voltar a fazer franquias cinematográficas, mas não como um novato desesperado por encontrar seu espaço e sim como ator estabelecido que já provou o que é capaz de fazer. E ele sabe que esse caminho, embora estreito, existe, porque Robert Pattinson conseguiu segui-lo, deixando para trás o papel de galã de "Crepúsculo" e usando a credibilidade que adquiriu para conquistar o papel título de "The Batman".

"Eu estaria mentindo se não admitisse que acredito que ele e sua equipe fizeram uma jogada realmente inteligente", disse Dornan sobre Pattinson, de quem é amigo. "Tudo que ele fez desde 'Crepúsculo' foi realmente inteligente e cuidadosamente produzido, e filmes como esses não teriam sido financiados com base na presença dele se Robert não tivesse sido parte de uma franquia que faturou bilhões de dólares."

Dornan fala abertamente dos papéis que ambiciona e já conversou com Kevin Feige, presidente do Marvel Studios, sobre vestir a capa e as calças justas de um super-herói.

"Sou mais ambicioso do que costumava admitir", disse Dornan. Parte do motivo é ter se tornado pai. "É como que uma necessidade de prover, de sustentar, um negócio bem homem das cavernas. Preciso ter sucesso para o bem das minhas pequenas. Também, depois da morte de meu pai, há uma nova chama queimando dentro de mim, uma necessidade nova de conquistar o sucesso."

Não é um desejo de conquistar o amor que ele nunca teve da parte de seu pai. "Meu pai dizia que me amava muitas vezes, todos os dias de minha vida, e não é isso que procuro", disse Dornan. "Mas, por algum motivo, desde que ele se foi, sinto uma estranha necessidade de provar alguma coisa a mim mesmo, provar uma espécie de sucessão que impressione."

Poucos dias depois de nossa conversa no clube de campo, falei com Dornan por vídeo para perguntar como tinha sido a estreia em sua cidade natal —"Belfast" deve estrear no Brasil apenas em fevereiro. Ele me contou que a ansiedade tinha crescido muito antes de passar. "Foi uma loucura. Fiquei me sentindo literalmente enjoado até o momento da estreia", disse.

Nos 30 minutos que antecederam o início da sessão, ele estava em seu quarto de hotel, cercado de parentes e amigos, nervoso a ponto de nem conseguir falar. Mas quando caminhou pelo tapete vermelho, se acomodou no Waterfront Hall e começou a assistir ao filme, as coisas mudaram. A audiência ouvia atentamente cada palavra do diálogo e havia eletricidade no ar. Sentado em meio às pessoas de Belfast, o trabalho de Dornan de repente começou a fazer sentido para ele. "Foi a primeira vez que vi o filme e não pensei que odeio minha cara ou coloquei em dúvida minhas escolhas em uma cena ou resmunguei sobre o meu nariz torto ou pensei em deixar de atuar."

Depois do final do filme, quando espectadores o procuraram para longas conversas sobre Belfast e "Belfast", Dornan percebeu que estava vivendo uma das melhores noites de sua vida. E Branagh ajudou, na apresentação, ao dedicar a noite ao pai do ator. "Me mata que ele não esteja comigo nessa parte da jornada, mas a vida é assim", disse Dornan. "Como papai teria nos dito, acima de tudo, o que importa é colocar um pé diante do outro e continuar caminhando."

1

4

1 Jennifer Lawrence e Leonardo DiCaprio, ambos indicados por 'Não Olhe para Cima' 2 Emilia Jones em 'No Ritmo do Coração', que concorre em duas categorias 3 Cena de 'Being the Ricardos', com Nicole Kidman, em um retrato de 'I Love Lucy' 4 Benedict Cumberbatch no faroeste 'Ataque dos Cães', que lidera a premiação com sete indicações 5 Cena de 'Duna', com Timothée Chalamet

5

Leia críticas de alguns dos principais filmes indicados ao Globo de Ouro

Disponíveis no streaming, obras disputam estatueta em edição do prêmio sem público e famosos

SÃO PAULO Neste domingo (9) acontece a cerimônia da 79ª edição do Globo de Ouro. Alvo de uma série de boicotes pela falta de diversidade, a premiação não terá transmissão e nem contará com a presença de celebridades para desfilar no tapete vermelho.

No entanto, é possível encontrar alguns dos principais filmes indicados em serviços de streaming. Confira as críticas desses longas publicadas pela Folha ao longo dos últimos meses.

*

ATAQUE DOS CÃES

Reino Unido/Canadá, 2021. Dir.: Jane Campion. Com Benedict Cumberbatch, Kirsten Dunst e Jesse Plemons. 14 anos. Disponível na Netflix

Indicado nas categorias de filme (drama), roteiro, diretor, trilha sonora, ator (drama), ator coadjuvante e atriz coadjuvante

Estamos no estado americano de Montana, em 1925. O faroeste, a rigor, já acabou. Mas os rancheiros e caubóis continuam a toda nesse oeste distante. Ali estão os irmãos Phil e George Burbank. Ali também está a viúva Rose Gorden e seu filho Peter, que servem o almoço para os peões e seus patrões, os Burbank.

O primeiro a chamar a atenção é Peter, cujos modos delicados despertam a ira dos machões da mesa, comandados por Phil. Peter se defende como pode, os ignora.

George se aproxima da viúva, com quem se casará pouco depois. Phil não aprecia a ideia. Odeia o menino, se notabiliza pela misoginia e vive imerso na lembrança de seu mestre já morto, Bronco Henry.

Começamos a perceber o quanto será difícil dizer que esse conjunto de personagens forma de fato um conjunto. É como se cada um vivesse em um universo próprio.

São todos solitários, unidos só pela beleza da paisagem, que Jane Campion explora com delicadeza. A mesma com que trata seus personagens, por sinal.

Com o tempo, Phil parece abandonar a hostilidade e se dispõe a uma aproximação com o jovem Peter.

A insinuação de homossexualidade do caubói machão é evidente —mas está longe de ser o essencial do filme. A insinuação em relação ao jovem Peter é bem mais estranha, pois de início ele parece afeminado e vai perdendo isso com o tempo.

E mesmo a aproximação com Phil pode se associar menos a uma ligação de natureza sexual entre os dois do que a uma pérfida vingança contra o homem que maltratou a ele e à sua mãe.

Esse último item decorre de algumas associações que envolvem de dissecação de animais e uma revista de cultura física.

É de se levar em consideração que nos últimos tempos tem sido bastante exposta a tendência a relações gays em locais enclausurados, tanto quanto no campo aberto, onde há ausência feminina.

Jane Campion é enfática a esse respeito, mas não esquece as virtudes da elegância. Nem perde de vista por isso o conjunto de seu filme. Sim, existem gays, no filme e fora dele, mas é como se Campion nos lembrasse que sua existência não se limita à orientação sexual.

Por fim, os últimos anos têm sido pródigos em faroestes surpreendentemente inovadores. "Ataque dos Cães" é bem interessante, embora bem menos instigante do que filmes como "Vingança e Castigo" ou "O Atalho" e "First Cow". **Inácio Araujo**

Texto publicado em 8 dez.21

KING RICHARD – CRIANDO CAMPEÃS

EUA, 2021. Dir.: Reinaldo Marcus Green. Com Will Smith, Aunjanue Ellis, Saniyya Sidney e Demi Singleton. 12 anos. Disponível no HBO Max

Indicado nas categorias de filme (drama), canção original, ator (drama) e atriz coadjuvante

"Você é a pessoa mais teimosa que já conheci na minha vida. E eu treino McEnroe". A frase é proferida pelo treinador Paul Cohen, que, sim, treinou John McEnroe e Pete Sampras, entre outros. O tal teimoso é Richard Williams, protagonista da cinebiografia "King Richard – Criando Campeãs".

As campeãs do título são Venus e Serena Williams, filhas de Richard, e duas das maiores tenistas da era aberta do tênis.

O grande acerto do drama dirigido por Reinaldo Marcus Green é focar a biografia não nas meninas, mas no pai, personagem obcecado e polêmico defendido por Will Smith.

Richard viu uma vez em casa uma tenista recebendo um cheque de US$ 40 mil pelo título em um torneio menor. Valor que ele precisava trabalhar quase um ano para arrecadar. Enxergou uma oportunidade e desenvolveu um plano, antes mesmo de ter as filhas que iriam executá-lo.

Desde cedo treinou as meninas para serem as tenistas mais dominantes do esporte. Richard era um autodidata. Comprava revistas sobre tênis, que falava das técnicas dos grandes nomes do esporte, e assimilava cada detalhe.

Quando ele consegue finalmente mostrar o talento das meninas para o treinador Paul Cohen, elas ainda tinham 11 (Venus) e 10 (Serena) anos.

O roteiro se aplica ao mostrar a dura rotina, a luta so-

Continua na pág. 3

Fotos Divulgação

Continuação da pág. 2

cial e racial, mas sem fugir do convencional. Também cai em alguns clichês dramáticos.

É bom lembrar que os nomes de Venus e Serena Williams estão entre os produtores. O que significa que é uma cinebiografia chapa-branca. Somos apresentados ao lado mais lúdico e quase visionário de Richard, deixando algumas polêmicas ou contradições "en passant". **Sandro Macedo**

Texto publicado em 1º.dez.21

NÃO OLHE PARA CIMA

EUA, 2021. Dir.: Adam McKay. Com Leonardo DiCaprio, Jennifer Lawrence e Meryl Streep. 16 anos. Disponível na Netflix

Indicado nas categorias de filme (comédia ou musical), roteiro, ator (comédia ou musical) e atriz (comédia ou musical)

Houve um tempo em que os filmes satíricos não eram óbvios. Nos anos mais recentes, assistir a "Clube da Luta", de David Fincher, ou ao primeiro "Borat", com Sacha Baron Cohen, era comprovar que o gênero estava vivo.

O diretor Adam McKay não pertence a esse restrito clube. O seu "Vice", paródia do ex-vice-presidente Dick Cheney, só tinha salvação por causa de um ator de gênio, Christian Bale. "Não Olhe para Cima", que agora estreou na Netflix, está uns pontos abaixo de "Vice". O que significa que não tem salvação alguma.

Eis a história: um cometa gigante está em rota de colisão com a Terra. Os cientistas fazem os cálculos e vaticinam: a humanidade tem 6 meses e 14 dias até à aniquilação total. Mas como é possível salvar a espécie humana quando ela persiste em não olhar para os fatos?

Pior, muito pior: a presidente dos Estados Unidos, uma espécie de Donald Trump de saia, despreza o conhecimento científico. E, para que nenhum clichê seja esquecido, a mídia também não ajuda. Será que vale a pena salvar um mundo assim?

É essa a pergunta que formulei durante todo filme, o que me levou a sentir uma simpatia imediata pelo cometa. Até torci por ele: "Vem, meu bem, e destrói tudo."

Existem os fatos: o planeta aquece, a humanidade contribui para esse aquecimento, e a Terra pode virar inabitável no médio prazo. Mas nós, pecadores, não queremos expiar esses pecados. Se assim é, será que merecemos salvação?

Como é evidente, não só merecemos como, pelo menos no Ocidente, fazemos incomparavelmente mais pela sustentabilidade do planeta do que países como a China, a Índia ou a Rússia.

A dicotomia primitiva entre "apocalíticos" e "negacionistas" é a coisa mais anticientífica que existe. A discussão científica sobre o clima faz-se com modelos hipotéticos, dos mais extremos aos mais moderados.

Isso coloca o filme numa situação paradoxal: como é possível apresentar os cientistas do filme como a minoria iluminada quando as preocupações que os animam são, na verdade, as preocupações da maioria que tem voz e poder?

A sátira, por definição, incomoda os poderosos. Mas, excetuando os órfãos de Donald Trump ou os zumbis de Bolsonaro, quem se sente incomodado com o filme?

"Não Olhe para cima" é mera pregação aos convertidos. Tivesse Adam McKay optado por um filme sobre os crimes ambientais de Vladimir Putin, Narendra Modi ou Xi Jinping e talvez a sua sátira fosse a denúncia corajosa que o tema merece. **João Pereira Coutinho**

Texto publicado em 24.dez.21

DUNA

Dir.: Denis Villeneuve. Com Timothée Chalamet, Rebecca Ferguson, Zendaya e Oscar Isaac. Disponível no HBO Max

Indicado nas categorias filme (drama), diretor e trilha sonora

Escrito em 1965, "Duna" se tornou um clássico instantâneo da ficção científica, ajudando inclusive a fundar o movimento da new wave, ou ficção científica "soft".

A new wave se caracterizou pelo abandono da fé cega à ciência, às descrições minuciosas de armas ou funcionamento das viagens estelares, os detalhes da biologia de espécies alienígenas et cetera. Um dos pontos mais fortes dessa onda, visto em diversos livros, era a existência de uma figura messiânica.

No caso, esse messias parece ser Paul Atreides, em interpretação contida e impressionante de Timothée Chalamet. Ele é o herdeiro da Casa Atreides, num universo que mistura uma organização política medieval com uma tecnologia pouco exuberante, embora haja naves espaciais.

Esse medievalismo, com uma hierarquia rígida, facilita a compreensão da trama. Obviamente, "Duna" foi concebido como um blockbuster e, como tal, há um maniqueísmo inerente ao gênero. A Casa Atreides é um exemplo de honra e dignidade, quase obrigando o espectador a ver seus integrantes como os heróis.

No início da trama, o duque Leto Atreides recebe um novo feudo do imperador, o planeta Arrakis. Coberto totalmente por um deserto, por isso apelidado de Duna, o planeta é o único no universo que produz a especiaria que possibilita as viagens espaciais. A mãe de Paul, vivida por Rebecca Ferguson, faz parte de uma ordem de feiticeiras que, nos bastidores, tenta traçar as rotas políticas do império.

No entanto, há uma questão que se impõe. Além de gigantescos vermes que vivem sob as areias do deserto, Duna também tem seus habitantes humanos, chamados de fremen. E a chegada dos Atreides por ali os põe como colonizadores interessados nas riquezas de uma terra bárbara.

Os fremen são claramente caracterizados como árabes. Tem pele escura, usam véus de beduínos, falam uma língua de raízes árabes, inclusive no livro original, e se organizam de forma tribal, com espaço para desafios másculos pela liderança. Resta pouca dúvida de que há uma metáfora clara entre o Oriente Médio e o seu precioso petróleo, disputado a tapas pelas potências ocidentais.

Do outro lado do espectro, temos a Casa Harkonnen, que, por 80 anos, controlou Duna e faturou muito dinheiro com a especiaria. Violentos, sem preocupação com os fremen e ávidos por recuperar Duna, são os vilões que se espera de uma ópera espacial. O barão Vladimir Harkonnen, aliás, em interpretação assustadora do sueco Stellan Skarsgard, é um dos vilões mais temíveis já vistos no cinema atual.

Quando Herbert escreveu "Duna", a obra foi vista como um romance ecológico. Hoje, é possível dizer que tem preocupações ambientais, mas um grande desafio para o filme neste século será tratar das relações entre conquistadores e conquistados da forma que o nosso tempo exige.

"Duna" não está sendo vendido com um filme em duas partes, mas ele é. Ele termina abruptamente quando Paul faz contato com os fremen. "Duna 2", que já está em pré-produção, não é uma nova aventura, mas a conclusão da novela original de Herbert.

Com duplo sentido, o filme traz um elenco estelar. O visual é fantástico. Villeneuve apresenta cenários e naves gigantescos e, ao mesmo tempo, minimalistas. A música, entre militar e fúnebre, é outro ponto alto de "Duna". **Ivan Finotti**

Texto publicado em 20.out.21

BEING THE RICARDOS

EUA, 2021. Dir.: Aaron Sorkin. Com Nicole Kidman, Javier Bardem, Nina Arlanda e J. K. Simmons. 16 anos. Disponível no Amazon Prime Video

Indicado nas categorias ator (drama), atriz (drama) e roteiro

Lucille Ball foi a primeira superstar surgida na televisão. Atriz de sucesso mediano no cinema, ela viu os papéis minguarem à medida que se aproximava dos 40 anos de idade. Migrou para o rádio e depois agarrou a chance de ter sua própria série no que era um novo meio de comunicação.

Mas impôs uma condição — seu parceiro na sitcom seria seu marido, o músico cubano Desi Arnaz. A princípio, os executivos da rede CBS eram contrários à ideia, mas acabaram cedendo. "I Love Lucy" entrou no ar em 1951, mostrando as atribulações do casal Lucy e Ricky Ricardo. Um ano depois, já era o programa mais visto dos Estados Unidos, atraindo 60 milhões de espectadores toda semana.

"I Love Lucy" está incorporado ao DNA cultural americano. Por isso, chega a ser surpreendente que Lucille Ball e Desi Arnaz ainda não tivessem merecido uma cinebiografia.

Este filme agora existe. É "Being the Ricardos". Escrito e dirigido por Aaron Sorkin, de "Os 7 de Chicago", o longa não segue a linha "do berço ao túmulo". Tem uma estrutura parecida com a de "Judy", de 2019. Ou seja, retrata um determinado momento da carreira de seus biografados, entremeado por flahsbacks.

Nicole Kidman substituiu Cate Blanchett, inicialmente escalada. Não faltou quem reclamasse que uma escolha melhor seria Debra Messing, da série "Will & Grace", de fato muito parecida com Lucille Ball. Mas Kidman não busca a semelhança física com sua personagem. Prefere evocar Ball através de gestos e entonações de voz — e se sai bem.

Na verdade, interpreta dois papéis diferentes, o de Lucille Ball, a atriz de temperamento forte, e o de seu alter ego Lucy Ricardo, a dona de casa atrapalhada que sonhava com uma carreira no showbiz.

Javier Bardem, então, não lembra em nada o verdadeiro Desi Arnaz. Mas o ator espanhol entrega uma performance totalmente convincente. Seus números musicais em nightclubs são arrebatadores, e ele ainda traz um calor que contrasta com a frieza habitual de Kidman.

A ação se passa ao longo de uma única semana. Acompanhamos todo o processo de produção de um episódio, da leitura de mesa na segunda-feira até a gravação na sexta. Mas o show pode parar a qualquer momento, engolfado por uma tempestade perfeita de problemas.

Somemos a isso os perrengues habituais de qualquer set de filmagem — piadas que não funcionam, ensaios exaustivos, picuinha entre os atores. É preciso ter um especial interesse pelos meandros da televisão para se entreter com essas cenas, que podem espantar o público leigo.

Também é questionável se os jovens brasileiros de hoje sabem quem foi Lucille Ball. "I Love Lucy" sumiu há tempos da nossa TV aberta e não está disponível em nenhum serviço de streaming. É uma pena. É simplesmente a nave-mãe de todas as sitcoms, a que consolidou o gênero e desenhou o mapa a ser seguido.

"Being the Ricardos" não chega a fazer justiça à glória que foi "I Love Lucy", mas cumpre a tarefa de revelar detalhes íntimos da relação entre Lucille Ball e Desi Arnaz. Que, aliás, não durou muito — o casal acabou se divorciando em 1960. **Tony Goes**

Texto publicado em 23.dez.21

NO RITMO DO CORAÇÃO

EUA/França, 2021. Dir.: Sian Heder. Com Emilia Jones, Marlee Matlin e Troy Kotsur. 14 anos. Disponível no Amazon Prime Video

Indicado nas categorias filme (drama) e ator coadjuvante

Em outros tempos não era para esperar por isso, um filme como "No Ritmo do Coração" levando uma penca de prêmios em Sundance, o grande festival de filmes independentes dos EUA, encantando a plateia e sendo disputado a tapa por vários streamings. Seria mais um filme para Hollywood, qualquer grande estúdio mobilizaria suas estrelas para o produzir e garantiria a ele um belo circuito para exibição.

Os elementos estão todos ali, uma família pobre de pescadores; uma garota que se sente deslocada na sua escola e tem vergonha da família; o talento musical que ela revela de repente e sua dificuldade para escolher entre ir para uma faculdade e ficar para ajudar a família.

Alguns dados a acrescentar — o pai, a mãe e o irmão da jovem Ruby são surdos, o que já nos leva ao lado inclusivo do filme. Ao menos os pais constituem uma estranha mistura de hippies, pelos sentimentos e aspiração a uma vida livre, e "white trash", ou seja, brancos pobres um tanto perseguidos pelas regulações do Estado.

Toda a trama principal passa por aí. Ruby precisa desenvolver sua grande habilidade, que é cantar, num grupo familiar que precisa desesperadamente dela para intermediar suas relações com o mundo áspero dos que escutam.

A única oportunidade na vida da garota surge com o rigoroso — e de início um tanto afetado — professor de música, que reconhece o seu talento. Mas como fazer?

O professor é exigente, não permite que ela se atrase. Ruby, porém, precisa acordar de madrugada e gramar no barco da família, explorada pelos intermediários.

Estamos, então, numa espécie de mistura entre o Visconti de "A Terra Treme" e algo como "A Noviça Rebelde". No caso, Ruby se divide entre a família com suas necessidades imediatas e o futuro incerto na música.

Mas não estamos no ponto em que ela luta para se destacar entre outros talentos. Seu destino está entre tutelar as relações da família ou se desenvolver numa escola superior, com bolsa de estudos, coisa em que ela jamais poderia pensar. Eis a questão.

Em resumidas contas, eis um filme que em outros tempos se chamaria de água com açúcar, uma coisa simpática, bem intencionada, inócua e, sobretudo, emocional. Mas por que um filme com esses elementos um tanto triviais, até mesmo ultrapassados, provocaria tamanha comoção justamente em Sundance — e nos streamings?

Digamos que é um filme competente em vários aspectos, inclusive na escolha da suave atriz principal. Ele também corre sem grandes sobressaltos, nos introduzindo a um mundo pouco conhecido — uma pequena comunidade de pescadores no nordeste dos Estados Unidos.

À ideia de trabalhar com a garota talentosa de família pobre se acrescentam os problemas familiares, que são físicos. A questão central, mais do que o sucesso ou não da garota em seu intento vocal, é a permanência da família unida. Isso está acima de tudo.

Os personagens que circulam pelo filme são todos invariavelmente bons. Claro, por vezes dão suas mancadas, ou pensam mais em si próprios do que nos outros. O bastante para que o espectador não pare de ver o filme ou durma e para que se sinta comovido de tempos em tempos.

Enfim, "No Ritmo do Coração" é um filme agradável e inofensivo, bem apropriado a um tempo em que o cinema, menos do que propor questões, busca confortar pessoas acossadas por pandemia, desemprego e similares. **Inácio Araujo**

Texto publicado em 22.set.21

O jornalista etíope Eskinder Nega é carregado após sair da prisão em 2018; ele foi preso novamente em 2020, e governo anunciou que será solto neste ano Yonas Tadesse - 14.fev.18/AFP

Etiópia libera presos políticos e promete diálogo pela paz

Centenas de pessoas já morreram em conflito que dura mais de um ano e deixou milhões de desabrigados

MUNDO

ADIS ABEBA | REUTERS O governo da Etiópia disse na sexta-feira (7) que iniciará um diálogo com figuras da oposição, no que pode ser considerado um primeiro sinal emitido por lideranças no poder para buscar dar fim na guerra civil que assola o país há mais de um ano. O conflito já deixou centenas de mortos e milhões de desabrigados e famintos.

A mensagem do gabinete do premiê Abiy Ahmed, porém, dá a entender que a guerra foi vencida por Adis Abeba. "A chave para uma paz duradoura é o diálogo", afirma o comunicado divulgado pelo escritório de comunicações do governo. "Uma das obrigações morais do vencedor é a misericórdia."

À promessa de diálogo se seguiu a libertação de alguns prisioneiros políticos, segundo a emissora estatal EBC. Entre eles, está Sebhat Nega, cofundador da TPLF (Frente de Libertação do Povo do Tigré), grupo que disputa o poder com o governo central. Também foi solto Abay Weldu, ex-presidente da região de Tigré, principal reduto da oposição armada contra Ahmed.

O governo ainda anunciou a soltura do líder do partido de oposição Balderas pela Democracia Genuína, Eskinder Nega, preso há um ano e meio acusado de terrorismo. O ex-blogueiro e jornalista dissidente foi detido depois de tumultos em protestos pelo assassinato do cantor e ativista Haacaaluu Hundeessaa, em junho de 2020, na capital do país. O artista era reverenciado por muitos oromos, o maior dos cerca de 80 grupos étnicos que compõem a Etiópia.

Eskinder, que é da etnia amhara, foi condenado com mais de uma dezena de outros ativistas, incluindo o influente empresário de mídia e político oromo Jawar Mohammed, também anistiado na sexta. Em meio aos protestos de 2020, ao menos 178 pessoas foram mortas em Adis Abeba e na região de Oromiya, coração político do primeiro-ministro.

Em agosto do ano passado, um grupo insurgente mais ativo, o Exército de Libertação Oromo, anunciou uma aliança com a TPLF na luta contra as tropas de Ahmed. Meses depois, em novembro, os insurgentes anunciaram ter avançado sobre outras regiões do país e consideraram marchar até Adis Abeba, o que assustou o governo central.

Dias antes, o premiê Abiy Ahmed havia declarado estado de emergência de seis meses e pedido para que a população pegasse em armas para se defender. O avanço dos rebeldes, porém, não durou muito, e as tropas centrais conseguiram recuperar parte do território. No mês passado, as forças de Tigré se retiraram das regiões vizinhas.

O premiê vem sendo alvo de críticas do Ocidente por capitanear um conflito meses depois de ter vencido o Prêmio Nobel da Paz, em 2019.

A TPLF dominou a política nacional por quase três décadas, mas perdeu influência depois de o atual primeiro-ministro assumir o cargo, em 2018. As relações com a frente de Tigré azedaram depois que Ahmed foi acusado de centralizar o poder às custas das administrações regionais do país — o que ele nega.

O sinal de reconciliação desta sexta vem dois dias depois de um ataque aéreo atingir um campo de refugiados e matar três pessoas, incluindo duas crianças, em Tigré. De acordo com as Nações Unidas, o ataque atingiu o campo de Mai Aini, onde vivem principalmente refugiados da Eritreia. Outros quatro migrantes ficaram feridos.

Não se sabe quem executou o ataque, mas apenas o governo central tem poder aéreo na região. Adis Abeba nega o envolvimento em mortes de civis.

Cerca de 150 mil refugiados eritreus vivem na Etiópia e alguns sofrem nas mãos de tropas dos dois lados do conflito. Uma investigação da Reuters, em novembro, revelou que vários refugiados foram assassinados propositalmente, enquanto outros são estuprados por gangues e saqueados, tanto pela TPLF como pelas forças da Eritreia, que apoiam o governo federal da Etiópia.

Segundo levantamento de agências humanitárias, ao menos 146 pessoas morreram e 213 ficaram feridas devido aos ataques aéreos em Tigré, desde 18 de outubro. O documento foi baseado em evidências coletadas por trabalhadores regionais, bem como depoimentos de testemunhas. O ataque mais mortal ocorreu no último dia 16, em Alamata, quando 38 morreram e 86 ficaram feridos.

A comunidade internacional e organizações não governamentais ainda têm denunciado o bloqueio, por parte do governo de Ahmed, de ajuda humanitária na região. No maior hospital de Tigré, em Mekelle, faltam produtos básicos, como gaze e fluidos intravenosos, o que tem contribuído para a morte de crianças. "Assinar atestados de óbito se tornou nosso trabalho principal", disse um dos médicos do lugar a agências internacionais de ajuda humanitária.

> **Assinar atestados de óbito se tornou nosso trabalho principal**
>
> um dos médicos do maior hospital de Tigré, em Mekelle, onde faltam produtos básicos, como gaze

A apresentação do profissional incluiu resumos de casos, listas de remédios e suprimentos médicos perdidos e fotografias de pacientes feridos e desnutridos. Os médicos ainda identificaram 117 mortes e dezenas de complicações, incluindo infecções, amputações e insuficiência renal, alegadamente relacionadas à escassez de medicamentos e equipamentos essenciais.

O governo central reiterou na segunda (3) que nenhum bloqueio foi imposto. "O que está acontecendo em Tigré atualmente é responsabilidade exclusiva da TPLF", disse o porta-voz Legesse Tulu. Ele ainda acusou os insurgentes de saquearem equipamentos e remédios em mais de uma dúzia de hospitais, além de cem centros de saúde.

Nesta sexta, o secretário-geral da ONU, António Guterres, chamou a decisão do governo central de liberar presos políticos de "passo significativo de fortalecimento da confiança" e disse esperar a melhoria no acesso humanitário a todas as áreas afetadas.

Para atender as necessidades da população local, segundo as Nações Unidas, ao menos cem caminhões de ajuda deveriam entrar em Tigré todos os dias. A realidade, porém, é outra: menos de 12% desse valor chegou desde julho de 2021.

Enquanto isso, a ONU alerta que mais de 90% dos 5,5 milhões de habitantes da região precisam de assistência humanitária e 400 mil vivem em condições de fome.

Vacina de Covid pode atrasar a menstruação, diz estudo

Mulheres relataram que seus ciclos ficaram irregulares após a imunização

SAÚDE

Roni Caryn Rabin

THE NEW YORK TIMES Pouco após a chegada das vacinas contra o coronavírus, há cerca de um ano, mulheres começaram a alertar que seus ciclos menstruais ficaram irregulares depois do imunizante.

Algumas disseram que a menstruação atrasou. Outras relataram ter tido sangramento mais intenso ou doloroso. Algumas mulheres na pós-menopausa, que não menstruavam havia anos, informaram que tinham voltado a sangrar.

Um estudo publicado na quinta-feira (6) descobriu que, de fato, os ciclos menstruais de algumas mulheres mudaram depois da vacinação contra a Covid. Segundo os autores do estudo, as mulheres inoculadas tiveram ciclos menstruais um pouco mais longos depois de receberem a vacina, comparadas com mulheres não vacinadas.

A menstruação atrasou em média um dia para chegar, mas não durou mais que o normal. E o efeito foi passageiro —a duração dos ciclos voltou ao normal após um ou dois meses. Por exemplo, uma mulher com ciclo menstrual de 28 dias que começa com sete dias de sangramento ainda começava o ciclo com sete dias de sangramento, mas o ciclo todo durava 29 dias. O ciclo menstrual termina quando começa a menstruação seguinte. Um ou dois meses após a vacinação, o ciclo voltava aos 28 dias habituais.

O atraso foi mais pronunciado em mulheres que receberam as duas doses da vacina no mesmo ciclo menstrual: dois dias após o prazo normal.

Publicado no periódico Obstetrics & Gynecology, o estudo é um dos primeiros a fundamentar relatos empíricos de mulheres dizendo que seus ciclos menstruais mudaram após a vacinação, disse Hugh Taylor, diretor do departamento de obstetrícia, ginecologia e ciências reprodutivas da Escola Yale de Medicina.

Ele destacou que as modificações constatadas no estudo não foram significativas e que parecem ser transitórias. "Queremos dissuadir as pessoas de acreditar nos falsos mitos que circulam por aí sobre efeitos na fertilidade", disse Taylor. "Um ou dois ciclos em que a menstruação difere um pouco do habitual podem ser irritantes, mas não prejudicam ninguém do ponto de vista médico."

Mas ele transmitiu uma mensagem diferente a mulheres na pós-menopausa que apresentam sangramento vaginal, mesmo leve, após serem vacinadas ou não, avisando que elas podem ter uma condição médica séria e precisam passar por avaliação.

Uma desvantagem séria do estudo, que enfocou mulheres residentes nos Estados Unidos, é que a amostra não foi nacionalmente representativa e não pôde ser generalizada para a população como um todo. Os dados foram fornecidos por uma companhia chamada Natural Cycles, que produz um aplicativo que acompanha a fertilidade. Suas usuárias são em média mais brancas e com nível de instrução superior, comparadas à população como um todo. Além disso, são mais magras que a média das mulheres americanas (o peso corporal pode afetar a menstruação) e não usam contraceptivos hormonais.

> Queremos dissuadir as pessoas de acreditar em falsos mitos sobre efeitos na fertilidade. Um ou dois ciclos em que a menstruação difere do habitual não prejudicam ninguém
>
> **Hugh Taylor**
> diretor do departamento de obstetrícia, ginecologia e ciências reprodutivas da Escola Yale de Medicina

Os resultados do estudo devem ser tranquilizadores para as mulheres em idade fértil, disse Diana Bianchi, diretora do Instituto Nacional Eunice Kennedy Shriver de Saúde Infantil e Desenvolvimento Humano (NICHD). O Escritório de Pesquisas sobre Saúde da Mulher, dos Institutos Nacionais de Saúde, e o NICHD ajudaram a financiar o estudo, além de pesquisas relacionadas promovidas pela Boston University, a Harvard Medical School, a universidade Johns Hopkins e a Michigan State University. "Seus médicos podem dizer: 'Se você tiver um dia a mais de sangramento, é normal, não algo para se preocupar'", disse Bianchi.

O estudo foi realizado por pesquisadores da Oregon Health & Science University e da Warren Alpert Medical School da Brown University, em cooperação com pesquisadores da Natural Cycles, cujo aplicativo é usado por milhões de mulheres em todo o mundo.

Dados não identificados de usuárias que concordaram que suas informações fossem incorporadas à pesquisa ofereceram grande volume de evidências de como os ciclos menstruais mudaram na pandemia. Os pesquisadores analisaram as informações de quase 4.000 mulheres que monitoraram sua menstruação em tempo real, incluindo 2.400 mulheres vacinadas contra a Covid e cerca de 1.550 não vacinadas. Todas eram residentes nos EUA, na faixa dos 18 aos 45 anos, e monitoraram seus ciclos por ao menos seis meses.

No caso das mulheres vacinadas, os pesquisadores examinaram os três ciclos anteriores e os três posteriores à vacina para flagrar alterações, comparando as informações com outras, também colhidas ao longo de seis meses, de mulheres não vacinadas.

Ao todo, a vacinação foi vinculada a menos de um dia completo de alteração na duração do ciclo menstrual após cada uma das duas doses de vacina, em comparação com os ciclos anteriores à imunização. O grupo não vacinado não apresentou alterações significativas em seis meses.

Estudos futuros usando os dados vão examinar outros aspectos da menstruação, por exemplo se os sangramentos foram mais pesados ou dolorosos após a vacinação.

Não está claro por que o ciclo menstrual pode ser afetado pela vacinação, mas a maioria das mulheres com menstruação normal ocasionalmente tem um ciclo incomum. Hormônios liberados pelo hipotálamo, a glândula pituitária e os ovários regulam o ciclo menstrual e podem ser afetados por fatores ambientais, estresse e mudanças na vida.

Os autores disseram que as mudanças observadas no estudo não foram causadas por condições ligadas à pandemia, dado que as mulheres do grupo não vacinado também estavam vivendo na pandemia.

Tradução de Clara Allain

Profissional da saúde prepara dose de vacina contra a Covid-19 em posto de imunização em Santiago, no Chile Javier Torres - 23.dez.2021/AFP

Chile é primeiro país da América Latina a oficializar 4ª dose

SANTIAGO | REUTERS E AFP O Chile anunciou na quinta-feira (6) que vai iniciar a aplicação da quarta dose da vacina contra a Covid-19 já nos próximos dias. Os imunizantes estarão disponíveis para imunodeprimidos a partir do próximo dia 10 e para maiores de 55 anos em 7 de fevereiro.

Em novembro, o subsecretário responsável pela compra de vacinas no governo chileno, Rodrigo Yañez, já havia falado da intenção de disponibilizar a quarta dose ainda no primeiro semestre de 2022.

A oficialização foi anunciada pelo presidente Sebastián Piñera, que se despede em março do cargo. "Uma pessoa sem proteção completa tem seis vezes mais risco de se infectar e 20 vezes mais de ser internada na UTI do que uma pessoa com a dose de reforço", disse, acrescentando que a experiência mostra que a eficácia das vacinas e das doses de reforço diminui com o tempo.

Inicialmente, a aplicação nesta segunda-feira, conforme explicou o governo, será para pessoas imunodeprimidas com 12 anos ou mais. Depois, o reforço será estendido aos maiores de 55 anos que tenham completado seis meses desde a última aplicação.

Atualmente, segundo a plataforma Our World in Data, ligada à Universidade de Oxford, o Chile tem 86% da população com o primeiro ciclo vacinal completo e 57% já receberam uma dose de reforço.

O país tem uma das taxas de vacinação mais altas do mundo —no Brasil, os mesmos índices são, respectivamente, de 67% e 13%. "Com a quarta dose, procuramos manter essa posição de liderança e proteger a saúde e a vida dos nossos compatriotas", disse Piñera.

De acordo com o ministro da Saúde do país, Enrique Paris, o novo reforço será dado por meio de um sistema de combinação entre os imunizantes Pfizer, Sinovac (no Brasil, Coronavac) e AstraZeneca, já aplicados no país. "O uso de diferentes vacinas entre a primeira e a quarta dose deve permitir uma melhora na resposta imunológica [das pessoas]", explicou.

O Chile tinha, nos últimos meses, visto o quadro de contágios se estabilizar, mas o surgimento da variante ômicron fez o número de casos disparar —como tem acontecido na Europa, nos EUA e em outros países da América Latina, como México, Peru e Brasil. Na quinta-feira, a Argentina registrou, pelo terceiro dia seguido, recorde no número de casos, totalizando quase 110 mil contaminações e 40 mortes em 24 horas.

> Com a quarta dose, procuramos manter essa posição de liderança [nos números da vacinação] e proteger a saúde e a vida dos nossos compatriotas
>
> **Sebastián Piñera**
> presidente do Chile

No Chile, o anúncio da quarta dose vem em meio a recordes de infecções nos últimos seis meses. Nesta quinta-feira, o país contabilizou 3.134 novos infectados e 30 mortes decorrentes da Covid.

Em seu anúncio, porém, Piñera fez questão de ressaltar a tendência de queda no número de óbitos. O presidente chileno comparou os índices atuais com os do último 8 de julho, quando foi registrada uma cifra diária de contágios similar à de hoje, em torno de 3.000 casos confirmados.

À época, 2.167 pessoas precisavam de ventilação mecânica, enquanto hoje são 404. A cifra de mortes estava em 186, mais de seis vezes a atual. De acordo com a Reuters, o Chile é o primeiro país da América Latina a oficializar a quarta dose da vacina para pessoas sem comorbidades. No Brasil, o Ministério da Saúde autorizou, em dezembro, a segunda dose de reforço para imunossuprimidos.

Israel também aprovou, no final de 2021, a quarta dose para imunodeprimidos, pessoas com mais de 60 anos ou profissionais de saúde —a aplicação para mais grupos depende de aprovação do governo. No país, a orientação é para que os elegíveis recebam a quarta injeção ao menos quatro meses após a terceira.

Mini-Fusca de criança é guinchado em SC

Polícia Militar cobrou licenciamento de veículo motorizado de garota de sete anos, mas mãe tinha apenas nota fiscal

Wesley Faraó Klimpel

FLORIANÓPOLIS O primeiro dia de 2022 deixou memórias ruins para a família de Simone França, 40. Seu marido e sua filha, de 7 anos, estavam passeando em um mini-Fusca em Itapoá (a 250 km de Florianópolis) quando o veículo foi apreendido e guinchado pela Polícia Militar de Santa Catarina.

De acordo com a PM, o mini-Fusca, por ser motorizado e movido a gasolina, ao circular em uma via pública, recebe o tratamento como um veículo automotor, conforme o Código de Trânsito Brasileiro.

"Estava sendo conduzido sem as devidas condições de segurança, sem a documentação necessária (licenciamento) e dirigido por pessoa não habilitada, que acarretam na remoção do mesmo, além das autuações pertinentes", diz em nota a corporação.

Segundo Simone, sua filha estava acompanhada do pai no mini-Fusca conversível, e tanto o carro da frente quanto o de trás eram da família, fazendo a segurança do veículo, com pisca-alerta ligado.

Quando o veículo foi abordado, a empresária afirma que tentou apresentar ao policial a nota fiscal do modelo, que é voltado ao público infantil, mas ele cobrou o licenciamento e disse que já havia orientado a família sobre isso.

Esse mesmo PM, segundo a mulher, os havia abordado dois dias antes, quando a criança dirigia na rua de casa, e perguntara apenas sobre nota fiscal. "Ele não falou em nenhum momento que não podia andar. Se dissesse algo, eu já deixava na garagem de casa e pedia para o meu pai levar embora", explica ela.

Nesse segundo encontro, após o policial pedir a documentação, Simone disse que não sabia que precisava e sugeriu empurrar o brinquedo motorizado de volta para casa ou então tirar a bateria.

"O desconhecimento da legislação não exime o condutor da aplicação das normas, seja elas de trânsito ou de outra espécie", diz a PM em nota.

Imagem de vídeo divulgado em rede social mostra mini-Fusca sendo guinchado pela PM em SC @simonefranca_041 no instagram

A empresária afirma que quem estava conduzindo o mini-Fusca era o pai, e não a filha. "Era ele que estava usando o freio e o acelerador. O policial alegou que ela estava dirigindo, e a gente falava 'como que a gente vai deixar ela dirigir aqui?' Não dava nem para andar a 10 km/h."

Modelos como o da família paranaense têm quatro pedais: um freio e um acelerador para quem está à esquerda e outro freio e outro acelerador para quem está à direita.

Segundo a PM, a entrega de veículo a pessoa não habilitada pode gerar detenção de seis meses a um ano ou multa. O pai da criança teve a habilitação apreendida e vai responder a um processo criminal.

Para Alan Bousso, mestre em direito civil, o pai da criança tem que responder criminalmente, por ser o responsável pela menor. "Como o carro pode atingir 50 km/h, ele pode causar prejuízo para as pessoas", explica. "A polícia não tem só o dever, mas a obrigação de tirar o carro de circulação, que pode causar a morte de alguém."

Segundo a empresária, a filha costuma dirigir o mini-Fusca no condomínio onde moram, em São José dos Pinhais (PR), e nunca teve um problema semelhante. O carro, que custou R$ 12.500, faz sucesso entre as crianças da região, ela diz.

Após a confusão, a família adiantou o retorno para casa e já procurou um advogado para liberar o mini-Fusca com a Justiça. A empresária diz, ainda, que está avaliando processar o Estado de Santa Catarina pelo jeito que a família foi tratada pelos PMs.

Segundo a paranaense, a filha sofreu bastante com o ocorrido, tanto durante as quatro horas que levou o guinchamento, quanto depois, tendo pesadelos com a mãe sendo presa por conta das andanças com o o carro.

Imagem de vídeo mostra a mansão 'The One' que irá a leilão por R$ 1,67 bilhão nos Estados Unidos YouTube/MichaelProducer

Propriedade mais cara dos Estados Unidos, 'The One' irá a leilão por mais de R$ 1,67 bilhão

F5

SÃO PAULO Intitulada como "The One", que quer dizer "A única" em português, a casa mais cara dos Estados Unidos está prestes a ser considerada a venda cara já feita no país. A propriedade será leiloada em 7 de fevereiro, listada no valor de US$ 295 milhões, o que equivale a cerca de R$ 1,67 bilhão.

A propriedade possui 9.500 metros quadrados e fica localizada no bairro de Bel-Air, em Los Angeles, nos Estados Unidos. Se a casa for vendida, a plataforma de leilões Concierge irá presenciar a maior compra on-line já feita, segundo o site Architectural Digest.

Anteriormente, a casa já havia sido avaliada em US$ 500 milhões, o que equivale a R$ 2,84 bilhões. A possível transação está sendo feita pelos agentes Aaron Kirman, que aparece com frequência em programas da TV norte-americana, e Branden e Rayni Williams, ambos do grupo Williams and Williams.

A casa foi construída em um terreno de 40 mil metros quadrados, e tem vista de 360°. De cima da mansão, é possível ver o Oceano Pacífico, o centro de Los Angeles e a cordilheira de San Gabriel.

O imóvel tem 20 quartos, e o maior deles mede cerca de 510 metros quadrados.

Na área de lazer estão uma boate particular, piscina com borda infinita, banheira de hidromassagem, duas saunas, salão de beleza, pista para corrida, quatro pistas de boliche, biblioteca de dois andares, um teatro com 40 lugares, quadra de tênis, uma adega para 10 mil garrafas, academia e um salão de charutos. A garagem tem a capacidade de para 30 carros, e é equipada com duas mesas giratórias para exibir os automóveis.

9.500 m²

é a área total da propriedade, que fica em Los Angeles

20

é o número de quartos na casa, o maior deles com 510 m²

A "The One" foi projetada e construída por Nile Niami, por 10 anos. Antes que a casa recebesse hóspedes, ela foi colocada em liquidação judicial pelo Tribunal Superior do Condado de Los Angeles, para fazer com que os credores de Niami fossem pagos.

Ele acumula US$ 165 milhões em dívidas e empréstimos, o que equivale a cerca de R$ 940 milhões.

Cachorro salva montanhista após acidente na Croácia

BOM PRA CACHORRO

Lívia Marra

SÃO PAULO North, um malamute do Alasca de oito meses, aqueceu e ajudou a salvar a vida de um montanhista ferido na Croácia.

Grga Brkic e o animal caíram em um barranco no último fim de semana, durante caminhada na cordilheira Velebit, perto da costa adriática.

Outras duas pessoas faziam o passeio, sendo uma delas o primo de Grga e tutor de North.

Os socorristas tiveram dificuldades para chegar ao local do acidente devido à neve e árvores arrancadas por deslizamentos de terra.

O resgate demorou 13 horas e, durante esse período, o cachorro — com sua pelagem abundante — aqueceu Grga, deitando sobre ele.

"Este cachorrinho é um verdadeiro milagre", disse seu tutor à mídia local, após a operação.

"A amizade e o amor entre homem e cachorro são ilimitados", escreveu o Serviço de Resgate de Montanha da Croácia em rede social.

A publicação acompanha foto que mostra North deitado sobre a vítima em uma maca. "Com este exemplo, todos podemos aprender como cuidar uns dos outros", conclui.

Segundo a agência francesa AFP, o acidente aconteceu perto do pico mais alto do maciço, que fica a cerca de 1.800 metros acima do nível do mar.

Cachorro deita sobre montanhista acidentado em Velebit Serviço de Resgate na Montanha da Croácia - 4.jan.2022/AFP